

Diário de Lisboa

Edição
da
noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 1970 N.º 17 211 ANO 50.º PREÇO 1\$50

Nós e o Mundo
em

MESA
REDONDA

suplemento das sextas-feiras

DE GAULLE VISTO POR MENDÉS-FRANCE



A figura e a obra do general de Gaulle avultam na História da França como sinal de contradição. Desde a explosão da guerra na Indochina ao desfecho do conflito na Argélia, da política de «terceira força» entre os E. U. A. e a U. R. S. S. à atitude adoptada com determinados países em vias de desenvolvimento, a acção do antigo chefe da França Livre não é, naturalmente, isenta de ásperas críticas e de acesas controvérsias. Ninguém melhor que Pierre Mendès-France estaria à altura de comentar a política do estadista há dias desaparecido. Começamos hoje a publicar na pág. 3 uma série de dois artigos da autoria do antigo chefe do Governo francês e «leader» do P. S. U. (Partido Socialista Unificado).

Já se pode fazer TV em casa

Sabe o leitor que, dispondo de algumas dezenas de contos, e um mínimo de tendência para realizador ou operador de imagens, pode utilizar o televisor doméstico, para nele ver (e ouvir) os seus próprios programas de TV? Mas isso — que se pode considerar novidade, em Portugal — não é mais que uma enorme gama de gravadores e reprodutores de som — de fita ou de «cassettes» — está, agora, a começar a suceder para som e imagem, ao mesmo tempo. Mesmo em Portugal, onde só há uma estação oficial de televisão, já é possível

a algumas pessoas «fabricarem» os seus próprios programas de TV como mais detalhadamente se explica na página central.

A PARTIR DO PRÓXIMO SÁBADO

NOVOS TIPOS DE PÃO

O novo Regime Cerealífero, cujo diploma recentemente publicado entra em vigor depois de amanhã, vai provocar importantes alterações tanto no que respeita ao fabrico do pão como no que refere à sua comercialização. No entanto, os preços não foram alterados.

A fim de prevenirmos possíveis confusões, informamos o público consumidor de que os preços do pão de 1.ª e 2.ª qualidades, nos estabelecimentos, por unidades de diversos pesos, serão os seguintes:

Pão de 1.ª, 60 g — \$40; 240 g — \$160; 500 g — \$310; 1000 g — \$620. Pão de 2.ª, 500 g — \$170; 1000 g — \$330; E admitte em relação aos pesos por unidade, uma tolerância de 5%.

Na venda ao domicílio, os referidos preços serão acrescidos das seguintes importâncias: Pão de 1.ª, por duas unidades de 60 g — \$10; por ca-

da unidade de 240 g — \$20; e por cada de 500 a 1000 g — \$30. Pão de 2.ª, por cada unidade de 500 g — \$20 e de 1000 g — \$30.

Por sua vez chamamos a atenção do consumidor de que são livres os preços do pão fabricado em unidades de 30 g e do que tem formato de cacetete e forma.

As secções de venda dos estabelecimentos de fabrico e os seus depósitos são obrigados a ter, à venda, no que respeita ao pão tabeado, o pão de menor preço das espécies que fabricarem. Na sua falta terão de fornecer pelo mesmo preço o pão de qualidade superior salvo se provarem que circunstâncias imprevisíveis fizeram aumentar consideravelmente o consumo de pão de menor preço.

O consumidor deve, pois, estar atento aos seus direitos e exigir sempre o pão que prefere aos preços fixados pela lei.



Cessaram os combates em Amã

AMã, 19 — (P. R.) — Os combates cessaram esta manhã ao romper do dia, na capital jordana. Os tiros das armas automáticas e das metralhadoras cessaram pouco depois das 6 horas locais.

O tiroteio, que se tinha tornado esporádico às 2 horas, recomeçou com violência às 2 e 15, e após um novo período de mais calma, às 4 e 45. Em certos momentos, o crepitar das armas de todos os calibres era tão nutrido como durante os sangrentos recontros de Setembro, entre os jordanos e os palestinos na capital hachemita.

CEM MIL PROFESSORES EM GREVE

BUENOS AIRES, 19—(R.) — A Polícia empregou mangueiras de incêndio contra milhares de professores, em greve, que desfilavam ontem no centro desta capital para protestar contra a política educacional do governo e insistir em aumentos de salário.

Os manifestantes encontravam-se entre cerca de 100 000 professores de escolas elementares e secundárias que iniciaram ontem uma greve de 24 horas, paralisando os estabelecimentos de ensino em toda a Argentina.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS — LER NA 2.ª PÁG.

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

UM TEATRO E UM VIADUTO EM PERSPECTIVA
PARA VALORIZAR LISBOA (Ler relato da sessão)
Municipal na 8.ª pág.)

Este é um dos moderníssimos gravadores de som e imagem que já começaram a ser vulgarizados em Portugal e permitem a qualquer pessoa produzir e realizar programas de TV para uso doméstico

RECONSTITUÍDOS OS CRIMES DE SETÚBAL E DA MATINHA

• DESCOBERTO O CORPO DA SEGUNDA VÍTIMA

Acabou o pesadelo. Um indivíduo de 43 anos, antigo pastor, antigo amola-tesouros, antigo operário da construção civil, negociante de roupas por feiras e mercados, natural de Aranhas, Pena-macor — mas acima de tudo isso, filho da miséria e da ignorância e da maldade, e dotado de força invulgar —, saiu do anonimato do submundo do crime e veio à superfície, com direito a retrato nas primeiras páginas dos jornais. Por via de dois crimes de morte, cometidos com requintes próprios de selvagem.

Ontem, à tarde, o sr. dr. Vaz Sequiera, subdirector da Polícia Judiciária — a corporação policial que descobriu o criminoso, menos de 48 horas depois de terem sido achadas partes do cadáver da segunda vítima — convocou os jornalistas para o seu gabinete a fim de «fazer o ponto» do que os seus homens haviam descoberto.

Foi ontem, cerca das três horas da madrugada — que

com a face mutilada, perto de Setúbal.

Em meados de Setembro, na Feira de Portalegre, o criminoso conheceu Leonel Abrantes da Cunha, de 53 anos, casado, antigo alfaiate, residente na Serra de S. Mamede, em Portalegre. Em tempos condenado por ter provocado a morte de uma filha. Como o antigo alfaiate lhe tivesse confessado que andava em dificuldades, José

Temendo que os jornais viessem a publicar o retrato do morto, se o corpo fosse encontrado, resolveu destruí-lo e o rosto com uma pedra. Com uma navalha, degolou-o. Em seguida despiu-o e abandonou o corpo, no local.

O corpo veio a ser descoberto, mas os investigadores tendo identificado a vítima pelas impressões digitais — que, como atrás se diz, tinha cadastrado — só souberam que o alfaiate, se ausentara de Portalegre com um desconhecido, que se dizia «amanhador de máquinas de costura».

O outro crime ocorreu na madrugada de segunda-feira. Dele foi vítima José Pedro dos Reis, antigo marítimo, residente no Caminho do Mocho, onde vivia, com o criminoso, na barraca n.º 1. Foi neste local que ocorreu o crime. José Borrego, irritado com o que vinha sendo o seu companheiro habitual, talvez porque este, a quem havia

emprestado cinco contos para emigrar para França, se resolveu, afinal, a não partir, brigou com ele e agrediu-o. Forte como um touro, o criminoso não teve dificuldades em dominar o companheiro. Agrediu-o à pedrada e, por fim, vibrou-lhe uma facada no pescoço.

O homem estava morto. Para mais facilmente se desembaraçar do corpo, o Borrego decidiu cortá-lo aos pedaços. A cabeça, as pernas e os braços, metendo-os num saco de plástico e, na manhã seguinte, metendo o macabro embrulho numa mala de viagem, tomou um comboio em Paço de Arcos.

Acabou por despejar a sua macabra bagagem na Matinha, num local lamacento. Com a mala vazia regressou de camioneta, à Encarnação. E utilizou um autocarro e o comboio voltou a Paço de Arcos, como se nada tivesse acontecido. Quanto ao resto

Domingos Borrego explica a um investigador, na Quinta da Varzinha, em Setúbal, como, quando e onde matou o alfaiate de Portalegre. O criminoso, sorridente, explica que então, o que mais o preocupou foi ter perdido a sua máquina de barbear

do corpo (o tronco) envolveu-o num saco de cimento e deitou-o a um poço, na Quinta de S. João, na mar-

gem sul do Tejo, onde foi encontrado no decorrer da reconstituição dos dois crimes, ontem feito.



Os bombeiros tiram do poço da Quinta de São João (perto da Varzinha), em Setúbal, o tronco da segunda vítima do criminoso, cujos membros e cabeça este deca para antes, lançando-os, dentro de um plástico, na Matinha, entre Sacavém e Beiroas

Os agentes da P. J. prenderam o criminoso, José Domingos Borrego, quando este voltava ao tugurio que habitava, no Caminho do Mocho, na Estrada do Pôr-do-Sol, em Paço de Arcos, onde, após breves evasivas, confessou ter morto o homem cujo cadáver apareceu em pedaços, e também o alfaiate há semanas encontrado morto e

Borrego propôs-se auxiliá-lo, fazendo-se seu «capitalista». E assim andaram algum tempo, vendendo roupas, cada um por seu lado.

De vez em quando, encontravam-se e dormiam, então, juntos, ao ar livre, nos pinhais.

No dia 12 de Outubro último, resolveram ambos ir às imediações de Setúbal, a fim de visitarem «um amigo» do antigo alfaiate. Antes, passaram a tarde numa taberna, a beber. Depois, na Quinta da Varzinha, não encontrando a casa que procuravam, os dois homens zangaram-se, lutaram, mas as mãos de José Borrego são fortes como tenazes — e o outro morreu.

Câmara Corporativa

Sob a presidência do sr. dr. Luís Suplício Pinto reuniu-se hoje a secção permanente da Câmara Corporativa com procuradores agregados, para apreciar o parecer, de que é relator o procurador prof. eng.º Leite Pinto, acerca do projecto de decreto-lei que aprova para ratificação a Convenção Geral sobre Cooperação Científica e Tecnológica entre Portugal e a Espanha, assinado em Madrid em 22 de Maio de 1970.

Seguidamente a mesma secção prosseguiu com os trabalhos de apreciação do projecto de parecer, de que é relator o procurador dr. Fernando Cid de Proença, sobre a Duração do Trabalho Prestado por Força de Contrato de Trabalho.

Lar Académico

Amanhã, às 19 horas, o general Barreira Antunes, presidente da comissão directiva dos Serviços Sociais das Forças Armadas, preside à cerimónia de abertura do novo ano lectivo do Lar Académico Militar, em Oeiras.

Subsiste o mistério do «esqueleto apunhalado» em Figueiró dos Vinhos

FIGUEIRÓ DOS VINHOS, 19 — O comandante do posto da G. N. R. desta vila iniciou já as necessárias diligências no sentido de se procurar lançar um pouco de luz sobre o mistério do esqueleto (ainda atravessado por um punhal) que os trabalhos para a abertura de uma estrada puseram a descoberto.

Foi no lugar de Saonda, freguesia de Aguda, que uma máquina escavadora empregada nos trabalhos de terraplanagem de uma estrada camarária fez surgir uma espécie de coval, onde jazia um esqueleto humano. A presença do punhal parecia indicar tratar-se de alguém assassinado há muitos anos.

O caso, comunicado às autoridades, impressionou fortemente a opinião pública local, chegando a aventar-se a

hipótese de tratar-se do esqueleto de uma mulher que há cerca de setenta anos desaparecera sem deixar rasto.

A G. N. R. que tomou conta do caso, esteve no local e fez já a respectiva participação ao tribunal da comarca.

As reformas nas Universidades da Grã-Bretanha

PORTO, 19 — Na Associação Luso Britânica do Porto, o sr. prof. dr. John Sinclair, Mr. Morrison faz, amanhã, às 18 horas, uma conferência durante a qual tratará dos problemas relacionados com as reformas nas Universidades da Grã-Bretanha.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

FOI ENCONTRADO MORTO NA SERRA DA CABREIRA O PILOTO INGLÊS QUE DESAPARECERA

PORTO, 19 — Foi encontrado morto, no meio dos destroços do seu «Beechcraft», o piloto inglês eng.º Stanley Rice, técnico consultor da firma Quinta & Quintas, da Póvoa de Varzim, que ontem se despenhou na serra da Cabreira.

Não se confirmou, infelizmente, a hipótese de que o eng.º Rice tivesse rumado a qualquer aeródromo espanhol, depois da avaria registada a bordo do aparelho. Esta ma-

nhã, um caçador, deu com os restos do avião — e com o cadáver, que não apresenta mutilações — perto do lugar de Sodro, freguesia de Louredo.

Stanley Rice era um piloto experimentado, que há cerca de dez anos voava regu-

larmente entre o Porto e Londres. O desastre tem, talvez, uma explicação para além da avaria: perdendo altura, o piloto haveria procurado pousar numa estrada das vizinhanças, e embatido, durante a manobra, contra o espesso arvoredor.

CONFERÊNCIAS NA GULBENKIAN

Realizou-se hoje ao fim da tarde, no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian, a última das conferências do ciclo integrado no âmbito da Exposição Retrospectiva da obra de Raul Lino, sob o tema «A vida corre, o tempo continua», que o próprio professor.

Entretanto, no mesmo auditório e à mesma hora do dia 30 próximo, o prof. dr. Guilherme Diaz-Pleija, mem-

bro da Real Academia Espanhola de Madrid e do Instituto de Cultura Hispánica de Madrid, entre outras instituições, dissertará sobre «Dois exemplos de intercultural ibérica». Esta conferência prossegue a iniciativa conjunta da Fundação Gulbenkian e da Embaixada de Espanha em Lisboa dentro do programa de intercambio cultural luso-espanhol.

EM MOÇAMBIQUE

UM TENENTE BATEU O «RECORD» DA QUEDA LIVRE

BEIRA, 19 — (L.) — Lançou-se de 6838 metros, e chegou ao solo tirando de frio, enregelado, mas feliz, o tenente-pára-quedista Estêvão Rosa Gaspar, que assim bateu o «record» nacional de queda livre, que pertencia ao também tenente-pára-quedista Agostinho Cavaco, com um salto de 6500 metros.

A tripulação, e o próprio pára-quedista, antes

do salto, estiveram permanentemente a receber oxigénio, através de botijas individuais, dada a grande altura a que voava o aparelho.

Segundo o cronómetro especial utilizado nestas condições, a queda livre durou 2 minutos e 3 segundos. O pára-quedista tocou o solo a tiritar de frio e com fortes dores nas mãos enregeladas, que tiveram de ser friccionadas.

OURIVESARIA CORAL

Gosto e distinção, caracterizam a sua maravilhosa existência
AV. DE ROMA, 14-A

Administração
de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

NA MORTE DE DE GAULLE 1

Por
**PIERRE
MENDÉS FRANCE**



«A GRANDEZA DE UM DESTINO»

Parecia em vida dele que tudo, o bem e o mal, estava dito sobre De Gaulle. Mas a morte, se não altera o sentido de um destino, impede os juízos ditados em demasia por considerações mesquinhas de circunstância. É natural que todos os dias se tomem posições por, ou contra, um homem de Estado, em função dos interesses em causa e segundo as suas atitudes perante os sucessivos problemas, mesmo que as circunstâncias o tenham levado a retirar-se da cena política (o que não impedirá que a sua presença, ainda que silenciosa, pese nos acontecimentos). Quando uma vida acaba, devemos, finalmente, considerá-la como um conjunto: não exige uma objectividade diferente da que é devida aos vivos, nem uma indulgência suplementar, mas obriga-nos a revê-la no seu alcance global.

Neste caso, a síntese torna-se difícil. O homem que em 1940, lançou o apelo às armas pela liberdade, foi também aquele que, vinte anos depois, instaurou em França uma espécie de monarquia paternalista. Aquele que, mais do que ninguém, ligou, há um quarto de século, o nosso destino ao do mundo anglo-saxão, foi também aquele que mais tarde, usou da maior tenacidade para nos afastar desse mundo. Aquele que esteve de facto, na origem da guerra da Indochina e cuja influência contribuiu para mais persistirmos nela, aquele que voltou ao Poder graças a uma insurreição fomentada pelo tema da «Argélia Francesa», foi também aquele que presidiu à liquidação do colonialismo francês. Não podemos dissociar estes elementos contraditórios, nesta hora em que devemos escrever uma conclusão, traçar um balanço e pôr em relevo os traços mais vinculados a uma personalidade a quem a História pede necessariamente contas: o papel dessa personalidade foi demasiado grande para não se lhe pedirem contas.

O APELO DE 18 DE JUNHO DE 1940

Dentre tantos acontecimentos, o primeiro que o fez entrar na celebridade é também o que dita os critérios por que havemos de julgar De Gaulle. No apelo de 18 de Junho de 1940, e depois durante 4 anos, na direcção da Resistência Francesa, De Gaulle não revelou apenas lucidez, carácter, autoridade, coragem, qualidades que sempre lhe não-de conferir uma notável eficácia pessoal nos empreendimentos a que se abalancara. Um extraordinário encontro destas aptidões e da mais nobre ambição com as circunstâncias investiram-no então de uma missão que a todos sobreleva em altura e beleza. O prestígio imenso e legítimo que daí retirou conferiu-lhe possibilidades sem igual de influenciar a política francesa do pós-guerra. Mérito e acaso (que andam sempre juntos nos grandes acontecimentos) torna-

ram-no assim responsável muito mais responsável que outra pessoa qualquer, pelo futuro do país; e este passado de uma verdadeira glória situava-o a um nível onde toda a concessão posterior à habilidade, pequena ou banal, todo o erro de apreciação sobre as realidades profundas de um país em plena transformação, toda a indiferença sobre o que após ele sobreviesse, constituiriam uma espécie de traição à sua vocação histórica.

A este respeito, tudo iria depender da manelira como, depois da guerra, ele concebera as suas relações com a nação de que, com a guerra, se fizera intérprete.

senial, que era a luta pela liberdade. Além disso, embora a tradição de Jaurès fosse estranha a De Gaulle, isso não o impedia de se mostrar des-tituído de preconceitos mesquinhos. A leitura de Jean-Jacques Rousseau não figurava é certo nos programas de Saint-Cyr e da Escola de Guerra, mas algo da intransigência e, por vezes, das formulas de Saint-Just tingia as palavras de ordem do chefe da França Livre. A legitimidade que ele reivindicava apoiava-se na legalidade republicana e visava restabelecê-la; o inimigo denunciado era o fascismo e não a eterna Alemanha dos mitos «maurascianos», e a condenação da ditadura, a repetida proclamação dos direitos soberanos do povo, não conhecia reserva, nem fraqueza. A Resistência reencontrava sob este chefe, o coração puro e o optimismo dos soldados do Ano II.

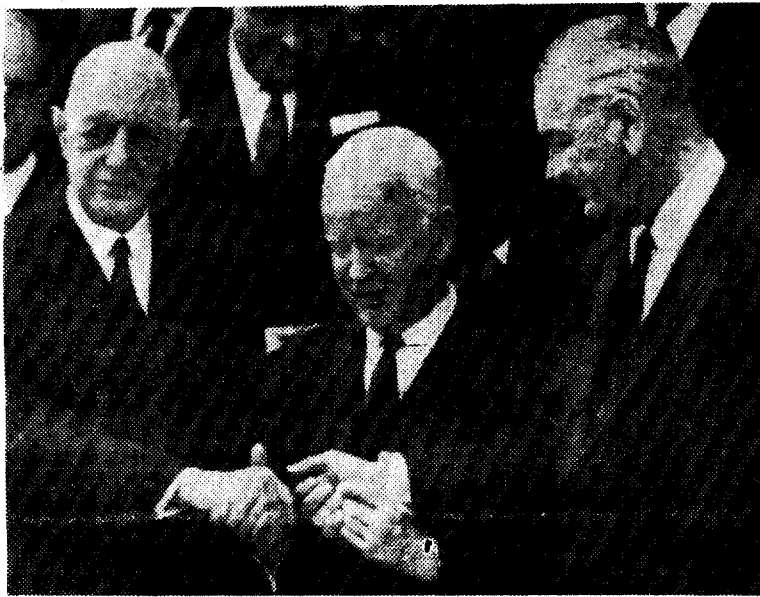
Não é sem razão que, mais tarde, falando sobre si mesmo, ele diria, por vezes: De Gaulle. Perante essa personagem real iria erguer-se, doravante, uma outra imagem, vinha dessa epopéia, e o que

tes procurar saber se ele não terá faltado à plena consciência do seu destino e se o verdadeiro processo contra De Gaulle não terá sido aberto precisamente por ele. Embora ele gostasse de se olhar no espelho da História, terá ele discernido, após a libertação, qual a natureza real dos novos serviços que podia prestar ao país (porque, na verdade, em certo momento, ele foi a França)? Terá ele medido tudo quanto isso lhe impunha e tudo quanto isso lhe proibia?

A PROVA DA DESCOLO-NIZAÇÃO

Para respondermos a estas questões, teríamos de refazer toda a cronologia dos últimos 25 anos.

Em 1944, apesar do luto e das ruínas, a França, que, em larga medida, graças a ele, figurava entre os vencedores, teve o sentimento de uma auro-ra: a unidade nacional reconstituiu-se, os comunistas entravam no jogo da democracia, os conservadores já não recusavam o progresso so-



Um aperto de mão tripartido: De Gaulle com os (então) presidentes dos Estados Unidos e da República Federal Alemã

Durante o combate, graças a um comportamento inatacável, desmentiu todas as prevenções que se tinham manifestado contra ele. A priori, podiam recear-se tendências pessoais do general de Londres, uma cultura assente sobretudo, na História, uma tendência espiritual levemente «maurasciana», não o predispunham muito a compreender o povo francês na sua profundidade nem as necessidades de um futuro tão diferente do passado. Léon Blum, em especial, interrogava-se a si próprio, mas, abandonando, como sempre, os pormenores, decidia banir essas preocupações do seu espírito e fazer prevalecer o es-

tado, o estrangeiro e os povos de além-mar esperavam reencontrar a França que eles amavam. Tudo parecia possível. Sabe-se o que aconteceu depois...

Mais que condenar-lhe o egoísmo, deveremos an-

Bem entendido, a evolução da situação mundial, separando lamentavelmente o mundo em dois blocos hostis, contribuiu, em grande parte, para as divisões internas e para o restabelecimento de rotinas de vistas curtas. Mas o factor decisivo que provocou o desmoronamento provêlo do problema da descolónização. E, diga-se o que se disser, não é exacto que o general De Gaulle tenha mostrado, neste

(Continua na 10.ª página)

NOTA

A REVISÃO E O RESTO

A REVISÃO CONSTITUCIONAL virá a ser o assunto porventura dominante na próxima sessão da Assembleia Nacional a principiar na próxima semana a cuja convocação, aliás, já procedeu o respectivo presidente nos termos regulamentares. A informação contida na nota do Conselho de Ministros dá o sinal de que o Governo tem pronta a proposta que vai apresentar sobre essa matéria, relativamente à qual não faltam as conjecturas. Esse não é, porém, caminho por onde seja possível enveredar, mesmo que se disponha a arrimar-se ao bordão, quem não vá socorrido pelo braço de guia benévolo. Mas revisão, isso haverá. A actual Assembleia dispõe dos poderes respectivos e pelo menos o Governo não está na disposição de se mostrar indifferente à oportunidade, que poderá igualmente tentar os próprios deputados. Grupos de dez a quinze deputados poderão tomar, em tal capítulo, a sua própria iniciativa, admitida expressamente no texto constitucional. Mas evidentemente é na proposta do Governo que vão centrar-se as atenções e a discussão. A partir de quarta-feira veremos erguer-se a cortina que não deixa regalar-se a curiosidade dos cidadãos atentos.

Um ponto decisivo em relação ao qual várias vezes aqui se tem fixado a atenção, procurando atrair para o caso atenção também do País e do Governo, é o que se refere à política dos terrenos para construção, objecto, como têm sido, de toda a sorte de especulação a partir da qual nas suas transacções se atingem preços elevadíssimos que se repercutem no custo da construção urbana e, em consequência, no preço das rendas de aluguer. Já o ministro da Previdência Social o tinha há tempos publicamente anunciado e, como to dado a saber pela nota do Conselho de Ministros, está pronto e já aprovado o respectivo decreto-lei. Com ele se procura definir uma política dos solos, «tendente a diminuir o custo dos terrenos para construção nas áreas de expansão dos aglomerados urbanos em desenvolvimento ou em que se pretender criar novos núcleos populacionais». Claro que só por via legislativa seria possível tentar alguma acção cujos termos estavam perfeitamente esclarecidos mas para que não havia o amparo legal. Vamos a ver o que diz o decreto e como é que é possível dar-lhe aplicação.

E já que falamos da Constituição, a propósito da sua próxima revisão, talvez daqui se possa perguntar quantas são as pessoas que sabem ou se lembram haver um preceito nela inscrito, n.º 4.º do art.º 6.º, que fixa ao Estado a incumbência de «defender a saúde pública». O que dá muito mais força do que aquela com que correntemente se conta às discussões que sobre tal assunto vêm agora a travar-se com o vigor que se tem visto. Em tal capítulo, adiantamos daqui, há poucos dias, a nossa dúvida quanto ao bom fundamento de um novo hospital em Lisboa com o deslustramento numérico de mil e duzentas camas, fora o resto. Pois encontramos, dias depois, a notícia de um programa de hospital médio (trezentas camas) para a cidade francesa de Beaune, com cirurgia, medicina, pediatria, maternidade, reanimação, cuidados intensivos e consulta externa. É um protótipo, com várias inovações pelo que diz respeito, por exemplo, à alimentação dos doentes, ligações internas e equilíbrio de custos de exploração. Dezoito meses a construir. A fórmula é tida como um achado. Quatro outras cidades francesas fizeram imediatamente a sua encomenda.

Para fechar regozijamo-nos com o regozijo calmo em que o «Diário da Manhã» se confinou quanto aos problemas da dúvida e da fé, aqui chamados à colação a propósito do anunciado programa das auto-estradas. Teríamos feito o mesmo, porque não é com exercícios de suposto virtuosismo de combates de galos que interessa vituar a atenção do público a quem todos nos dirigimos, pela nossa parte, não para captar adeptos, mas para tentar esclarecer o que for de interesse de todos. E o nosso papel, supomos, é o de contribuir para esse esclarecimento, se dispusermos nós de meios para tanto, ou de promover que o façam os outros, quando as dúvidas também forem nossas. Mas polemizar, para quê? Não adianta.

EXCLUSIVO TRIUNFO

ESTES SIMPÁTICOS "CAVALHEIROS" DO GATILHO

O QUE PODERÁ ACONTECER QUANDO

FRANCIS BLANCHE
MICHEL SERRAULT
JEAN POIRET
DARRY CORDY
ANNIE CORDY

RESOLVEM FAZER UM ASSALTO?...



realização de **RAOUL ANDRE**

Techniscope Eastmancolor
MAIORES 17 ANOS

H O J E ESTREIA
às 21.45 DE SENSACÃO NO **EDEN**

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

HOJE
às 21.45 HORAS
FESTA DE HOMENAGEM A ELVIRA VELEZ

O programa da festa de homenagem a ELVIRA VELEZ inclui algumas cenas da peça "TOMBO NO INFERNO", de Aquilino Ribeiro, a representação integral de "A RELÍQUIA", de Eça de Queiroz, e um acto de consagração com a presença da maioria dos artistas portugueses e em que fará o elogio da homenagem o Dr. Luís de Oliveira Guimarães.

DEFINITIVAMENTE
86 ATÉ DOMINGO
PARA VER
A DIVERTIDÍSSIMA SATIRA

A RELÍQUIA DE EÇA DE QUEIROZ

(Maiores de 17 anos)

Produção de Igrejas Caeiro

TODAS AS NOITES
às 21.45 HORAS

Sábado e Domingo também às 16 horas

BREVEMENTE ESTREIA
A DENÚNCIA SATIRICA DE CALVO BOTELO



o inocente

UMA PEÇA ONDE A BRINCAR A BRINCAR, SE DIZEM COISAS MUITO SÉRIAS

BILHETES A VENDA
PARA A ESTREIA E DIAS SEGUINTE

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

TICO-TICO NO ORIENTAL

O Teatrinho Tico-Tico, sob a direcção de Rosa Mateus, dá sábado à tarde, com início às 15 e 30, um espectáculo no Clube Oriental. Representa a peça infantil e musicada "Era uma vez uma princesinha", dedicada especialmente às crianças das famílias das associações daquela agremiação. O espectáculo faz parte da programação cultural deste ano de iniciativa do Município.



«QUE CANTA ESPANHA?»

TÍTULO ORIGINAL —
«En que pays vivimos?» ou «Que Canta Espanha?»

REALIZAÇÃO — José Luiz Saenz de Heredia, 1970 (Espanha).

FOTOGRAFIA — Alfredo Fraile (Eastman-color).

MUSICA — Gregoria G. Segura e Augusto Alguero.

INTERPRETES — Manolo Escobar, Conchita Velasco, Alfredo Landa, Gracita Morales, Conjunto «Los Stop», etc.

DISTRIBUIDORA — Exclusivos Triunfo.

ESTREIA — Cinema Odéon (18.XI.1970).

Palestra de Costa Ferreira na Caixa Geral de Depósitos

Tendo em vista a possível organização de um grupo cénico, integrado na secção cultural dos Serviços Sociais da Caixa Geral de Depósitos, um grupo de empregados desta instituição promoveu a realização de um colóquio sobre teatro durante o qual o actor Costa Ferreira dissertou sobre as realidades estéticas, artísticas e sociais do teatro.

Norberto, que em breves palavras pôs em relevo o grande amor pelo teatro desde sempre evidenciado por Costa Ferreira e salientou o seu brilhante papel na cena portuguesa.

A iniciativa despertou bastante interesse e muitos foram os funcionários da Caixa que estabeleceram animado diálogo com o orador. O actor foi apresentado pelo empregado da Caixa sr. Luís

CRISTAIS PORCELANAS MÉNAGE

PRESENTES PARA A QUADRA DE NATAL

CASA DAS UTILIDADES
RUA IVENS, 54 — LISBOA

Manolo Escobar (que veio a Lisboa apresentar ao vivo este «Que Canta Espanha?») é um homem muito dotado: canta castiço, dança flamenco (ou, pelo menos, tenta), faz assim com as mãos, como quem pede perdão, e diz que só conhece as mulheres que cantam e rezam. É mais ou menos isto, não garantindo fidelidade absoluta. Concedemos que conhece mal as mulheres. Conchita Velasco bem lhe chama *maritaca ibérica*, mas ele moita. Como não gosta do penacho da Conchita, que lhe cobre metade da cara, aceita o desafio e vai cantar á disputa: quem ganhar pode cortar ao outro o que quiser. Do Manolo já sabemos que quer as brancas; da Conchita preferimos ignorar quais as suas perversões de cabecelral.

José Luiz Saenz de Heredia é também um perverso. Se não fosse, não brincava com a gente da maneira que o faz. Aquela história da compita entre o «whisky» e a saia-parrilha (ou quejando) só mesmo por patologia. O caso é grave. O Odéon parece, aliás, especializar-se em enfermidades deste tipo neste começo de época. Depois da «Maltiquinha de Anrolos», eis Manolo Escobar e Conchita Velasco. Ou o «complot» ibérico... — L. A.

HOJE, às 20.45 e 23 HORAS

MARIA VITÓRIA
(Adultos)

NA SENSACIONAL E TRIUNFANTE REVISTA

• PIMENTA NA LÍNGUA

UM ÊXITO DE GARGALHADA COM:

• NICOLAU BREYNER

A SIMPÁTICA ACTRIZ ANITA GUERREIRO A ATRACÇÃO E NO «COMPÊRE»

• OCTÁVIO DE MATOS
A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!

• Domingo, «matinée», às 16 h.

Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam os populares artistas

• JOSÉ VIANA
• AIDA BAPTISTA
• BARROSO LOPES
• DORA LEAL




OCTÁVIO DE MATOS na «compère»

RONY VALY Atracção

JOSEPH K... É JULGADO HOJE ASSISTA AO JULGAMENTO!

«O PROCESSO», de Kafka

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

TODAS AS NOITES
às 21 h. e 23 horas
— ADULTOS —

50 % DE DESCONTO PARA ESTUDANTES
Subsídios do Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro
Espectáculo do GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL

ESQUENTADORES

DAS MELHORES MARCAS

DESDE
1.300\$00

COM MONTAGEM A CROMADOS INCLUIDA

...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA LISBOA | Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

GALERIA REAL

RESTAURANTE — CASA DE CHÁ — BAR
SINTRA — SAO PEDRO — Telefone 981661
Direcção de Francisco Correia e Luís Dias

Informamos os nossos estimados clientes que amanhã, sexta-feira, 20, a nossa «SALA DA LAREIRA» se encontra reservada, aos jantares, para servirmos um banquete a uma importante COMPANHIA DE SEGUROS, servindo-se no entanto os habituais clientes nas SALAS DA GALERIA.

«O CHICO» — BAR REGIONAL
Arco do Teixeira — SINTRA
(Até às 2 da madrugada)
— Há sempre um Bom Petisco que espera por si...

O II Concurso Nacional de Bandas de Música

PORTO, 19 — Promovido pela F. N. A. T. começaram ontem, às 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, do Palácio de Cristal, as provas da segunda eliminatória da série C do II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica.

Prestarão essas provas quinze bandas, que foram apuradas da primeira eliminatória.

As sessões prosseguem, à mesma hora e no mesmo local, amanhã, depois, no sábado e no domingo.

Círculo de Cultura Musical

Os concertos da série de noite do Círculo de Cultura Musical passarão a realizar-se no Teatro Maria Matos, às segundas-feiras. Neste sentido, no próximo dia 30, naquele teatro apresentar-se-á o agrupamento de música de câmara L'Ensemble Instrumental de France.

KAFKA NO VILLARET

«Não há ser algum invulnerável a uma acusação indefinida»

— diz Sinde Filipe sobre o protagonista

«Na sua procura do sentido da vida — escreveu Roger Garaudy —, a experiência fundamental de Kafka é o facto de ser estrangeiro e de precisar de uma autorização de estadia no próprio ser. A sua situação de judeu, de língua alemã, em país checo, sob o domínio austro-húngaro, exasperou nele o sentimento da solidão e do desenraizamento».

—Tenho na frente Sinde Filipe, o actor que no Villaret está em cena todas as noites, durante duas sessões, representando exaustivamente, em «O Processo», a personagem de Joseph K.

Olho-o fixamente, agora que ele é descontraidamente Sinde Filipe, um jovem de serena e inteligente expressão lembro-me da sua figura no palco do foragido de uma comunidade social e religiosa, repenso a ambiguidade fundamental de toda a obra de Kafka, acodem-me ao espírito as confissões do autor de «América», e de «A Muralha da China» recolhidas por Janouch: «A antiga cidade judia doente e nauseabunda é bem mais real em nós do que a nova cidade higiénica que nos rodeia».

—Como é que você concebe, meu caro Sinde, a personagem de Joseph K?

—Joseph K. não é um motor: é sempre movido. É uma vítima carapultada.

—E, de certo modo, uma figura absurda, não? Como conseguiu aproximar-se dela?

—Creto que sem grande esforço. Lido o Kafka parece-me que desde sempre. E o Joseph K. de «O Processo» descobri-o, ou redescobri-o, na viagem que fiz dentro do Joseph K. que há em mim. Todos temos em nós uma zona onírica e uma fronteira da ausência e um território da culpa sem razão e da incerteza radical. Eu, pela parte que me toca, senti-me vítima até aos vinte e dois anos senti-me segregado. Limitei-me agora a abrir uma porta que em mim estava fechada e achei a figura de Joseph K. Espero que seja coincidente com a imagem que dela se terá formado nalguns espectadores, porventura em muitos.

RELER KAFKA DE MADRUGADA

—Agora que o espectáculo segue o seu curso todas as noites e que o público de Lisboa, sobretudo o público mais jovem, o discute e o critica, nalguns casos apaixonadamente, acontece-lhe ou não, Sinde Filipe, pôr ainda em causa a linha da sua interpretação?

—O que lhe posso dizer é que vou para casa, de madrugada e, mesmo exausto, releio «O Processo», ou «A Metamorfose» ou «O Castelo». Ontem, por exemplo, reli a cena do tribunal. E vários capítulos que não foram integrados no texto de André Gide e Jean-Louis Barrault, como os que referem conversas de Joseph K. com os amigos, no «café», ou com o procurador, quando K. ainda era feiz.

—Parece-lhe então importante para a sua criação embrenhar-se na própria linguagem de Kafka?

—Acho fundamental, indispensável. Tentei construir a personagem (vamos lá a ver se apanha o meu «calão») para fora, de uma maneira chaplinesca, ou melhor, à Jacques Tati, e para dentro, curvando e arqueando os ombros como alguém que se vai sentindo ameaçado progressivamente e sem saber

Entrevista de URBANO TAVARES RODRIGUES

porquê, admitindo todas as culpas hipotéticas, fora da lei, perseguido pela lei.

—No início, você é arrogante com os polícias.

—Sem dúvida. É como vejo o Joseph K. no começo da peça. Depois procuro exprimir a timidez, a falta de vontade e, ao mesmo tempo, o desejo de me enraizar na «terra dos homens comuns» quando falo, quando o Joseph K. fala, com a vizinha cansada e curiosa, a menina Burstner. A frustração no amor é também uma das coordenadas do Kafka que muito me preocupam, emora me custe mais tornar aparente essa carência da ponte entre o eu e o mundo, a porta escura...

—Como lhe surge a parábola?

—Entendo-a como uma constatação.

—Poderia, Sinde Filipe, tentar demarcar as fases da evolução da personagem na sua composição.

—Com certeza. Concebo quatro fases. A primeira é ainda de controle. Joseph K. sabia falar, tinha até um rigor de linguagem quase jurídico. A segunda fase chama-se a da amecâmara do descontrolo. Há um prenúncio na conversa com a sr.^a Grubach, mas apenas se torna manifesta no banco quando K. tem de atender os clientes e permanece desatento, imerso nas suas obsessões. A terceira fase é a do descontrolo absoluto. Reparou como o meu vulto descaí, por exemplo, no encontro com o Tinorelli? E no tribunal, depois, o desadaptado à vida há-de mostrar-se «gôche», retórico, exaltado. É o extravasar, a golfada de agonia. A quarta e última fase, a da morte, começa na catedral. E aí tudo é já neurro.

SOMOS TODOS CULPADOS

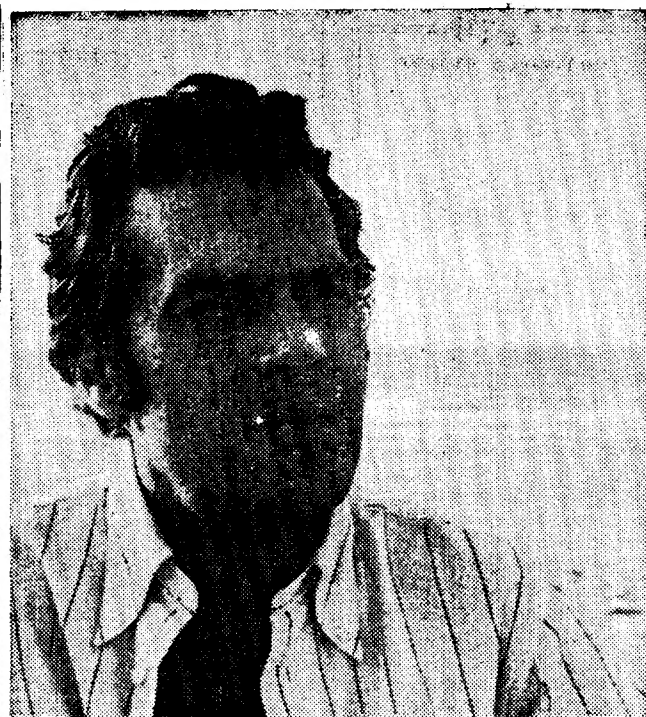
—Joseph K. é culpado ou não é?

—Não sei. Toda a ambiguidade do romance e da peça reside aí. Não há ser algum invulnerável a uma acusação indefinida, vaga, que tudo pode abranger. Qual de nós não é culpado de alguma coisa? Aos trinta anos, então, e essa é a idade de Joseph, todos temos já em nós brechas abertas.

—Concorda portanto com o Jean-Louis Barrault na afirmação de que o problema capital do teatro é o da justiça...

—Concordo em absoluto.

Aláds, como já lhe disse, mas quero vincar melhor, a impossibilidade de eleição de Kafka, a conspiração de que Joseph K. se sente objecto são, eram-me já de há muito familiares. Entrei aos dez anos para um colégio de jesuítas, aos dezoito encontrava-me em Paris tacteando a inquietação de todas as coisas num mundo cheio de signos alusivos. Respirei, bebi solidão. Ora o actor reincarna muitas vezes, já foi muitas coisas, tem em si gavetas que abre de vez em quando. O actor ou conhece ou desconhece ou reconhece. Eu tive efectivamente a sensação de haver reencontrado o Joseph K. O Young, como sabe, explica essa memória antiga, através do sonho, pelo inconsciente colectivo. E porque não? Afinal sabe-se



SINDE FILIPE: «Limitei-me a abrir uma porta que estava fechada em mim»

ainda tão pouco do cérebro humano...

—Só uma última pergunta: vocês estão totalmente contentes com o espectáculo ou pretendem ainda alterá-lo, melhorá-lo se possível?

—Não há espectáculo que não possa ainda ser melhora-

do. Neste caso sei que o Artur Ramos e o João Abel Manta estão preocupados com a ideia de tornar o cenário (que eu acho excelente) mais apelativo, diminuindo nele a dose dos negros, que passará por etapas de cinza, possivelmente.

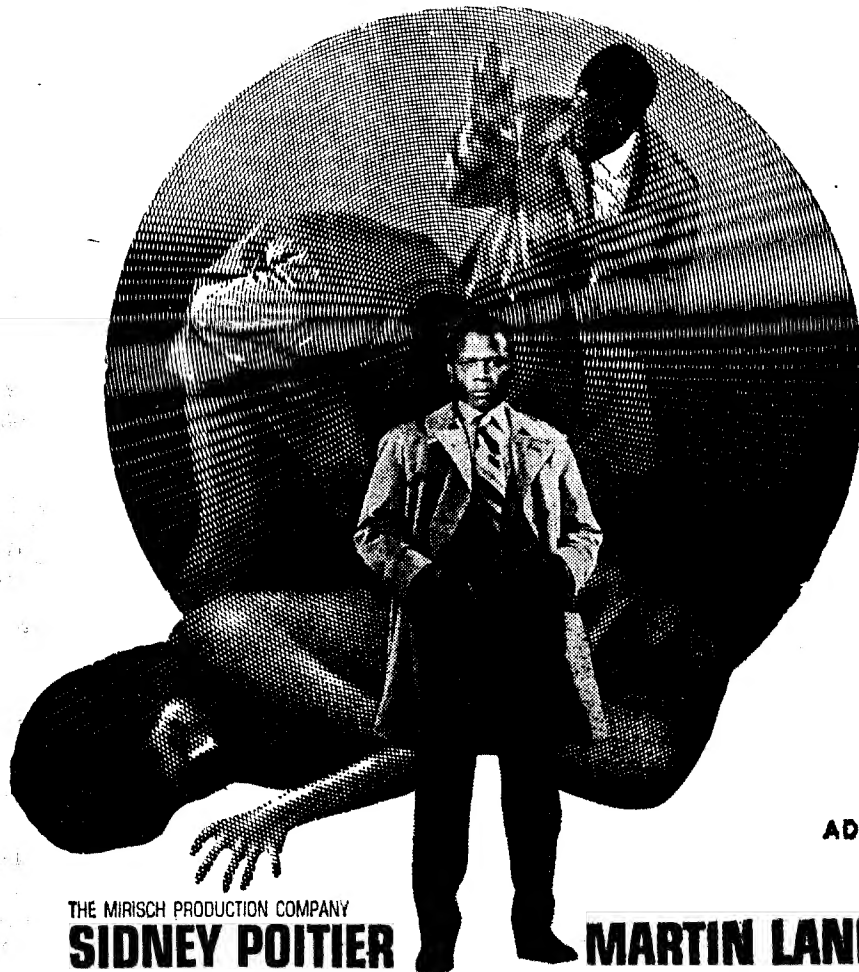
Homenagem a Elvira Velez

Dezenas de artistas portugueses estarão presentes no espectáculo de homenagem a Elvira Velez, que se efectua esta noite, e durante o qual Luís de Oliveira Guimarães proferirá palavras alusivas à vida artística da actriz que, nesse dia completa 78 anos.

O espectáculo inclui, além da representação integral de «A Relíquia», algumas cenas de «Tombo no Inferno», e, por fim, um acto de consagração em cena aberta.

Esta homenagem a Elvira Velez será, também, uma oportunidade para o público demonstrar à artista o carinho que lhe dedica e o reconhecimento por uma vida inteira entregue ao teatro.

Os bilhetes, aos preços normais do Teatro Maria Matos, encontram-se à venda.

UM FILME DE GARRA!
NA TRADIÇÃO DOS MELHORES «POLICIAIS»!

ADULTOS

THE MIRISCH PRODUCTION COMPANY

SIDNEY POITIER

MARTIN LANDAU

CHAMAM-ME... MISTER TIBBS!
"They Call Me MISTER Tibbs."

2ª SEMANA

BARBARA McNAIR . ANTHONY ZERBE

Argumento ALAN R. TRUSTMAN e JAMES R. WEBB História ALAN R. TRUSTMAN Baseado em JOHN BALL Música QUINCY JONES

Produtor Executivo WALTER MIRISCH Produtor HERBERT HIRSCHMAN Realizador GORDON DOUGLAS

COR DeLuxe



desastre da Póvoa teve ontem o seu desfecho

o Condenados os dois automobilistas
que causaram a morte de seis pessoas

PÓVOA DE VARZIM 19 — Os nove audiências e uma constituição no local do acidente, terminou no tribunal desta comarca o julgamento dos automobilistas em 18 de Agosto de 1970, depois de um choque entre os seus carros estive- na origem do atropelamento que causou a morte de quatro crianças e duas se- toras.

Foi provado que o argui- do sr. António Martins de Sousa tentou ultrapassar, em o seu veículo, o carro conduzido pelo outro argui- do sr. Manuel Eugénio Tei- ra de Castro Guimarães, o qual após ter estacionado, na mão, junto do passeio da Avenida dos Banhos, re- meçou a marcha para vol- r á sua esquerda, a fim de virar na Rua Serpa Pinto, atropelando com aquela ave- da, sem que nem um nem outro tomassem as devidas precauções. Dada a colisão, o primeiro dos dois au- tomobilistas cuspiu do seu veículo que acabou por em- berter num terceiro automó- vel, estacionado no lado opo- sto da mesma avenida, pros-eguindo então a sua mar- cha fatídica em consequên- cia de avaria mecânica que manteve o carro acelerado.

A culpabilidade do acidente foi atribuída a ambos os au- tomobilistas e a sentença proferida condenou-os na par- te criminal, da seguinte for- ma: O sr. António Martins de Sousa, em 700\$00 de mul- ta por contravenção ao có- digo da estrada; 180 dias de prisão, remível a 40\$00 por dia; e igual período de mul- ta no mesmo montante, e, em cumulo, na pena unitá- ria de 15 100\$00; o sr. Ma- nuel Castro Guimarães, em 100\$00 de multa por contra- venção ao código da estrada; 90 dias de prisão a 50\$00

por dia e multa por igual período e montante; ou, em cumulo, na pena unitária de 18 200\$00.

Ambos foram condenados a 1000\$00 de imposto de jus- tiça e 500\$00 de procurado- ria. Ficaram ainda proibidos de conduzir por um ano.

Na parte civil os dois au- tomobilistas, juntamente com as respectivas companhias de seguros (uma apenas até à quantia de 100 contos), fo- ram condenados a pagar a responsabilidade solidária às famílias das vítimas num to- tal de 487 870\$00.

PROVAS EM COIMBRA PARA NOVO PROFESSOR DA FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA, 19 — Na Sala Grande dos Actos da Univer- sidade começaram, hoje, as provas que presta o sr. dr. Joaquim Ferreira Gomes para professor agregado da Facul- dade de Letras.

Presidiu a vice-reitora, sr.ª prof.ª dr.ª D. Maria Helena da Rocha Pereira, e a prova constou de uma lição dada pelo candidato, com ponto ti- rado á sorte, e cujo tema foi: «Ideal grego de educar no período pré-socrático».

Foi arguente o sr. prof. dr. Délio dos Santos, da Facul- dade de Letras da Universi- dade de Lisboa.

O concurso termina ama- nhã, às 10 horas, decorrendo as provas no mesmo local.

Doutoramento em Direito

Na mesma sala da Univer- sidade prosseguem hoje, du- rante a tarde, as provas de doutoramento, pela Faculda- de de Direito, do sr. dr. Car- los Alberto da Mota Pinto.

As provas constam de um

ponto tirado á sorte sobre «Direito Criminal». Arguente o sr. prof. dr. Eduardo Cor- reia.

Novo director do Arquivo da Universidade

Na reitoria da Universida- de decorreu o acto de posse pelo sr. prof. dr. Torquato de Sousa Soares, do cargo de director do Arquivo da Uni- versidade, na vaga deixada pelo sr. prof. dr. Mário Bran- dão, que, recentemente, atin- giu o limite de idade.

A posse foi conferida pelo Magnífico Reitor, sr. prof. dr. José de Gouveia Monteiro, e estiveram presentes os vi- ce-reitores, sr.ª prof.ª dr.ª D. Helena da Rocha Pereira e sr. prof. dr. Fernandes de Carvalho, o director da Fa- culdade de Letras, sr. prof. dr. Costa Ramalho, profes- sores, assistentes e funcionários do Arquivo. Após a assina- ra do auto de posse, o reitor e o empossado trocaram sau- dações.

DEMONSTRAÇÃO DE MATERIAL «VOLVO»

LEIRIA, 19 — A gerência da empresa Auto-Sueco (Coimbra), Lda., com insta- lações em Alto do Vleiro, arredores desta cidade, con- vidou os representantes dos órgãos da Informação e ou- tras entidades para uma demonstração de máquinas BM-Volvo, de que é repre- sentante.

Após a recepção aos con- vidados houve projecção de filmes e em seguida, de- monstrações das pás car- regadoras, com diversos uten- sílios (escavadora frontal, forquilha para troncos, por- ta-paletes, baldes, gruas, etc.), que decorreram no respectivo parque.

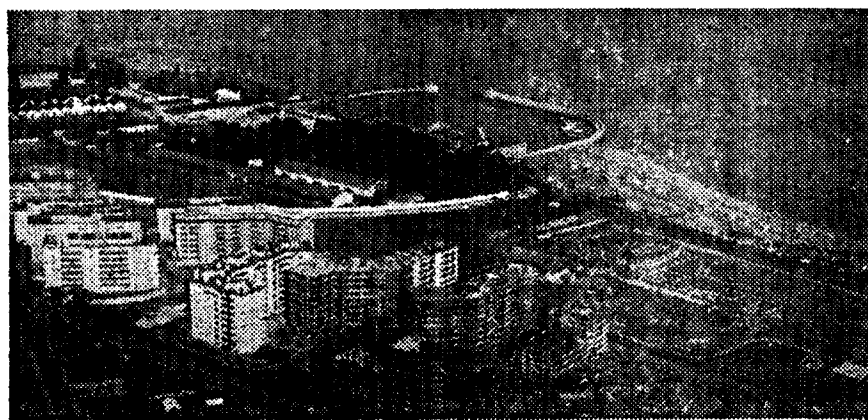
De regresso às instalações «Volvo», os convidados fo- ram obsequiados com um beberete.

PENSE NO FUTURO
EM PROPRIEDADES O SEU DINHEIRO
VALORIZA-SE

APARTAMENTOS
MOBILADOS
DESDE
150 CONTOS

5 000
CLIENTES
SATISFEITOS

J. PIMENTA, S.A.R.L.



Vista aérea de Paço de Arcos — Nó de ligação à Marginal e conjunto de piscinas para construção imediata



Andares de 2 a 10
divisões assoalhadas

UMA CASA PARA CADA CASO

LISBOA — Praça Marquês de Pombal,
15, 1.º — Telef. 4 58 43/4 78 43

QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Te-
lefone 95 20 21/22

REBOLEIRA — Amadora — Serviço
Permanente — Telef. 93 36 70

PAÇO DE ARCOS — Bairro Comenda-
dor Joaquim Matias — Tel. 243 35 11

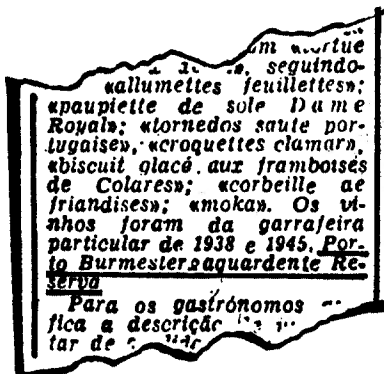
CASCAIS — R. Regimento Infantaria
19, n.º 30 — Telef. 28 25 75

Conjunto Turístico da Pampilheira —
Telef. 28 39 88

PREFERÊNCIA QUE DISTINGUE!

Dos mais conhecidos milionários às estrelas de cinema mais famosas, como Audrey Hepburn ou Gina Lollobrigida, a alta socie- dade de todo o mundo esteve na festa do casal Schlumberger. Na Quinta do Vinagre o «PORTO BURMESTER» foi também um convidado especial...

(DOS JORNAIS)



PORTO
BURMESTER

(DESDE 1750)
GARANTIA DE FINA QUALIDADE

TAUROMAQUIA

Touros para 1974

Em Espanha começaram a ser marcados os touros da camada actual com o zero final deste ano e para serem lidados em 1974 com quatro anos e cinco meses, a cami- nho dos cinco anos, em que atingem pleno sentido. O cumprimento desta nova lei comprovado pelos livros obrigatórios, acabará com os artificiais empregados para engordar menores de idade que se deixavam enganar e qu enganavam os especta- dores ignorantes.

Chibanga para o México

Ricardo Chibanga teve que adiar a sua partida para o México, devendo efectua- la dentro de dias com José Tinoca seu peão de confian- ça.

Em Santarém

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia promove, no próximo dia 29 do corrente um almoço de agradecimen- to á Comissão Organizadora das Corridas de Touros leva- das a efeito na sua praça no decorrer da época de 1970. Esse almoço será, si- multaneamente de congratu-

lação pelo êxito da orienta- ção adoptada na exploração da Monumental de Santarém, nele cabendo todos quantos desejarem participar na re- ferida reunião de aficiona- dos, motivo por que se deci- diu abrir livre inscrição.

Troféu para Falcão

O troféu da melhor figura da temporada foi em Figue- ras conferido a José Falcão.

José Samuel Lupi cortou orelha

BARCELONA, ESPANHA, 18 (ANI) — O cavaleiro por- tuguês José Samuel Lupi participou no festival de en- cerramento da temporada, na «Monumental». Teve boa actuação e cortou uma ore- lha.

No festival actuaram tam- bém os «espadas» Joaquín Bernardo (duas orelhas), António Borrero «Chamaco» (orelha), Diego Puerta (duas orelhas), Juan García «Mon- deno» (orelha), Peco Camiño (orelha), Adolfo Avila «Pa- quiro» (duas orelhas) Ricar- do de Fabra (orelha) e Julio Vega «Marismeno» (orelha) e o novillero Pepin Martín (volta).



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

CURTO-CIRCUITO E A PARALISIA INFANTIL

Lá veio o *Curto-Circuito*. A segunda parte. Uma hora de emissão. Milú, a interpretar a «Lisboa à Noite», a Lisboa dos toiros, dos fados, da boémia. Emocionada perante a cantiguinha da rua, do tempo em que um certo encanto compensava a falta de voz que ainda hoje tem. Satisfeita por haver regressado ao teatro, satisfeita por pisar novamente o palco, bem, você sabe, Artur, quando nós somos artistas... Mas também fez cinema (*ARTUR: Como se chama o filme?* MILÚ: «O Diabo era o outro». *ARTUR: É gostoso?* MILÚ: Gostei...) Pois. A cantiga da rua cantada pelo público, loucamente entusiasmado, puxado pela batuta de Artur Agostinho. Jeito de apoteose, com flores, beijos e abraços. Sem esquecer o competente agradecimento ao Vasco Morgado. Merece.

Depois de Milú, veio a entrevista com a médica Maria Rosália Heitor Ferreira, da Direcção-Geral de Saúde. Pela quantidade de vezes que disse «portanto» se depreendia da sua capacidade para colaborar no programa feminino da televisão. Rui Pedro, orientou a entrevista de maneira excelente (tal como já procedera no debate com os industriais de táxis).

Da entrevista, no entanto, alguma coisa ficámos a ganhar. Algumas informações: que se gastaram, em 6 anos de serviço público de vacinação, 75 mil contos, 15 mil dos quais representam a contribuição da Gulbenkian. Quanto à vacina de sarampo (Dr.ª Maria Rosália: «O sarampo ainda mata muito no nosso país») salientou-se o seu elevado custo: 120 escudos. Salientou-se, igualmente, que a tal vacina traria encargos muito grandes e de utilidade duvidosa, pois o povo podia faltar ao encontro, e lá se ia tanta despesa por água abaixo.

Das palavras da dr.ª Maria Rosália pareceu depreender-se que o grande culpado é o povo. O povo ignorante. O povo que não vai aos postos de vacinação porque? Porque tem o prazer mórbido de sofrer e de ver morrer os filhos? Ninguém acredita nisso. Da ignorância dos outros os grandes culpados somos geralmente nós. Uma convocatória não resolve tudo. Torna-se indispensável uma

campanha permanente de educação. Quando, numa sociedade, se chegar finalmente à conclusão de que a criança é de todos os capitais o mais precioso, então tudo se poderá resolver, incluindo a vacinação. Há que pensar sempre nestas, e não apenas quando vem o tempo da varíola.

Acabara a médica de se referir ao problema da paralisia infantil quando (e nem de propósito!) Laura Soveral anunciou mais um capítulo da nova campanha do fado. Ia cantar Teresa Tarouca. Iamos ter uma nova demonstração do fado não popular, do fado antifado, fado à flor dos lábios. Bem timbrado, mas sem alma, seco como um cacto do deserto. Lá tivemos, como não podia deixar de ser, o conde de Vimioso, que era um fidalgo de raça.

MEDICINA E POESIA. QUEM DIRIA!

A filha do doutor era uma boa pequena e ia ser feliz com um rapaz muito desportista. Pertenciam ambos às Brigadas de Paz, do falecido Kennedy, e dirigiam-se ao Peru, onde deviam exercer a Agronomia. A filha do doutor, porém, tem um aneurismo na carótida. Ah, é verdade, deixem-me contar-lhes uma coisa. A filha mostra ao doutor a fronha do namorado, o tal desportista, e há um breve diálogo:

A filha — Então, que tal te pareceu! O pai-doutor — Muito cabelo. Tem alguma coisa por debaixo do cabelo?

Nítida a preocupação de fazer graça com os cabelos, como se isto de ter ou não cabelo fosse realmente a questão.

Bom, mas então a rapariga tem um aneurismo na carótida. O dr. Gannon, o Kildare da nova série, explica-lhe tudo com aquela facilidade de divulgação, aprendida no Bernstein. Lá vamos nós, quase à meia-noite, assistir a um novo angiograma. É o segundo. Começo a ter prática do negócio. Estou apto a fazer aquilo de olhos fechados. Angiograma, vocês sabem: uma espécie de fotografia às carótidas.

Lá para trás, na programação, de que me recordo eu? Recordo-me da «convergência», programa preenchido na sua máxima força com a presença octogenária de Armando Côrtes-Rodrigues, poeta dos Açores. O entrevistador, Mário Dias Ramos, afirma que se trata de «um dos poetas mais importantes da poesia portuguesa contemporânea». Já se sabia que Dias Ramos tem o gosto das hipérboles, mas será bom não abusar. Se em tão pouco valor tem o peso das suas palavras, pense que está deseducando o público para quem fala. Pense que ninguém lucrará nada com afirmações infantis. Ninguém. Nem Armando Côrtes-Rodrigues.

Deste encontro, pouco haverá a dizer. Uma nota simpática: a gratidão com que o entrevistado se refere a Fernando Pessoa. Registemos o seu comentário a propósito de certa pergunta de Dias Ramos: «Não é no fim de uma vida que se pode responder a uma pergunta dessas», ou então quando o submetem a apertado interrogatório: «Isto é um exame ou uma conversa para o público?» Sempre

se resolveu, porém, a satisfazer a vontade ao interrogador ou seja dar uma definição de Poesia: «É uma emissão divina das almas eleitas e enamorado da Beleza», e mais não sei o quê, que a gravação defeituosa não me deixou compreender.

A actualidade portuguesa foi em grande parte preenchida com a reportagem da apresentação na Livraria Quadrante, das últimas obras de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Ernesto Leal. Apenas este botou palavra, mediante repetição de parte de uma infeliz entrevista concedida há muito tempo.

«Convergência» morre aos poucos e não há ninguém capaz de lhe acudir. Nesse ponto, a filha do doutor mais velho do «Centro médico», teve muito mais sorte: encontrou logo quem lhe pusesse um tampão no aneurismo. Até pode casar e ter filhos e tudo. «Centro médico» não é hospital: é sucursal do Paraíso. Tresanda a todo, a álcool e a salsaparrilha, mas seja tudo a bem do corpo e da alma. Amen.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 6 e 05: Rhythms para a Juventude; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Portugal missionário, pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 45: Rádio rural — Música, só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 1.º episódio do folhetim «A Mustre casa de Ramires»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Teatro, por Jorge Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos 4-generos portugueses; 21 e 40: 1.ª parte de um espectáculo de variedades, realizado no Teatro Monumental em homenagem a Maria de Lurdes Resende; 22 e 30: Noite de teatro: «O morgado de Fafe em Lisboa», de Camilo Castelo Branco numa adaptação do dr. Leopoldo de Araújo; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: 1.ª acta da ópera «A mulher sem sombra» (Strauss); 17 e 57: Música do século XX; 19: Tempo literário; 19 e 25: Folclore português — Música da ilha de Santa Maria (Açores) recolhida por Artur Santos; 19 e 40: Música de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 30: Música instrumental; 20 e 30: Parte de um concerto pelo Coro Polifónico, sob a direcção do cantor-mar José Augusto Alegria, realizado na igreja de S. Roque, em Lisboa; 20 e 52: Octeto de Camara; 21: A orquestra de camara de Moscovo dirigida por Rudolf Barshai —

Divertimento em fá maior K. 138 (Mozart) — Visões fugitivas op. 22 (Serge Prokofiev); 21 e 30: Panorama da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de piano por Maria Manuel Santos Leite (2.º prémio do Concurso de Piano «Cidade da Covilhã»; 22 e 10: Peças para harpa e orquestra pelo harpista Nicanor Zebaleta e a Orquestra Sinfónica da Rádio de Berlim, dirigida por Ferenc Fricsay; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 22 e 58: Fecho.

Programa MF2 — 94,3 mc/s; As 23: O pianista Sviatoslav Richter — Humoresque op. 20 (Schumann); 23 e 30: Festival de Salzburgo de 1970 (em gravações cedidas pela Radiodifusão Austriaca); 0 e 04: Intervalo: «Spiele» para oboé e harpa (Hans Ulrich Lehmann). Heinz Holliger, oboé; Ursula Holliger, harpa; 0 e 12: 2.ª parte do concerto — Missa em lá menor maior, para 4 vozes, orquestra e órgão (Schubert); 1: Fecho.

Rádio Universidade — As 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Prefácio; 19 e 20: Contraste; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: A nossa música; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Seleção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A

noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modelação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 04: O nosso programa; 19 e 57: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

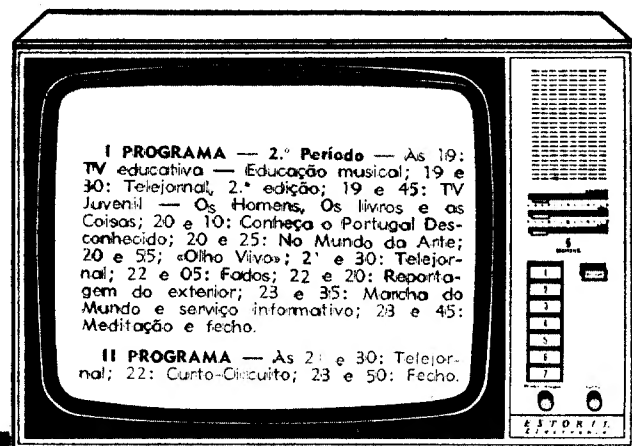
Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Melódica teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Rabbilac; 19 e 35: Estudo 64; 20 e 10: Norte da a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Caracol-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 mc/s — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Conções em voga; 18 e 30: Tempo e bênção da Basílica dos Martíres; 19 e 05: Esquema; 13; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Orquestras de violinos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 às 10 e das 22 às 2: **Rádio Graça** — Das 14 e 30 às 19 e 30.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL
eletronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série, «Júlia»; 13 e 45: Telejornal; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite; 14 e 20: Fecho.

2.º período — 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Desenhos animados; 19 e 55: Cartaz TV; 20 e 15: Imagens da Poesia Europeia, pelo dr. David Mourão-Ferreira; 20 e 40: Edição especial Telejornal (conferência de imprensa do sr. ministro da Economia e Finanças, dr. Dias Rosas); 21 e 30: Telejornal; 22: Eurovisão, «Grande Prémio Internacional Rádio Tele-Lux 1970», em que participam: Haide Hansson, Pater Rubin, Gigliola Cinquetti, Richard Barnes, Pickethwitch, Julie Rogers, Serge Priset, Frida Boccara, Mike Brandt, Monique Melsen, The Concertion, Greenfield and Coox, Joe Dassin, Braddy, Joe Dolan e Dalida; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — 21 e 30: Telejornal; 22: Um dia com... «Sérgio Borges», (no 1.º programa em 10-6-70); 22 e 30: História da Música, pelo dr. João de Freitas Branco, (no 1.º programa em 8-9-70); 22 e 55: O Santo, (no 1.º programa em 10-5-65); 23 e 45: Fecho.





A Câmara não permitirá quaisquer alterações ao número de andares previsto pela urbanização

A Câmara Municipal de Lisboa não autorizará quaisquer alterações ao número de andares previsto no plano de urbanização ou nos regulamentos — afirmou o seu presidente, eng.º Santos e Castro, na reunião da edilidade efectuada esta manhã nos Paços do Concelho. «Neste problema — acen-tuou o presidente — só há uma posição séria para en-carar o pedido: ou existe um estudo prévio do local de-vidamente aprovado, que fi-za a cêrcea e, então é essa, ou na ausência de estudo, aplica-se a regra geral do Re-gulamento das Edificações Urbanas.

E o eng.º Santos e Castro, falando na abertura da ses-são, prosseguiu: «O sistema de criar-se um estudo ou al-terar-se o existente sob a in-vocação sempre fácil de ar-gumentos funcionais ou es-

téticos, cada vez que são apresentados, conduz a uma anarquia da construção e cria gravíssimas situações morais que me esforçarei por não subscrever».

Ele revelou, logo a seguir:

«Acetto perfeitamente ter-se sido modesto inicialmente e que existem avenidas e praças de Lisboa que con-sentiriam largamente cêrceas mais elevadas. Três ou qua-tro estudos, em zonas de construção menos recentes, estão mesmo em curso, e vi-rão brevemente a público com as necessárias cautelas para não prejudicar os ac-tuais proprietários dos imó-veis. Agora, em arruamen-tos de construção mais re-cente ou até em curso não penso que uma Câmara da minha presidência introduza alterações.»

Entrando-se, depois, na

«ordem do dia», o eng.º San-tos e Castro lembrou que no próximo ano passa o 4.º cen-tenário da edição (em Lis-boia) de «Os Lusíadas», en-contrando-se em estudo um programa de comemorações. Referindo-se à falta de aces-sos da freguesia de Charne-ca do Lumiar, revelou que no próximo ano a nova es-tra-da será prolongada até à Ave-nida Marechal Craveiro Lo-pes, estando em curso, ainda, obras em outros arruamen-tos, e sendo aberto concurso para a construção de uma grande escola primária.

Outro problema focado pe-lo presidente da C. M. L. foi o do Metropolitano («insufi-ciente») e a passagem de duas para quatro composi-ções: tal, porém, acentuou, implicaria, só em material circular, um investimento da ordem do milhão de con-tos. «Ora — disse — o pri-

meiro milhão de contos de que dispusermos será para abrir novas linhas». Outra notícia: serão construídas al-gumas centenas de abrigos para o público nas paragens dos transportes colectivos de superfície, com concessão (por concurso para cada um) de publicidade, e com solu-ções estéticas diferentes dos «horribéis telheiros de que hoje dispomos».

Viaduto em Alcântara e um teatro na Av. A. J. de Almeida

O eng.º Santos e Castro re-feriu-se, ainda, à inauguração da estátua do marechal Car-mona, no dia 24 do corrente, e ao problema dos «engarra-famentos» de trânsito nas ho-ras de ponta, preconizando uma maior diversificação de horários, com todas as van-tagens daí derivadas.

Foram lidas, depois, diver-sas propostas (todas aprova-das por unanimidade), de en-tre as quais se destacam duas: a construção de um viaduto metálico, em Alcân-tara, subterrâneo, para a pas-sagem de carros e peões sob a via férrea; a alienação em hasta pública de diversos lo-tes de terreno, num dos qua-les, na Avenida António José de Almeida, o arremata-nte se obrigará a construir um teatro no prédio que aí for edificado.

Outras propostas: abertura de concursos para a constru-ção de duas grandes escolas na zona da malha de Che-las; cedência de terrenos na Quinta do Machado para a Fundação Salazar; segunda

fase do lançamento de obri-gações para a construção da linha de Alvalade do Metro-politano.

PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DA INDÚSTRIA DE ELECTRICIDADE

A secção de actividade «Indústria de Electricidade, Água e Gás», do Sindicato dos Profissionais de Escrito-rio do Distrito de Lisboa, reuniu, ontem, cerca de 300 associados numa assembleia geral extraordinária para discutir o projecto de revi-são do contrato colectivo de trabalho para a Indústria de Electricidade.

No passado dia 16 realiza-va-se no Porto, uma assen-bleia para o mesmo fim e, em ambas, os associados de-raram total adesão ao projecto.

Visita de barcos da Armada Francesa

Entrou hoje no Tejo o na-vio receptáculo «Henry Poincaré», da Armada fran-cesa, que veio juntar-se aos escoltadores «Le Barque» e «Le Breton», ontem chegados ao porto de Lisboa. A bordo do navio hoje entrado, viaja o contra-almirante Pierre Davie, comandante do grupo que regressa das águas dos Açores, onde operou em liga-ção com o Centro de Ensaio das Landes e a estação da Ilha das Flores.

Relações comerciais luso-britânicas

Alguns membros da Missão da Câmara do Comércio e Indústria de Birmingham, de visita ao nosso país, tro-caram amplas impressões com dirigentes do Banco Por-tuguês do Atlântico, durante um almoço que lhes foi ofe-recido pela administração desta instituição de crédito, e em que se focaram pers-pectivas de desenvolvimento das relações comerciais entre os mercados luso e britânico. Por tal motivo foram as-

sinhaladas, pelo dr. Vieira de Almeida, administrador do Banco Português do Atlânti-co, as conclusões do «coló-quio sobre problemas econó-micos» realizado por aquele Banco, em Londres, com a colaboração da «London Chamber of Commerce», o qual frisou a sua confiança na ampliação das trocas co-merciais entre os dois países, além da intensificação das relações tecnológicas mútuas entre os mesmos.

Novo director da B. E. A. em Portugal

O novo direc-tor da B. E. A. em Portugal é o sr. Frank John Waters, que ontem contratou com todo o pessoal da compa-nhia e grande número de agentes de viagens especial-mente convidados, na reu-nião promovida para o efei-to numa das salas do Hotel Tivoli. Presentes os srs. Ro-gério Queiroz Soares, direc-tor-geral da B. E. A., e Yeaman, «public relations officer», que para o efeito se deslocou expressamente a Lisboa.

Usando da palavra, o sr. Frank Waters anunciou que Lisboa vai ser uma das pri-meiras capitais da Europa a dispor do avião «Trident III», o mais moderno e maior da família «Trident» ao serviço da B. E. A. O aparelho iniciará carre-i-ras regulares a partir de Abril do próximo ano. O aparelho pode transportar 140 passageiros e tem um raio de acção superior a 2195 quilómetros, com uma velocidade-cruzeiro na or-dem dos 935 km. Está equi-pado com os mais avan-çados instrumentos de nave-gação, incluindo o sistema automático de aterragem «Autoland», de que a B. E. A. foi a pioneira.

O sr. Frank Waters, que conta 47 anos, iniciou a sua carreira na aviação civil no departamento de tráfego da B. E. A. em Northolt, em 1947, depois de ter servido na RAF, como navegador, durante os cinco anos anteriores. De 1951 a 1959 exerceu o cargo de chefe de es-ca-la no aeroporto de Lon-dres e foi também inspec-tor de tráfego, no ano que antecedeu a sua ida para Madrid, como director de tráfego para o Mediterrâ-neo Ocidental, cargo que exerceu de 1960 a 1969.

O sr. Frank Waters pre-vê para este Inverno um aumento considerável de tráfego entre Portugal e a Inglaterra. Vinte e cinco mil passageiros deverão uti-lizar os aviões da B. E. A., o que representa um au-mento de 18 % em relação ao ano anterior.

Juventud de Galícia

Realiza-se hoje, pelas 21 e 30, na sede da Juventud de Galícia — Centro Gallego, si-to à Rua da Madalena, 259-1.º, um jantar debate com ex-directores daquele Centro e a actual direcção.

O CASO DO AFUNDAMENTO DE UMA JANGADA NA GUINÉ

No 3.º Tribunal Militar Territorial, em Santa Clara, começou o julgamento do al-fere miliciano José Luís de Carvalho Dumas Dinis, de 25 anos, solteiro, natural de Lisboa, incriminado como presumível responsável de um crime de homicídio in-voluntário de 47 militares em consequência do afundamen-to de uma jangada, ocorrido em 6 de Fevereiro do ano passado, no decurso de ope-rações militares, na Guiné, quando atravessava o rio Co-rubal.

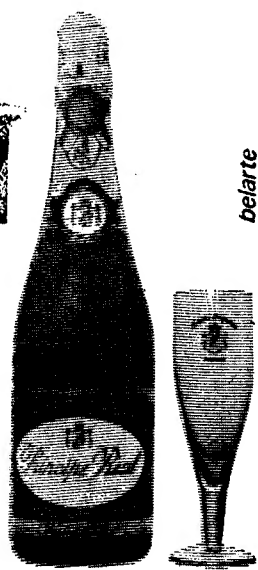
Preside ao tribunal o co-ronel José Bentes Pimenta, ledeado pelo juiz auditor dr. Bettencourt da Câmara e vo-gal coronel João Vítor Tel-xeira Bragança. O promotor de justiça é o tenente-cor-onel Alfredo Alexandre Fer-nandes Ordaz Mangas e de-fensor o dr. Manuel João da Palma Carlos. As testemu-nhas de defesa e acusação são em número de oito.



No encanto dos melhores momentos... brinde com Espumantes das

CAVES IMPÉRIO

LISBOA-SANGALHOS-PORTO

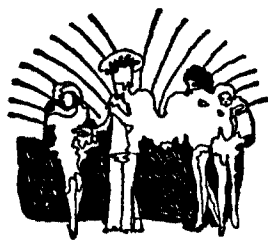


belarte

26.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 19 de Novembro de 1970



BOM APETITE

CASTANHEIRA

L. da Torre-Lumiar - 790168

ESPECIALIDADES DIARIAS

AOS SABADOS E DOMINGOS

ORQUESTRA PRIVATIVA

DESTE RESTAURANTE

(Maiores de 5 anos)

DOÇARIA REGIONAL CASEIRA

CAFÉ INCONFUNDIVEL NO

BAR RIBATEJO

PRAÇA DO AREEIRO, 11-D

ABRE AS 7 HORAS

QUINTA DE S. VICENTE

RESTAURANTE

Telheiras de Cima, 144

Tel. 790211 (M/ 5 anos)

JANTARES DANÇANTES

AOS SABADOS E DOMINGOS

c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE

FAMILIAR

PREMIADO PELO SN

A COLMEIA

RESTAURANTE DIETETICO

E MACROBIOTICA

(VIDA LONGA)

SELF-SERVICE

ENCERRADO AOS DOMINGOS

RUA DA EMENDA, 110-2.º

T. 370500 (AO CAMÕES)

AZEITÃO

RESTAURANTE

NO POSTO SHELL EM

ESTRADA LISBOA-SETUBAL

Tel. 228244

LOCAL APRAZIVEL PARA

ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ



O CIRCO E A MÃO

Por HELENA NEVES

«Para se chegar a ser artista de circo existem três vias: o amadorismo de qualidade, a transmissão das tradições hereditárias das famílias circenses e a frequência da Escola Nacional de Circo, criada em Moscovo em 1927. Ali, jovens dos nove aos vinte

anos, de idade recebem uma preparação especializada, compreendendo coreografia, ginástica, movimentos plásticos, arte cénica, etc., além de línguas estrangeiras, história, matemática e outras disciplinas».

A palavra — e as mãos.

Enquanto me diz este pouco que é muito (a escassa horas do Circo de Moscovo deixar Lisboa) as mãos de Valentin Filatov, que domam animais pela carícia, pelo incitamento, pela amizade (técnica de amestramento iniciada por Vladimir Durov), dançam no gesto, redescobrem a palavra, comunicam.

As mãos.

Assistindo à exibição do Circo de Moscovo, revivemos, inevitavelmente, o processo histórico que levando à locomção erecta, libertou a mão do homem, tornando-a «ferramenta» do cérebro e «tensil» do domínio humano sobre a natureza e a produção. Quer nos números de trapézio aéreo, nos de malabarismo, nos exercícios em baloiço ou de equilíbrio sobre percha e rolos, até ao chamado «Circo dos Ursos», o que nos surge é o grito hedonista do equilíbrio, da harmonia corpórea, a vivência de uma disciplina estética intrínseca. Operários do gesto, um gesto colectivo, social, a lição predominante dos obreiros do circo moscovita, é o afirmar de «que as mãos foram a guia do homem para a razão». E é das mãos que escolhemos falar, neste apontamento de reportagem: essa mesma mão que se estende aos animais no acto de saída da pista, essas mãos que se juntam no alto do trapézio, no poente de um voo, a mão mestra do nervo que é cérebro, do nervo que é corpo, a mão dos clowns saudando o público.

Essas mãos que fazem cada uma com aquelas esguias e ágeis mãos de Filatov, que dançam e falam com elas.

A criança privilegiada pela cultura

Digo-lhe e pergunto:

— Li algures que se existe uma camada privilegiada pela cultura é a criança, que usufrui de 150 000 campos de futebol, outras tantas salas de ginástica, 5 mil bibliotecas e 105 teatros. Qual o papel do espectáculo circense, que, pelo menos, no ocidente, entusiasma, sobretudo a camada infantil e juvenil?

E Filatov, sorrindo:

— Pois também entre nós a criança é uma entusiasta deste tipo de espectáculo. Possuímos cerca de 50 companhias ambulantes, que se deslocam periodicamente, aos 3 mil palácios de pioneiros existentes e aos kolhazes. O circo é extremamente acessível, pois a arte pertence ao povo.

A condição social do artista circense

A propósito da condição do artista de circo na sociedade soviética, Filatov esclarece:

— Contamos actualmente com oito mil artistas circenses. O salário mensal que usufruem varia com a categoria profissional, mas a média é de 500 rublos. Note que um ministro recebe seiscentos rublos. Têm um regime completo de segurança social. O Estado subsidia toda a ac-



«A vivência de uma disciplina estética intrínseca»

tividade: material, vestuário, animais, deslocamentos, estadias. Por volta dos trinta e poucos anos, os artistas cuja actividade supõe mais risco são reformados, o que não impede que continuem no circo noutra actividade ou exerçam qualquer profissão remunerada. A reforma oscila entre 120 a 200 rublos mas está projectado um aumento. Os reformados não pagam transportes nem espectáculos.

Técnica de amestramento

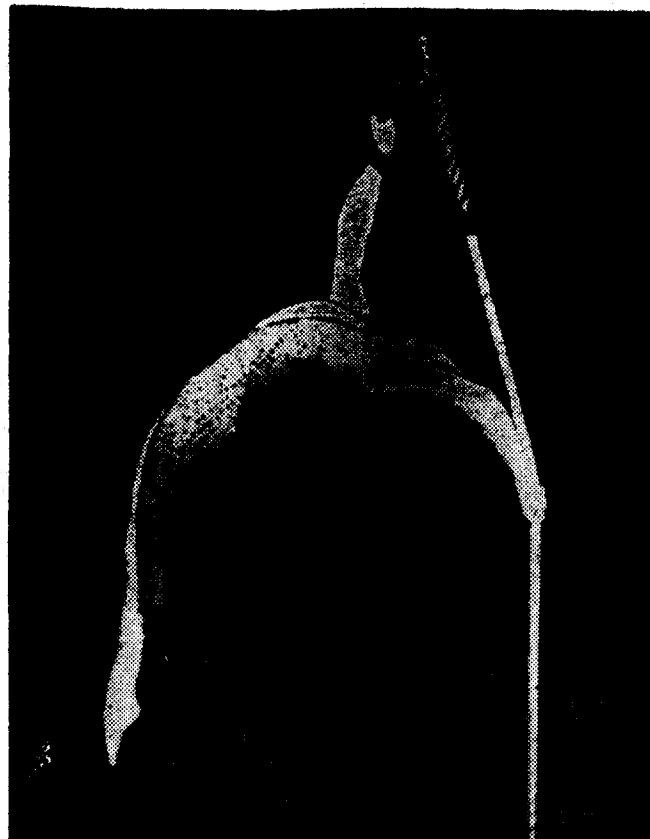
Uma questão que urgia ser posta:

— Sabemos que utilizam as técnicas de Pavlov no ames-

tramento de animais, mas, na medida em que é necessário que os reflexos condicionados sejam muito fortes, de modo a oporem-se às manifestações instintivas, não se revela o ensino dos animais particularmente difícil?

— Essa dificuldade é mais aparente do que real. Na medida em que obrigatoriamente seguimos essa técnica científica, temos de estudar atentamente o sistema de sinalização próprio dos animais. Actuamos através dos estímulos som, luz, paladar, etc., conforme as funções que pretendemos que os animais

(Continua na 10.ª página)



Valentin Filatov: as mãos que falam, dançam e domam animais

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argentina Santos, Júlio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos. Consumo mínimo 50\$00. Beca do Espírito Santo, 1. Telef. 868200.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Romaninho e António de Mello-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mín. 90\$00. Beca dos Contumes, 10. Telef. 860816.

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Cândida da Conceição, Julieta Maria e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa. P. da Alegria, 58. Telef. 367093. Encerra à segunda-feira.

GUIARRA DA MADRAGOA

Abertos todos os dias. Rua da Esperança, 174. Telef. 661915. Consumo mínimo 50\$00.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Fernanda Silva e Carlos Duarte. Tocam: António Valentim e Francisco Gonçalves. Rua do Vigário, 60. Telefone 866811.

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernando Guerra, Julieta Brigue, Lúcia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chaiinho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves. Cons. mín. 120\$00. Taxas incluídas. Rua Nova da Trindade, 22-A. Telef. 35007-323406. Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Trío Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvidina Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rolz, 24. Telefones 676655-67341.

A SEVERA

cantam: Flávia Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amara. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal». Rua das Gáveas, 57. Telef. 34006. Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fraga, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel Laurinda Gonçalves. Cons. mín. 40\$00. Travessa da Espera, 8. Telefone 35464. Encerra às 5 da madrugada.

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha. Trav. da Queimada, 10-16. Tels. 362889-328503.

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria. Tocam: Torquato Lopes e José Inácio. Cons. mín. 50\$00. R. das Taipas, 14. Tel. 327256.

A KAVERNA

cantam: Celeste Maria, Lina Santos, Renato Mota. Tocam: Amândino Maia e José Maria Carvalho. Cons. mín. 90\$00. Travessa dos Fiéis de Deus, 37. Telef. 35593.

LAR PORTUGUES

cantam: José Borges, Odete Mendes, Dina Cardoso, Armando Miranda, Fátima pelo Conj. Típico do «Lar Português». Cons. mín. 50\$00. R. da Barroca, 133. Telef. 36960 e 30532. Encerra às terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. Cons. mín. 80\$00. Rua das Trinas, 67. Telef. 669857. Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amado, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Ino Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Manuel Martins. Cons. mín. 70\$00. Rua do Norte, 91. Telef. 30095-328713. Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossana Lima, João Cabra. Tocam: Edgard Nogueira (guitarra) e Amândio Gonçalves (viola). Encerra aos domingos. Rua da Adifeira, 9. Telef. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobrinho. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. Cons. mín. 40\$00. Rua da Rosa, 219. Telef. 368579.

GUIARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Encerra ao domingo. Cons. mín. 35\$00. Largo do Peneireiro, 7 (Alfama). Telf. 868505.

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Amândio Silva. Encerra às 2.ªs-feiras. Cons. mín. 40\$00. Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO). Telef. 213259.

RESTAURANTES, BARES, «BOITES» E «DANCINGS»

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Telef. 48384. Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28. Telef. 370889. Poesia com Carreira da Silva. Encerra às 8 e 30.

MAXIME

Conjunto 6. Reação e Maximiliano. «Show» turístico. Variedades internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos. Rua D. Filipe de Vilhena.

TERRAÇO DAS ESTRELAS

(HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Manuel Viagas. Avenida Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2. Campo Grande. Telef. 770172. Encerra às 3,30.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro. SINTRA. Telef. 981661. Encerra à meia-noite. Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A.

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto). Telef. 367136. Encerra às 3 horas.

TAGIDE

Variedades. Conjunto Zé Pedro. Largo da Biblioteca 18-22. Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 178. Telef. 33723.

TAMILA

Morão e s/. Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos.

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório. Discos recebidos directamente de

Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Rua Carlos Reis 51-A. Telef. 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telef. 264521-264526-264596-264621-264946.

FORTE VELHO

Paço. S. João de Estoril. Telef. 261337.

DE GAULLE VISTO POR MENDÉS FRANCE

[Continuação da 3.ª página]

domínio, uma presença especial da transformação que a efectuar-se — a bem (isto é, por nós e connosco) ou a mal (isto é, contra nós).

Uma vez consumada essa transformação — quase pelo pior — há uma espécie de fatalismo retrospectivo que nos leva, às vezes, a pensar que as coisas não poderiam ter-se desenrolado de outra maneira. Isto equivale a considerar a cegueira política como um mal sem remédio. Não, não era impossível fazer que os franceses compreendessem que chegara o momento de concedermos às populações da Indochina ou da África uma liberdade conforme com os nossos princípios tradicionais, exaltados pelas proclamações da guerra e, além disso, inevitável. Não era impossível mostrar as vantagens que se

poderiam conseguir (em vez das guerras perdidas) através da emancipação progressiva das novas repúblicas, nascidas na amizade, que ficariam a dever a sua promoção à França, que teriam compartilhado da sua cultura, que nela se apoiariam confiadamente.

No período inicial da pós-libertação, o povo francês estava pronto para a ousadia e para a generosidade, isto é, estava pronto, neste caso, para a grande sabedoria. Bastavam poucos anos (mau grado se mantivessem vivas as recordações mais cruéis da ocupação) para ele admitir e aprovar a reconciliação franco-alemã, bem como os projectos europeus, fundados na cooperação dos dois inimigos hereditários. O povo francês não se teria mostrado insensível aos argumentos a favor dos progressos no ultramar, se esta causa

tivesse encontrado mais apoio entre aqueles que têm o dever e o poder de informar a nação.

As responsabilidades desta demorada e desastrosa falta de lucidez e de coragem estão largamente repartidas. Apesar das suas teorias e das suas doutrinas, os partidos de esquerda estão muito longe da inocência. Contudo (mais que outro qualquer contributo) faltou-nos o do prestígio de De Gaulle, para levar a opinião pública para o bom caminho, enquanto era tempo. Muitos dos seus fiéis, que se diziam seus intérpretes e que ele não desautorizava de modo nenhum, agravavam as coisas no ultramar e na metrópole, com as suas afirmações ultranacionalistas. Talvez ele tenha encontrado certa satisfação, ao ver um regime que condenava, a cair, dia após dia, nas consequências de uma

escolha má, para a qual ele próprio contribuiu, decisivamente, de início. Terá ele, por vezes, posto as suas esperanças nos males do país (segundo a terrível fórmula de Chateaubriand)? Em todo o caso, a agonia da IV República não foi gloriosa nem para ela nem para o general...

ARGÉLIA — A PIOR SOLUÇÃO PARA OS INTERESSES DA FRANÇA

Depois, regressou ao Poder. Estava persuadido de que só ele poderia solucionar o drama argelino. A sua autoridade pessoal obrigaria os franceses da Argélia, o Exército e os próprios muçulmanos a aceitar a solução que, no momento azado, ele impusesse. Sob uma forma ou sob outra, a unidade com a França seria mantida, uma vez

que ele ficaria no centro, como árbitro e penhor das estruturas novas. Este sonho levou tempo a abandoná-lo. Após muitas peripécias e muitas hesitações, viu-se obrigado a tirar as consequências de uma realidade penosa, inclinando-se perante os factos e a força, mas não por justiça, nem razão, nem justícia.

Mais tarde, De Gaulle pretendeu dar desta tragédia uma interpretação, que mereceu a Robert Buron (decerto um dos testemunhos mais qualificados destes acontecimentos) o seguinte comentário: é uma interpretação que «serve muito mais para a construção do movimento histórico que a verdade»; o antigo negociador de Evian declarou-se «surpreendido por encontrar nas Memórias uma visão tão justa, um pensamento tão claro, uma decisão tão firme, quando guardada desses tempos a recordação das hesitações na análise, da contradição nas afirmações, do verdadeiro embaraço».

Finalmente, a paz assim conseguida na Argélia não podia deixar de ser, para os verdadeiros interesses da França, a pior de todas (em relação às que eram realizáveis uns anos antes). Apoiava-se apenas numa mole resignação nacional, implicava a humilhação do Exército, agravava o mal-estar dos jovens, que tinham combatido, condenava os franceses da Argélia a um repatriamento brutal, doloroso, e para o qual estavam totalmente impreparados. Com esta solução inaugurava-se, em meio de todos os rancores, um sistema neocolonialista: esta solução contribuía para o desmembramento de uma co-

munidade, privada, desde o início, de espírito comunitário, e (mal) recomendada por um sistema de subversões atribuídas segundo critérios de pura estratégia política.

ÚLTIMO ARTIGO:
«DE GAULLE
E O POVO FRANCÊS

VIDA SOCIAL

DR. CARLOS COSTA

Já se encontra em Londres, onde vai ser submetido a melindrosa operação cirúrgica, o sr. dr. Carlos Costa, conhecido médico em Coimbra, que desempenhou, com elevação, o cargo de governador civil substituto do distrito. Muitos dos seus amigos estiveram no aeroporto de Lisboa, a apresentarlhe cumprimentos de despedida, incluindo o secretário do Estado da Saúde, dr. Gonçalves Ferreira e o antigo governador civil de Coimbra, sr. eng.º Florácio de Moura.

CASAMENTO

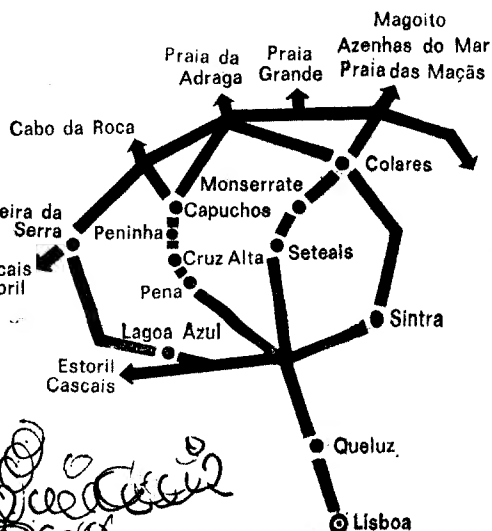
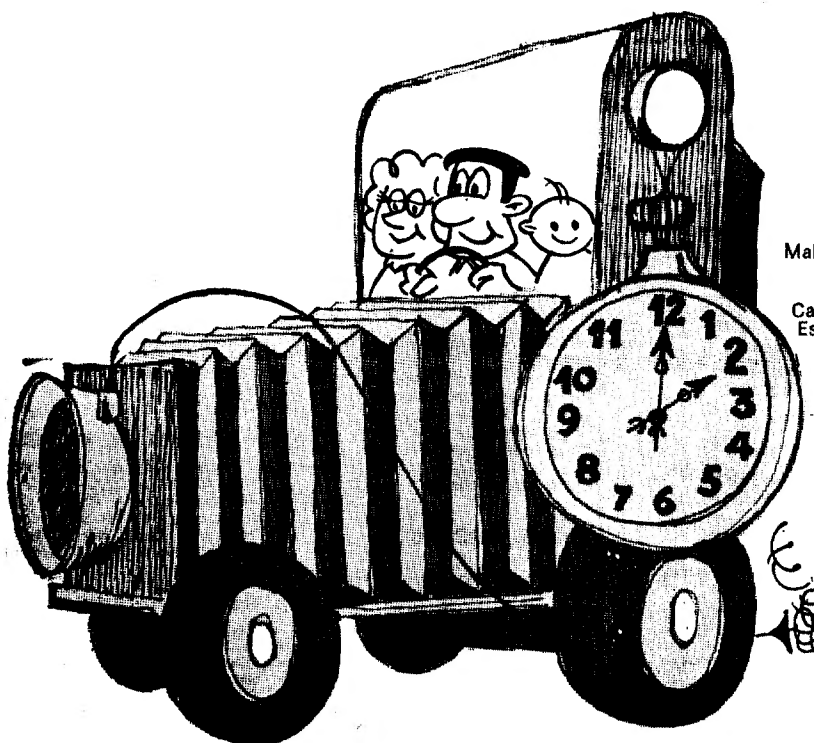
OLHAO 19 — Na igreja de S. João de Deus, em Lisboa, realizou-se o enlace da sr.ª D. Ana Bela da Cruz Nobre, universitária, filha da sr.ª D. Olga Pinheiro da Cruz Nobre e do sr. Rui Nobre, gerente da filial do Banco Espírito Santo em Olhão, com o sr. Olímpio Afonso Sequeira Marques, finalista de Engenharia, filho da sr.ª D. Evangelina Gago Sequeira e do sr. António Martins Marques, proprietário. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria da Conceição Pereira Maoleira de Barros e o sr. Franklim Ferrez dos Santos Marques, inspector do Banco Espírito Santo, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Belmira Cavaco Sequeira e seu marido, sr. José Gago Sequeira, proprietário.

a 2 horas de Lisboa



E Sintra...! Como podemos falar de Portugal Desconhecido? É bem certo que já todos conhecemos a Lagoa Azul e a estrada para a Malveira da Serra; já todos estivemos no Cabo da Roca — «o ponto mais ocidental da Europa». Dai todos fizemos a subida para a Peninha, para admirar o recorte da costa, com o Guincho, Cascais, Estoril... Aproveitámos para uma visita aos Capuchos, o convento miniatura, meio subterrâneo e forrado a cortiça. Seria pretensioso falar de Monserrate, com o seu palácio mourisco e o parque, belo jardim cheio de plantas raras e exóticas (mais de 3.000 variedades); tal como da praia da Adraga, com as suas rochas e areias finas, ou a praia Grande, as Azenhas do Mar, Fontaneiras e o Magoito, onde já todos tomámos banho.

Pode imaginar-se alguém que não visitasse o palácio da Vila, em Sintra, ou o da Pena? E que não aproveitasse para passear no Parque, na Fátima da Condessa, bebendo a água da Fonte dos Passarinhos e subindo à Cruz Alta? E os doces regionais? E os morangos? Mas, apesar de tudo, o mais belo de Sintra são as flores e as plantas, é a Natureza que misturou o granito com uma vegetação luxuriante. Lagos, cascatas, regatos no meio de uma floresta de camélias e rododendros, fetos gigantes e abetos, tudo misturado com espécies africanas e asiáticas. É uma sugestão: conheça melhor todos os recantos da Sintra conhecida — que espera por si. Já agora, uma última lembrança: no regresso, faça uma paragem em Queluz e visite um dos mais belos Palácios (e jardins) da nossa terra.



Este roteiro é um exemplo, escolhido ao acaso. A curiosidade do turista pode encontrar, nesta região, inúmeros pontos de real interesse.

HA' SEMPRE
**UM PORTUGAL
DESCONHECIDO**

...QUE ESPERA POR SI

O CIRCO E A MÃO

(Continuação da 9.ª página)

trabalhem. Além do mais, há a disciplina imposta, a obediência da fera ao homem.

Estas palavras fazem lembrar o vínculo homem-animal, vínculo em que o homem reencontrando-se na sua origem (animal), afirma a sua dominância pelo trabalho e pela palavra. O ciclo histórico repete-se. O domínio humano, a Mão afirma-se.

Dois perguntas mais: — Estas viagens a países estrangeiros fazem parte da orientação da União das Sociedades Soviéticas de Amizade e Relações Culturais com outros países? E têm algum objectivo especial?

— Não há qualquer objectivo a não ser o fortalecimento dos vínculos culturais entre países diversos, como pretende a U. S. S. A. R. C. Ficaram vivas, ali, as palavras de Ekaterina Furtseva uma das seiscentas mil mulheres directoras de organismos culturais, que considerava como objectivo fundamental das viagens artísticas, o

reconhecimento da cultura soviética, como cultura que absorvendo grande parte da herança cultural e do que de mais válido existe na cultura universal contemporânea e a comporta em si a mensagem de um mundo novo.

Por isso o Circo de Moscovo não deixou totalmente Lisboa. Os seus artistas partiram mas deixaram a oitenta mil pessoas que ao longo de três semanas os admiraram, a recordação de um espectáculo incomum. Uma originalidade que não ressaltava tanto da perfeição ou inovação de números, mas pelas técnicas empregadas e pela destruição das imagens circenses ditadas tradicionais. É o que se surpreende e admira no carácter colectivo de todo o trabalho artístico ou auxiliar, na humanização da face do «clown», na racionalização do riso, na recusa aos recursos emocionais, no ritmo dos números, na catarsis entre os exercícios mais esforçados e o humor e nos métodos de amestramento dos animais.

E em todos os passos, a Mão, feita arte e inteligência.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

PRÉMIO INSTITUÍDO PELOS JORNALISTAS

O Prémio Manuel Severino de Faria, instituído pelo Sindicato Nacional dos Jornalistas, foi atribuído ao licenciado Carlos Alberto Laranjo Coelho, que obteve no ano lectivo de 1969-70 a classificação mais elevada na disciplina de «Sociologia da informação».

A atribuição do prémio é da responsabilidade do conselho escolar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.

«EXEMPLOS EUROPEUS»

Vai realizar-se nos dias 23 e 24 a primeira duma série de jornadas sobre o tema «Informação Técnica para a Indústria; exemplos europeus», promovidas pelo Centro de Documentação e Informação do Instituto Nacional de Investigação Industrial.

Estas jornadas visam, fundamentalmente, o seguinte: — dar a conhecer aos dirigentes e quadros dos sectores público e privado uma panorâmica da situação actual, das experiências vividas e das perspectivas que se apresentam nalguns países europeus industrialmente mais evoluídos; — procurar demonstrar de forma concreta, a importância que o recurso sistemático a uma informação técnica organizada desempenha no progresso tecnológico; concorrer para a promoção da sua maior utilização no nosso País; contribuir para incrementar o intercâmbio entre os interessados.

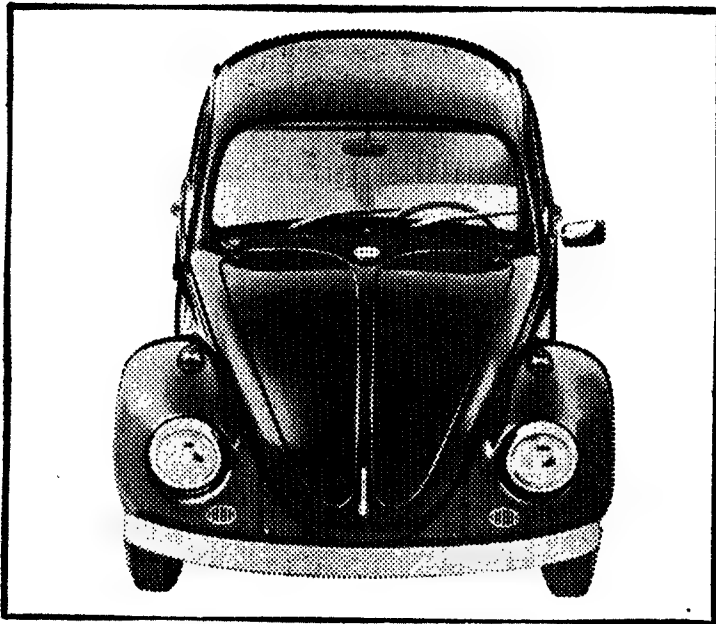
Do programa da primeira jornada destacamos, entre tanto, três exposições: «Quem é o responsável da informação para a inovação?», por M. Ducas, do Centro de Estudos e Investigações «Charbonnages de France», «O progresso das empresas através da Informação Técnica; o papel dos agentes de ligação», por G. Gilles, do Serviço de Desenvolvimento Regional do Ministério da Tecnologia da Grã-Bretanha, e «Situação actual e perspectivas da utilização do computador na documentação», por Mme Moureau, da Direcção de Documentação e de Informação do Instituto Francês do Petróleo.

A apresentação das exposições, todas no dia 2, seguir-se-ão às conclusões e encerramento.

Na manhã do dia 24 efectuar-se-ão reuniões em três grupos correspondentes aos temas tratados.

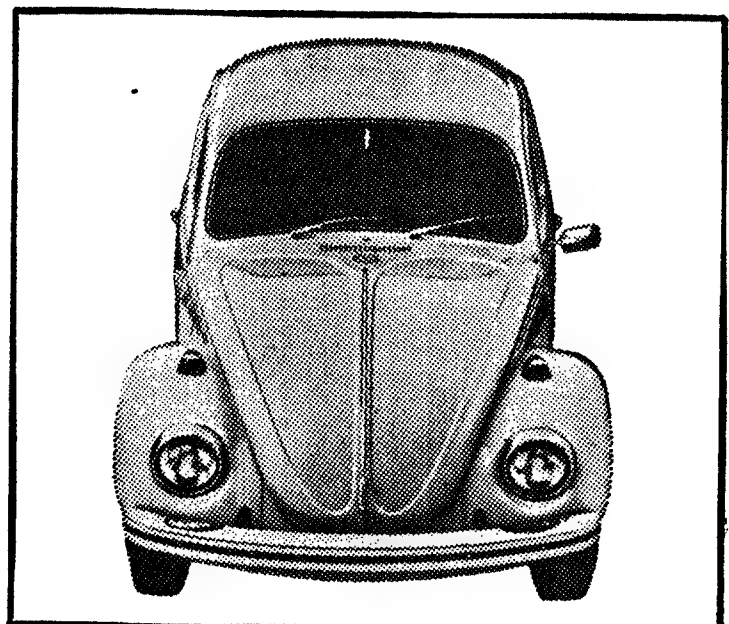
As inscrições estão abertas, importando em 1000\$00 a enviar com o respectivo postal de inscrição para aquele Instituto, à Rua Garcia de Orta, 68, Lisboa-2.

Sabendo-se que as dissertações serão feitas em francês e decorrerão nas instalações da sede da Associação Industrial Portuguesa, na Praça das Indústrias.



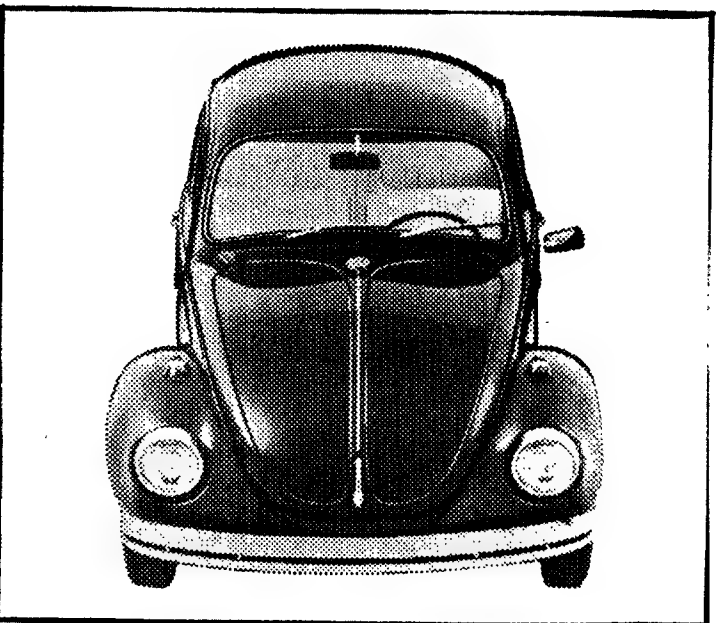
VW 1200

1200 cc de cilindrada, 41,5 hp, suspensão independente às 4 rodas, sistema de travões de duplo circuito, coluna de direcção de segurança, óptimos cromados.



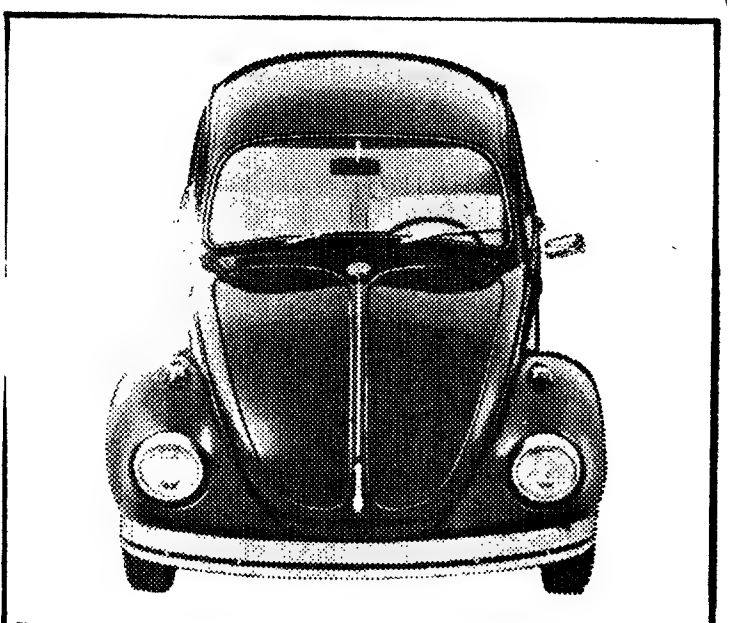
VW 1300

1300 cc de cilindrada, 52 hp, suspensão independente às 4 rodas, barra de compensação, sistema de travões de duplo circuito, coluna de direcção de segurança, sistema de ventilação com saída forçada do ar.



VW 1302

1300 cc de cilindrada, 52 hp, suspensão independente às 4 rodas, com amortecedores telescópico-helicoidais à frente, eixo traseiro com suspensão por braços de gula oblíquos, sistema de travões de duplo circuito, porta-bagagens de 260 litros, sistema de ventilação com saída forçada do ar.



VW 1302S

1600 cc de cilindrada, 60 hp, 130 km/h, suspensão independente às 4 rodas, com amortecedores telescópico-helicoidais, eixo traseiro com suspensão por braços de gula oblíquos, sistema de travões de duplo circuito (de discos à frente), porta-bagagens de 260 litros.

É mais importante o que eles têm em comum do que as suas diferenças

Todos eles têm um motor refrigerado a ar, que nunca congela ou ferve e que, graças a um regime de baixa rotação, é particularmente elástico e de longa duração.

Todos eles têm rodas de 15", que muita economia representam de pneus em comparação com as rodas vulgares de 13".

Todos eles têm rodas com suspensão independente e amortecedores.

Um factor da maior comodidade nos piores pisos.

Todos eles têm um dispositivo automático de arranque que, mesmo com o tempo mais frio, é infalível.

Todos eles têm mais requisitos de segurança do que os exigidos pela lei.

Todos eles têm um equipamento interior requintado, sem qualquer suplemento de preço.

Todos eles se podem reparar com rapidez e facilidade. A preços VW. Em

9029 oficinas VW, espalhadas por todo o mundo.

Todos eles foram fabricados com uma perfeição tal que só precisam de assistência de longe em longe.

E todos eles representam um bom empate de capital.

...Os Carochas são pois diferentes só em certos detalhes, não basicamente.

Básicamente têm princípios comuns. Comprovados. E incomparáveis!...

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S.A.R.L. — Av. da Liberdade, 12 — Telef. 38 67 51/7 — 37 01 71/5 — Lisboa.
FILIAIS E AGENTES: Arrifana, Aveiro, Beja, Braga, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa (Av. Padre Manuel da Nóbrega e R. da Escola Politécnica), Mirandela, Ponte de Sor, Portalegre, Porto, Régua, Santarém, Santiago do Cacém, Setúbal, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Viseu, Angra do Heroísmo, Bissau, Cabe Verde, Funchal, Horta, Ponta Delgada e S. Tomé.
OFICINAS AUTORIZADAS: Amadora, Bombarral, Caldas da Rainha, Cova da Piedade, Estremoz, Guimarães, Moura, Paredo, Portimão, Porto e S. Tirso.
«STANDS» DE EXPOSIÇÃO: Abrantes, Espinho, Ovar, Penafiel, Portimão, S. Tirso, Torres Novas e Vila Franca de Xira.

CONTINUA À ESPERA DA LISTA TELEFÓNICA

Do nosso leitor sr. Manuel Augusto Monteiro, de Lisboa, recebemos a seguinte carta:

«Num dos primeiros dias de Setembro (não recordo exactamente qual) tendo notado

que faltavam na minha lista telefónica várias folhas e que, talvez como compensação, outras estavam em duplicado, escrevi á Companhia dos Telefones, pedindo a substituição da lista. No dia imediato, da Companhia dos Telefones informaram-me, telefonicamente, que tinham transmitido a minha reclamação á empresa que edita e distribui as listas.

Em 1 de Outubro, não tendo havido da citada empresa («Publicações de Listas Telefónicas») qualquer reacção, escrevi-lhes directamente, pedindo de novo a substituição da lista.

Passou mais de um mês e as P. L. T. mantêm-se impávidas no seu olímpico silêncio. Nem resposta quanto mais nova lista... Dir-se-ia que já caíram em hibernação, apesar do Verão se dispor a entrar pelo Inverno dentro.

Entretanto, quando preciso de conhecer números de telefone que, por acaso, venham nas folhas em falta... é a «consulta que não resulta».

Novo professor da Faculdade de Letras de Coimbra

COIMBRA, 19.—Na reitoria da Universidade decorreu, há dias, o acto de posse do cargo de professor extraordinário da Faculdade de Letras pelo sr. prof. rev. dr. Manuel Augusto Rodrigues.

A posse foi-lhe conferida pelo vice-reitor, sr. prof. dr. Fernandes de Carvalho, e fez a leitura do auto o secretário sr. dr. António Luís Gonçalves. Entre o vice-reitor e o empossado, trocaram-se saudações.

ora diga-nos...

— Sabe alguma palavra estrangeira?

Há palavras estrangeiras imigrantes, but...



• Palavrinha de Angelo Paulo Fernandes Malafina, aluno da 1.ª classe:

— N...
— ...?
— Na...
— ...?
— Na...
— ...?
— Não.



• Por fim, disse-nos Rut Silva, motorista:

— O. K.
— O quê?
— O. K.! Não é estrangeiro?

• Aprendiz de tornador de metais, Joaquim Rodrigues Gonçalves, disse-nos:

— Não sei. Quando os ouço nos filmes, seja no cinema, seja na televisão, fico sempre à parva. Nunca consegui fixar qualquer palavra. Que barafunda! Eles conseguem entender-se não falando português...?

Na hora das «ca»

JÁ SE P TV E

Produzir e realizar pequenas exibir no seu próprio televisor, praticamente ao alcance de que alguns milhares de escudos para possibilidade está a ser oferecida massa das maiores marcas mu de imagem e som, que estão a uma considerável gama de equirios e suficientes para reproduz com a mesma facilidade com o gravador vulgar se capta e repécie de som.

Neste momento, em Portugal, três grandes marcas (a Akai, a Philips e a Sony) assestaram já — ou estão em vésperas de assestar — as suas baterias publicitárias, no sentido de aumentar o número de candidatos a «produtores» e «realizadores» da TV para uso privado. Está, pois, chegada a hora em que os leitores do Mário Castrim e de outros críticos da TV podem evitar certos programas da R. T. P., sem, contudo, deixarem de utilizar os seus aparelhos de televisão.

«Fazer» TV com um gravador... ou quase

O modelo «VT-100», a lançar, brevemente, em Portugal, pela «Akai», apresenta-se com uma capacidade de manobra deveras admirável, acrescentando que a imagem e o som

podem tãncan nética seja, a nos gr prática se a u ligasse. de tele através consegu tempo, tament A im através tinam num vulgar está p reprodu faça e para r linhas, que n conceb para o dos Ur receba tramer Portug nos ap tituida imple conve mar» através a dar- adequ sentan tugal, ser ve que a De o necess lhos é efeito, estar pouco vilegi

Veja cionalidade já se em p lizado domé

B. 29:

LIND

«Ou Rua

de no va G

Ao serviço de todos os portugueses

O Banco de Angola participa activamente no fomento económico do espaço português. É um Banco que procura servir todos os portugueses com o dinamismo dos mais modernos processos.



BANCO DE ANGOLA

estímulo para a prosperidade

Dr. Luís Demony

Para agradecer as referências por ocasião da sua posse e oferecer os seus préstimos no exercício do cargo, esteve na nossa redacção o sr. dr. Luís Filipe da Cunha de Noronha. Demony, novo presidente do Município de Loures. Agradecemos penhorados a gentileza.

PRÓXIMA SEMANA NA NESTE JORNAL VEJA

?
A-1
usado
veículo
ún
que é

DIADEMA Joalheiros

Agentes oficiais:

PATEK PHILIPPE

166, Rua do Ouro, 170 — Telef. 321362 — LISBOA

«cassettes» de Televisão

PODE FAZER EM CASA

pequenos programas para visor, eis o que já está de quem possa dispor de para um «hobby». Essa tarefa pela ofensiva em as mundiais de material são a lançar no mercado e equipamentos necessários para produzir imagens e sons, sem que através de um e reproduz qualquer es-

gens. No bloco da gravação, ligado à câmara por um cabo, corre a fita magnética, tudo se passando como se se tratasse dum gravador sonoro vulgar, com teclas para gravar, voltar atrás, ou andar rapidamente para a frente, ou, ainda, fazer reproduzir o que se tenha gravado. Acolado ao bloco da gravação, existe um outro bloco com um pequeno monitor de televisão, onde as imagens captadas surgem imediatamente, tal como o operador as vê, através da objectiva.

Este sistema tem a enorme vantagem de permitir, através de um simples premir de teclas, a reprodução imediata, no monitor, das imagens, colhidas, no próprio local da filmagem. Segundo pudemos verificar, a qualidade das imagens é deveras boa, mesmo no pequeno monitor.

Para reprodução num «écran» da TV haverá apenas que ligar o bloco da gravação (que funciona com corrente fornecida por baterias ou pela corrente do sector) a um televisor de 525 linhas (sem necessidade de conversor) ou de 625 linhas (havendo, então, que utilizar um conversor).

Deste modo, é possível filmar o piquenique feito com os amigos, verificar, em pleno pinhal, as imagens colhidas, e, mais tarde, apreciá-las, de novo em casa, diante da televisão.

Preço mínimo: 30 contos

Os representantes da marca, que aguardam, para breve, a chegada de material vindo do Japão, calculam poder vender por cerca de 30 contos o conjunto necessário (e suficiente) para o efeito.

Como é natural, os grandes compradores deste material não serão — pelo menos para já — os particulares, mas sim, tal como já acontece, com equipamento de outras marcas, empresas de diversa índole. Por outro lado, pode prever-se que escolas, teatros, clubes desportivos, entre outras entidades, virão rapidamente a interessar-se, cada vez mais, por estes aparelhos capazes de desafiar a nossa imaginação.



O gravador «Philips» para imagens da TV permite a gravação dos seus programas preferidos e sua reprodução imediata ou a longo prazo

Encenadores e treinadores por exemplo, poderão, assim, preparar os actores e aos jogadores que dirigem uma visão de conjunto (ou em pormenor) do seu trabalho e, por consequência, uma correcção mais fácil dos erros cometidos. Por seu turno, as escolas poderão também produzir programas didácticos avançados pondo-os, depois, à disposição de professores e alunos.

«Sony»:

ofensiva na Europa

Há pouco, a «Sony», outro dos grandes nomes da indústria japonesa, lançou também uma importante ofensiva comercial neste campo. O presidente da companhia, sr. Ma-

(Continua na 15.ª página)

2.º ano de Acção do Governo de Marcello Caetano

«2.º ano de Acção do Governo de Marcello Caetano», é uma publicação da Direcção-Geral de Informação que dá conta de mais um ano (27 de Setembro de 1969 - 27 de Setembro de 1970) de Governo do sucessor de Salazar na Presidência do Conselho.

«Os grandes princípios que nortearam a acção governativa foram», segundo a publicação, «em essência os seguintes:

— A defesa intransigente da integridade do património moral e territorial da Nação;

— O desenvolvimento económico-social do país e dos portugueses.»

A publicação dá conta detalhada de toda a actividade legislativa desenvolvida pelo

(Continua na 14.ª página)

O HOTEL RENO INAUGURA AS SUAS NOVAS INSTALAÇÕES

No ano de 1959 uma Sociedade Alemã abriu, na Avenida Duque de Ávila, uma unidade hoteleira classificada de 2.ª Classe e destinada, a servir uma clientela especial de Grupos Turísticos que, nessa época, começavam a ser o fulcro do nosso Turismo.

Fora do grande movimento da cidade, o Hotel do Reno reunia condições de comodidade e acolhimento para os seus hóspedes que procuravam uma zona calma para tranquilidade e repouso, ainda com

pirito de iniciativa de Guilherme dos Santos, o Hotel em quartos, corredores, zódo e preferido por nacionais e estrangeiros.

Esta unidade Hoteleira já não chega para os seus preferentes, e as zonas públicas eram insuficientes para o afluxo, cada vez maior, de utentes e passantes.

Arrojadamente, Guilherme dos Santos, lança-se à tarefa de reformar totalmente o seu Hotel, pois o mesmo passa para a sua

amplas varandas de quartos todas mobiladas.

Da orientação destes trabalhos encarregou-se o conhecido e reputado decorador José Espinho, que tem prestado a sua colaboração nas mais recentes unidades hoteleiras do Continente e Ultramar, como o Hotel Estoril-Sol, Hotel Alvor Praia, Hotel Tivoli Jardim, Hotel Flamingo, o novo Hotel Roma, Hotel Trópico Luanda, etc.

A Secretaria de Estado de Informação e Turismo, através dos seus serviços da



Um aspecto das novas instalações do Hotel Reno

a vantagem de possuir um parque privativo para estacionamento de 30 automóveis.

Um ano mais tarde a Sociedade do Hotel do Reno, que iniciara, timidamente, os seus primeiros passos, cedeu a concessão da exploração a um técnico de reconhecida competência e reputação no nosso meio Hoteleiro, já com muitos anos de experiência no «métier», o reconhecido profissional Guilherme Fernandes dos Santos.

Assim, o Hotel do Reno sofreu um novo impulso e, graças ao dinamismo e es-

Administração e propriedade. Assim inicia uma vultuosa obra de renovação em quartos, corredores, zonas públicas e de serviço.

Toda a área da Recepção, telefones e zonas de estar, é judiciosamente aumentada, aproveitando-se, racionalmente, todo o espaço disponível do Edifício. É criado um Bar em magníficas condições de comodidade e conforto para os seus hóspedes. A sala de Restaurante é reformada totalmente no seu dispositivo e todas as zonas públicas, quartos e corredores são alcatifados e as suas

Direcção-Geral do Turismo, em consequência das obras efectuadas, concedeu a classificação de 1.ª Classe ao Hotel do Reno.

Por este motivo o seu proprietário dará hoje, pelas 18 horas, um cocktail de inauguração das suas novas instalações totalmente remodeladas, com a presença de individualidades dirigentes do nosso Organismo Oficial do Turismo e outros convidados em que se contam nomes bem conhecidos do nosso meio financeiro e social, hoteleiros, amigos do proprietário, etc.

Cofres de aluguel
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

LIVRARIA APOLO SANTARÉM

sessão de autógrafos
no próximo dia 21
a partir das 18 horas

MARIA TERESA HORTA
(«Ambas as mãos sobre o corpo»)

MARIA ISABEL BARRENO
(«Os outros legítimos superiores»)

ERNESTO LEAL
(«Afonso III»)

Edição de
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

PARA COMPRAR OU VENDER AS SUAS JÓIAS

BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

JÓIAS

LINDAS E ORIGINAIS
CRIAÇÕES EXCLUSIVAS

Ouvresaria PIMENTA
Rua Augusta, 255 — LISBOA

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OUVRESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

TISSOT

**UM NOVO CRONÓGRAFO
FUNCIONAL
E PARA A JUVENTUDE
QUE SATISFAZ ATÉ
OS MAIS EXIGENTES**



2



4



3



5



T12

Prosseguindo no desejo de dar satisfação completa a engenheiros, técnicos, desportistas e à juventude em geral, TISSOT criou nas já afamadas categorias de relógios dos modelos T 12 e PR 516, um novo modelo: o cronógrafo super-estaque. É um cronógrafo de grande formato, munido de contadores totalizadores de segundos, minutos e horas, e ainda de uma escala taquimétrica que permite a determinação rápida das velocidades.

- 2 Outro relógio da colecção PR 516. Automático mostrador com 24 horas e com calendário. É um relógio ideal para espeleólogos.
- 3 É, também, um relógio super-estaque da colecção T 12. Automático com calendário indicando a data e o dia da semana, é de formato grande e de coroa recolhida.
- 4 Relógio calendário, impermeável, da colecção PR 516. Automático.
- 5 Outro modelo da colecção T 12. É impermeável, automático com calendário indicando a data e o dia da semana, e é de tamanho normal.

Nesta colecção há também modelos com correa

- 1 3.300#00
- 2 1.900#00
- 3 2.400#00
- 4 1.900#00
- 5 2.000#00

COM GARANTIA INTERNACIONAL EM MAIS DE 140 PAÍSES

ALGUMAS AGENCIAS OFICIAIS EM LISBOA

Joalheria AUREA
Rua Aures, 202
Relojoaria MAURY
Rua Aures, 202

Ouvidoria NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-B
Ouvidoria PIMENTA
Rua Augusta, 297

Relojoaria SUIÇA
Rua Aures, 252
TORRES Joalheiros
Rua Aures, 255

Artes plásticas

Exposição de pintura e desenho no Porto

PORTO, 19 — Na P.naco. teca da Rua Camões o artista Carlos Langa inaugurou, em ambiente de muito interesse, uma exposição de pinturas e desenhos da sua autoria.

A II Exposição de Artes Plásticas no Porto

PORTO, 18 — O conselho técnico para as actividades culturais e recreativas do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto inaugurará no dia 21 do corrente, às 17 horas, a II Exposição de Artes Plásticas.

No interessante certame colaboram artistas bancários, com obras já seleccionadas e classificadas por um júri constituído pelos profs. Julio Rosende, António Sampaio e Gastão Seixas.

A exposição estará patente no salão de exposições do nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro».

O XVI Salão de Outono no Estoril

É inaugurado no próximo dia 5 de Dezembro na Junta de Turismo da Costa do Sol o XVI Salão de Outono no qual podem participar trabalhos de cerâmica, aguarela, colagem, desenho, escultura, esmalte, gravura, guache, joalheria, mosaico, óleo, pastel, tapeçaria, tempera e vitral.

Quaisquer informações podem ser solicitadas à secretaria da Junta (Arcadas do Estoril) ou pelo telef. 260113.

2.º ANO DE GOVERNO

(Continuação da pág. central)

Governo durante esse ano. Dentre ela destacaremos: o decreto-lei n.º 49 408, de 24 de Novembro de 1969, que aprova o novo regime jurídico do contrato individual de trabalho; o decreto-lei n.º 49 322, de 27 de Outubro de 1969, que criou bairros administrativos nos concelhos limítrofes de Lisboa e Porto; o decreto-lei n.º 49 401, de 24 de Novembro de 1969, que extingue a P.I.D.E. e cria a Direcção-Geral de Segurança; o decreto-lei n.º 265/70, de 12 de Junho de 1970, que extingue a P.V.T. e entrega à G.N.R. o policiamento das estradas; o decreto-lei n.º 402/70, de 22 de Agosto de 1970, que cria o Secretariado Nacional da Emigração; o decreto-lei n.º 283/70, de 19 de Junho de 1970, que estende o benefício do abono de família aos trabalhadores rurais; o decreto-lei n.º 388/70, de 18 de Agosto de 1970, que estabeleceu um novo regime de doutoramento nas universidades portuguesas; o decreto-lei n.º 49 319, de 25 de Outubro de 1969, que autoriza a abertura de concurso público para a concessão da construção, conservação e exploração de auto-estradas; o decreto-lei n.º 49 273, de 27 de Setembro de 1969, que autoriza o Governo a promover a constituição da Sociedade Financeira Portuguesa.

A publicação da Direcção-Geral de Informação dá depois notícia circunstanciada dos principais actos e realizações de carácter material e político empreendidos neste 2.º ano do Governo do prof. Marcello Caetano — desde a actividade no campo da diplomacia e da política externa até às inaugurações dos palácios da Justiça e das escolas do ensino primário.

TV «CASEIRA»

(Continuação da pág. central)

rita, esteve há dois meses na Europa, a fim de apresentar a «vídeo-cassette» fabricada pela firma. Trata-se de uma «cassette» para registo de televisão, análoga à «mini-cassette» que já se tornou clássica no campo da reprodução sonora.

Essa apresentação foi acompanhada de outros anúncios, mostrando claramente que as ambições da «Sony» na Europa são grandes. Com efeito, a sociedade lançou, em 17 de Setembro, as suas acções na bolsa de Nova York, tendo feito o mesmo em Londres e em Amsterdão. A «Sony» aproveita, assim, a nova lei japonesa que autoriza os estrangeiros a possuírem até 45 por cento do capital das suas grandes sociedades. Ora, a escolha das bolsas de Londres e de Amsterdão parece significar a intenção da «Sony» de penetrar no mercado europeu, que até agora lhe tem sido muito menos aberto do que o americano, onde a sociedade tem um lugar de relevo.

Em Portugal, há já algum tempo que a sociedade se encontra representada, talvez por influência dos mercados de Angola e de Moçambique, onde os produtos japoneses desde há muito encontram bom acolhimento.

Neste momento, há já dezenas de aparelhos «Sony» para registo de imagens e som aplicáveis à TV, em Portugal, desta marca. O sistema e funcionamento é praticamente igual aos da «Akai». Só que a fita da gravação para «video-tape» é de 1/2 polegada (portanto, especial). Além disso, o preço do conjunto câmara-bloco de gravação anda pelos 50 contos e há, ainda, que contar com um peso do bloco-leitor de fita magnética, o que eleva o conjunto

para a roda dos 70 contos. — não permitindo, embora, a apreciação imediata do «vídeo-tape». No entanto, enquanto a aparelhagem «Akai» apenas permite, em cada fita, o registo de 20 minutos de imagens, o modelo «Sony» existente em Portugal tem capacidade para 40 minutos de registo em cada bobina de fita magnética especial (da marca «Sony»).

Imagens «Philips» para uso doméstico: 18 contos

Mais recentemente, também a «Philips» mostrou como tem andado atenta, apresentando o seu gravador de imagens da TV para uso doméstico. Trata-se de um aparelho compacto, pesando cerca de 12 quilos e utilizando uma fita especial, de 12,7 milímetros (1/2 polegada) de largura, constituída por dióxido de óxido, a qual, em bobinas semelhantes às dos gravadores comuns, permite um tempo máximo da gravação de 45 minutos. Com este aparelho (já à venda por cerca de 18 contos), você poderá guardar, para voltar a vê-las quando quiser, as imagens que o seu televisor lhe deu. A conquista da Lua, os jogos do Campeonato Mundial de Futebol. — eis, entre outros exemplos, o que o leitor poderia ver sempre que o desejasse no caso de já ter, nessa altura, um aparelho destes.

Mas a «Philips» oferece-lhe também a possibilidade de produzir os seus próprios programas da TV, através de uma pequena câmara ligada ao gravador e ao seu televisor. Através do «ecran» da TV poderá ver o que está a gravar e reproduzir imediatamente as imagens e o som registado. Este modelo de gravador (LDL 1002) está concebido para uso doméstico, mas a Philips possui igualmente o

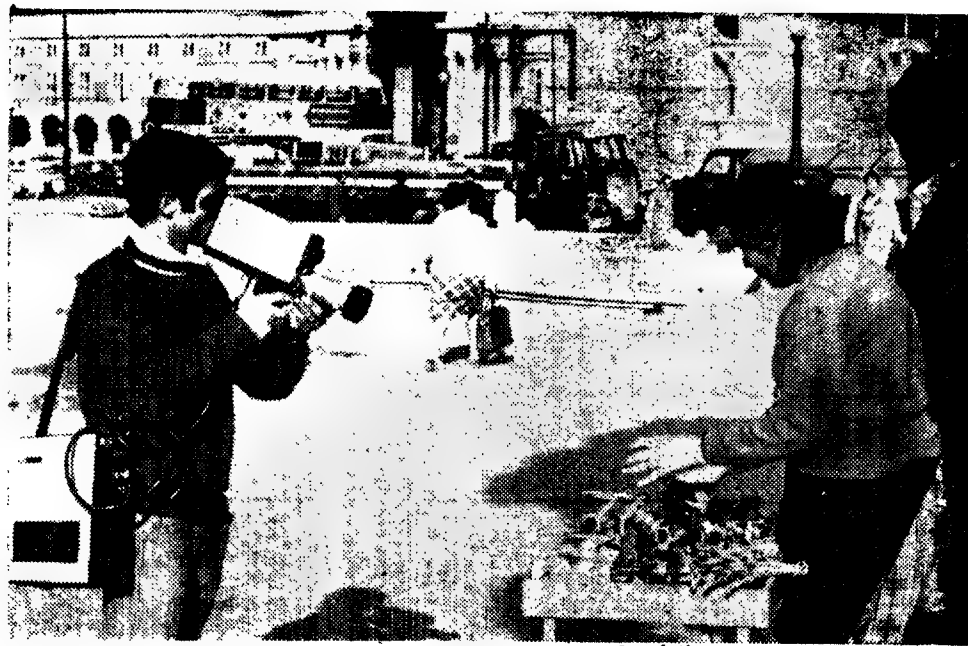
modelo LDL 1000, uma versão portátil do anterior. A câmara de filmar adaptável a qualquer dos modelos custa cerca de oito contos e apresenta duas hipóteses de escolha, quanto a objectivas: normal, custando três contos e «Zoom», ao preço de oito mil escudos.

Estas são, por enquanto, as possibilidades relativamente ao alcance de quem quer, em Portugal, brincar à TV.

Mas, em próximo artigo, veremos como tudo isto é apenas uma gota de água no pé do oceano de possibilidades oferecidas, no futuro, pelo já próximo ataque em massa dos produtores de «cassettes» de TV...

A SEGUIR:

«Venir aí o jornal «enlatado»...



Colher imagens para consumo doméstico...

o Conjunto Compact Stereo Philips faz amigos e a inveja de muita gente

É natural. Basta olhar para este harmonioso conjunto para se sentir a presença de uma aparelhagem cuidadosamente estudada. Quando V. colocar o primeiro disco e o som estereofónico Philips encher a sua sala, olhe para a cara dos seus amigos: surpresa e admiração.

Para os invejosos, um bom conselho: comprem também um conjunto Compact Stereo Philips.



O sr. Fernando Alves, da firma representante do «Akai» em Portugal, explica ao repórter o funcionamento da aparelhagem

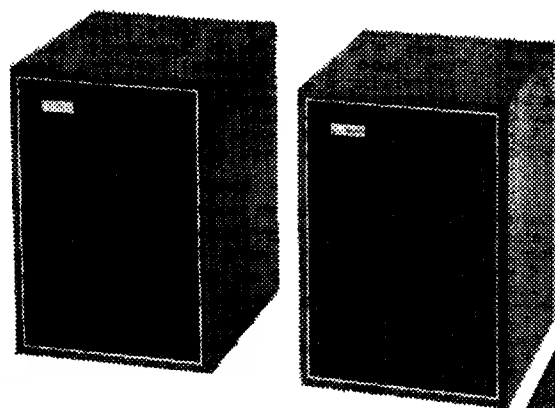
Quem são os herdeiros de Agustín Lara?

FORAM congelados em todo o Mundo os direitos das canções de Agustín Lara, o famoso compositor mexicano falecido há dias. Explicação fornecida pela Sociedade de Autores do México: não se conhecem, por agora, os seus herdeiros legítimos.

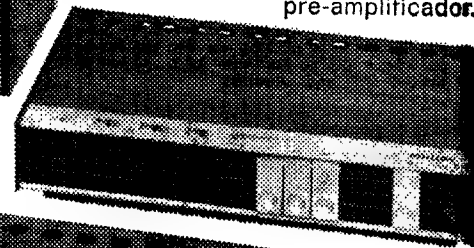
Entretanto sabe-se que Lara recebia anualmente, desde 1965, qualquer coisa como 250 mil pesos (quase 600 contos) só em direitos de autor.

Por outro lado não fez seguro de vida; era muito supersticioso e achava que tal facto poderia atrair a si a morte.

Colunas acústicas
RH 481 ou RH 482,
de 9 e 15 W,
respectivamente.



Amplificador RH 580
Transistorizado,
20 W, estéreo, com
pré-amplificador.



Gira-discos
GA 105 - Estereofónico,
3 velocidades, tampa transparente.

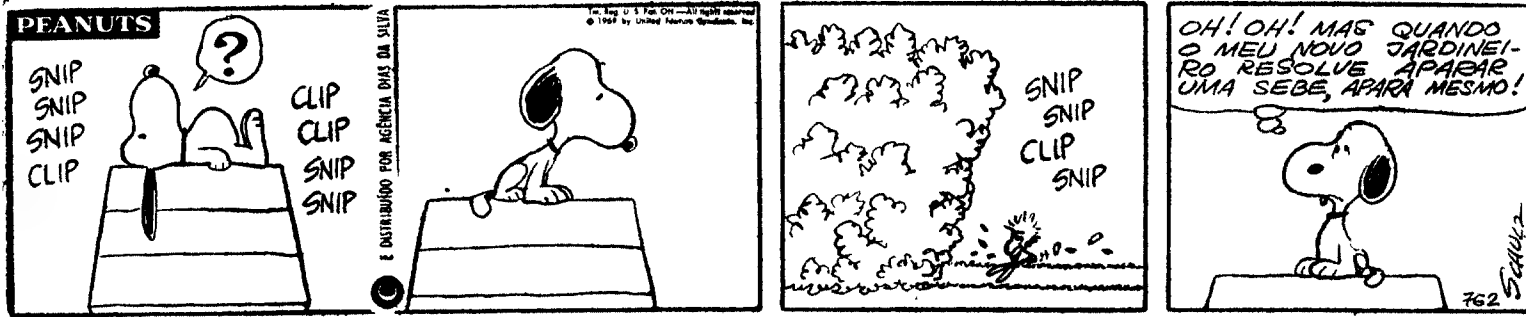


Sintonizador
RH 690 - Transistorizado,
com O. M., O. L. e F. M., estéreo.



PHILIPS

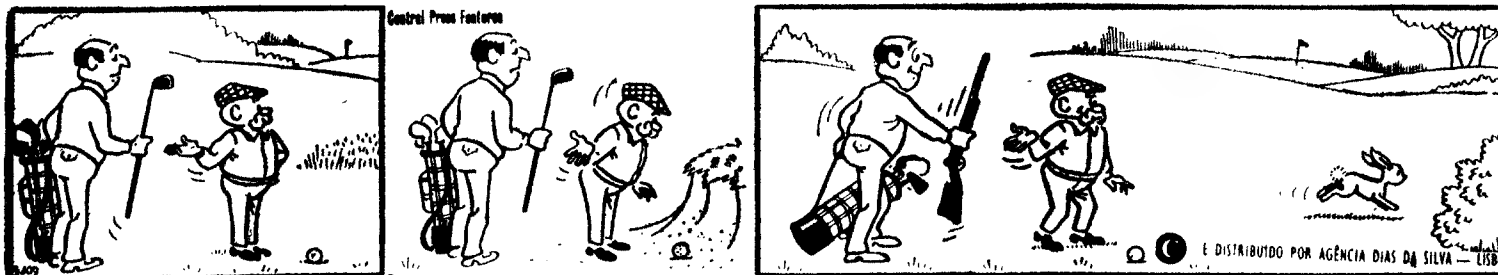
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 19 de Novembro de 1940 publicava:

«SALZBURGO, 19 — O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Serrano Suñer, partiu esta manhã de Berchtesgaden, de regresso à Espanha. Von Ribbentrop, ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, saudou-o na estação, onde também se encontrava o general Espinosa de los Monteros, embaixador da Espanha em Berlim, assim como representantes do Estado, do partido e das Forças Armadas.»

Câmara Municipal de Sintra SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS AVISO

Avisam-se os senhores consumidores que no próximo dia 21, das 10 às 18 horas, será interrompido o fornecimento de água para reparação da conduta geral de abastecimento de água.

Os sectores mais afectados serão as zonas altas de Agualva, Cacém, Casais, Mem Martins, Algueirão, Rio de Mouro, Rincão, Albarraque e Abruñeira.

Em relação aos outros sectores, com excepção de Queluz e Belas, solicita-se a máxima economia nos gastos de água, a fim de evitar grandes perturbações no abastecimento.

Sintra, Serviços Municipalizados em 17 de Novembro de 1970.

Palavras cruzadas

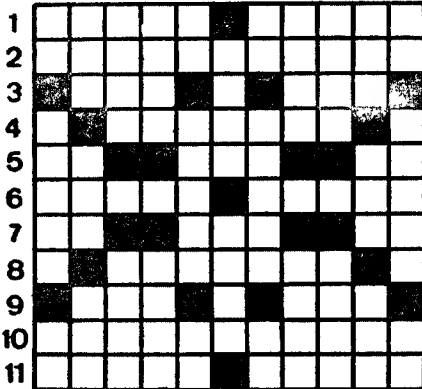
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5721

HORIZONTAIS: 1 — Produto (fig.). Azedo 2 — Abatermos. 3 — Rio de França. Uma das Novas Hébridas, na Melanésia Inv. 4 — Relativo ou semelhante ao solano. 5 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Cólera. Preposição. 6 — Solução. Nome de jogo. 7 — Interjeição que se emprega para fazer parar as bestas. Mau cheiro. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 8 — Vestimenta rústica. 9 — Espécie agora de padeiro usado pelos povos do Norte de África. 10 — Desmentiremos. 11 — Lugar de contenda furiosa.

VERTICAIS: 1 — Nota musical. Animal vertebrado, aquático, com o corpo coberto de escamas. Batráquio. 2 — Magnete natural. Patrão. Possuir. 3 — A ponta das vergas. Preve. 4 — Canto. Vale espanhol nos Pirenéus. 5 — Laço (inv.). Apeleio (fig.). Bosta. 6 — Formar as abas. 7 — Vinagem. Flutuar. Troça. 8 — Coma à ceia. Ratar. 9 — Solução. Equipa. 10 — Faz doação de Rio de Portugal. Preposição e artigo definido (pl.). 11 — Artigo definido. Pesca. Apelido.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5720

HORIZONTAIS: 1 — Taças. Calar. 2 — OLHO. Dado. 3 — Acartarmos. 4 — Rosou. Alara. 5 — As. Sira. Ad. 7 — Cona. Apar. 8 — Troar. Rimor. 9 — Re. Datal. Vê. 10 — Essa. Hilo. 11 — Soera. Canas.

VERTICAIS: 1 — Tocar. Três. 2 — Alças. Cresco. 3 — Chás. MÃO. Se. 4 — Aorosa. Nadar. 5 — Tuitara. 6 — Ba. Tó. 7 — Rareira. 8 — Adela. PILHA. 9 — Lama. Sam. An. 10 — Adora. Rovia. 11. Rosada. Meds.

PROVERBIO: OLHO VÊ, MÃO PILHA.

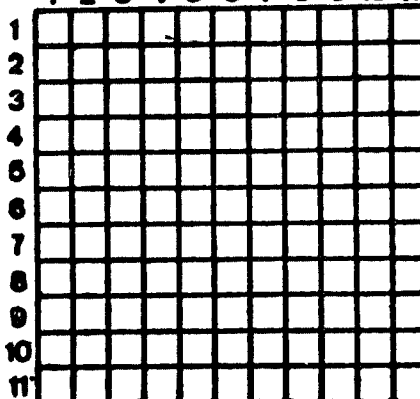
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9564

HORIZONTAIS: 1 — Cidade da Argentina. Freguesia do concelho e distrito de Viseu. 2 — Mau cheiro. Pronome possessivo. Preposição e artigo definido (pl.). 3 — Idiota. Planta umbelífera. 4 — Tragédia de Shakespeare. Mulher que rouba. 5 — Adições. Superfícies planas delimitadas. 6 — Consentimento. 7 — Focinhos salientes, muito alongados. 8 — Verbais. Reúdo em maço. 9 — Nome de mulher. Estimou. 10 — Textualmente. Nome de vários papas. Boteco. 11 — Guarnições de asas. Manada.

VERTICAIS: 1 — Batráquios anuros úteis à agricultura. Mamífero das regiões polares. 2 — Venerou. Rotas. 3 — Ganem. Taberna. 4 — Olé. Esteiro. 5 — Campeão. Restos mortais. Post scriptum (abrev.). 6 — Interjeição de dor. Prefixo de negação. Quinhetos e um em romano. 7 — Cálcio (s. q.). Passa a língua por. Abreviatura que se usa em música. 8 — Rio da Suíça. Governanta. 9 — Bolota. Bailado popular do Brasil. 10 — Tomar brilhante. Filtar. 11 — Pronome demonstrativo (pl.) Vila e concelho do distrito de Beja.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9563

HORIZONTAIS: 1 — Amestrar. am. 2 — Léria. Rimai. 3 — Mal. Ami. 4 — Opera. Ratar. 5 — Rena. Sama. 6 — Ut. Tua. Re. 7 — Ag. Fiões. 8 — Matar. Rolam. 9 — Oro. Olá. 10 — Arad. Diva. 11 — Samos. Tesor.

VERTICAIS: 1 — Alvor. Ambas. 2 — Me. Peuga. Ra. 3 — Erment. Toam. 4 — Sira. Far. do. 5 — Tala. Tiro. 6 — Pua. 7 — Anor. Aera. 8 — Rimas. Soldo. 9 — Imitar. Lais. 10 — Ao. Ameia. Vá. 11 — Miana. Amuar.

SNR. AUTOMOBILISTA

GANHE DINHEIRO! POUPANDO O SEU AUTOMÓVEL! DEFENDA-OS DOS INVERNOS! MANDANDO APLICAR NO CHASSIS E NA CHAPARIA INTERIOR A CAMADA PROTECTORA «PLASTICOAT»

Protecção total garantida por 6 anos
Não precisa mais parafinar nem pintar
Anti-ferrugem, anti-ruídos — Aumenta a vedação
CAMPANHA INVERNO de 1/11 a 1/4/71

Marque já a sua entrada

Preços: 650\$00 — 550\$00 — 450\$00

COTAL — Rua Artilharia Um, 105-A

Rua dos Lusíadas, 113-A

ESPECIALIZADOS HÁ 25 ANOS

FORD ZODIAC

De serviço, apenas c/ averbamento em nome do Concessionário, estado impecável, c/ garantia. Vende: Auto Rali — Av. Almirante Reis, 130-A-E.

ALCATIFAS

TECIDOS — TUFADAS
FLOCADAS — AGULHADAS — PLÁSTICAS

TAPEÇARIAS

NÓLÃ

AV. DA REPÚBLICA, 20-A
Telef. 53 33 10

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)



EXIJA SEMPRE O INCONFUNDÍVEL
BRANDY

MORGAN

DISTRIBUIDORES:

EST. JERÓNIMO MARTINS & FILHO, LDA.

LISBOA

PORTO

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

A cópia de uma carta dactilografada que D. Albana de Sommer Osório teria dirigido a seu sobrinho Carlos Champallimaud, em 17 de Agosto de 1953, suscitou todas as atenções do Tribunal durante mais uma audiência (no 1.º Juízo Criminal da Boa Hora) do julgamento do caso da herança Sommer.

Diz essa carta: «Meu querido Carlos: como disse, desejo, antes da partida para o estrangeiro, deixar-lhe a relação das acções que possuo em poder de seu irmão António e da E. C. L., visto que como também lhe tenho dito, todas elas para si reverterão no caso do meu desaparecimento do número dos vivos, passando desse momento em diante a serem totalmente de sua propriedade.

A guarda de seu irmão António tenho: nove mil quinhentas e noventa e três (9593) da Empresa de Cimentos de Leiria, sendo seis mil quinhentas e sessenta e nove ao portador e três mil e vinte e quatro de assentamento. Estas acções, como sabe, foram-me cedidas por seu tio Henrique; suceda o que suceder, deve entrar o seu dividendo a sua tia Luísa enquanto for do número dos vivos. Nos cofres da E. C. L. tenho, ainda, vários títulos da mesma empresa que igualmente lhe serão entregues no caso acima referido, contra a apresentação desta carta.»

QUEM ACHOU UM PERDIGUEIRO AMARELO?

Na madrugada do dia 15, perdeu-se em Alcácer do Sal um cão perdigueiro amarelo com um risco branco na cabeça e outro a meio do peito. Pede-se a quem o encontrou o favor de telefonar para 326308, pois a pessoa que o perdeu não é o dono, pelo que se encontra aflita.

As acções referidas na carta são precisamente as que são alvo de discussão neste processo. Carlos Champallimaud nega a sua autenticidade, pelo que ficou registado na acta o seguinte:

«Estranha, também, acentua o declarante, que propagando sua tia Albana que deixaria tudo a ele, o que consta, aliás, de cartas escritas pelo declarante a essa referida tia, não fizesse qualquer alusão na imaginária carta a que corresponderia a maquinada cópia de fls. 11239, as suas acções próprias, isto é, pessoais, e aliás, apenas a acções que ela bem sabia não lhe pertencerem e em termos que só serviriam para comprometer o declarante. Além disso, não faz sentido que sendo o declarante — segundo se dizia na família e convívios mais íntimos — a pessoa que sua tia Albana queria constituir seu universal herdeiro, ela viesse «isolar» os valores a que se faz menção na pretensa cópia de fls. 11239. O teor desta pretensa cópia não se coaduna, pois, com aquilo que entre familiares e amigos era tido como uma certeza, dado que outros valores, designadamente mobiliários, comvinham o património de D. Albana. Isto mesmo que ela estivesse convencida — que não estava — de que eram norteadoras as acções referidas no processo, fls. 11239.»

Segundo o declarante, sua tia Albana nunca o tratou por «você» mas sempre por «tu» — quer por escrito, quer verbalmente.

Seguidamente, foram apreciados por Carlos Champallimaud diversos documentos. O depoente afirmou, a certa altura:

«Dava publicidade dentro do ambiente familiar a todas as atitudes por mim assumidas, publicidade essa traduzida verbalmente ou por escrito. Mantive sempre todos a par das minhas diligências: os meus irmãos Henrique e Maria Ana, meus tios Afonso e Fernando, e

Maria Isabel. Prestava-lhes informações verbais e escrevia documentos referentes às atitudes que ia tomando.»

A discussão prosseguiu com a análise das agendas pessoais de D. Albana, após o que a audiência foi encerrada, prosseguindo amanhã o julgamento com a 50.ª sessão.

Em três linhas

Foi nomeado director do planeamento do quadro do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho o eng. Manuel Valério da Costa Belchior.

///

O desembargador Bernardo Perloiro foi transferido da Relação de Coimbra para a de Lisboa. Da do Porto para a de Coimbra foi transferido o desembargador Abel Vieira de Campos Carvalho. Para a de Lisboa, vindos também de Coimbra, foram

transferidos os desembargadores Rui de Matos Corte Real e João de Deus Pinheiro Farinha.

///

A dr.ª D. Suzanne Blanche Daveau Ribeiro foi contratada como equiparada a professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa.

///

O prof. João José Lobato Guimarães foi nomeado director dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

CONTRATO DOS MOTORISTAS

A decisão do Tribunal Arbitral constituído para se pronunciar sobre as relações de trabalho entre os Sindicatos Nacionais dos Motoristas dos distritos de Aveiro, Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu e o Grémio dos Industriais dos Transportes em Automóveis, foi homologada pelo secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, por despacho de 12 do corrente mês.



Um novo meio de publicidade nas ruas de LISBOA



MILHÕES E MILHÕES DE OLHOS POSTOS NA SUA PUBLICIDADE

A Câmara Municipal de Lisboa preocupa-se com a cidade: quer vê-la cada vez mais nova, mais asseada, mais alegre. Por isso, estudou a instalação de uma rede de receptáculos para papéis em todas as ruas, nos quais, segundo a concessão do exclusivo de colocação na via pública, é permitido publicidade.

Publicitariamente, trata-se de um veículo novo que, à semelhança do que se verifica nas grandes cidades europeias, irá obter incontestável êxito, por várias razões de ordem técnica e psicológica.

*

Para todas as informações consulte os Concessionários
ZEIGER PUBLICIDADE INTERNACIONAL
Rua Saraiva de Carvalho, 84 - Tel. 677000 - Lisboa

CALVARIA — LEIRIA



AGOSTINHO FERREIRA LOURO NOGUEIRA
FALECEU

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Manuel Gerardo Ferreira Louro, Maria da Graça Gerardo Louro Guerra, Adélia Gerardo Louro Lagoa, Eduardo de Oliveira Guerra, Joaquim Manuel Lagoa, netos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença o seu querido pai, sogro, avô e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 20, pelas 15.30 horas, saindo da Igreja da Misericórdia, em Leiria, para o cemitério de Calvaria de Cima, Porto de Mós, onde será rezada missa de corpo presente.

AGÊNCIA NOGUEIRA E PINA — LEIRIA

Actualidade internacional

O VEÍCULO LUNAR SOVIÉTICO NÃO BEGRESSARÁ À TERRA —JULGAM OS OBSERVADORES

MOSCOVO, 19 — (R.) — O veículo lunar soviético, que faz lembrar uma ba-nheira com rodas, entrou hoje no seu terceiro dia de actividade sem mostrar que esteja próximo o fim da sua missão.

A Tass disse que o Lunokhod, o primeiro veículo de rodas a circular sobre a Lua, continua o seu programa de pesquisas científicas e recolha de informações. Os técnicos soviéticos não costumam anunciar antecipadamente aquilo que tencionam fazer, mas os observadores estão convencidos de que o tractor espacial não regressará à Terra, ficando abandonado na superfície desolada do Mar das Chuvas quando se esgotar a sua energia.

O Lunokhod-1 passou já em volta da Luna-17, enviando imagens de televisão para a Terra. Algumas destas imagens, mostradas ao público ontem à noite, revelam que as suas rodas, de raios semelhantes aos das bicicletas, mergulham mais na poeira lunar nus-sítios do que noutros.

O comentador científico da Tass disse: «Quando em andamento, o Lunokhod faz lembrar um lagarto rastejando sobre todos os obstáculos que encontra».

O académico Boris Petrov, referindo-se ao reflector de fabrico francês para raios Laser que equipa o Lunokhod, disse que graças a ele será possível medir com um erro de poucos metros a distância exacta entre a Terra e a Lua.

O jornal «Izvestia» revelou ontem que as oito rodas do veículo têm tracção independente, pelo que ele poderá continuar a deslocar-se mesmo que só duas funcionem.

Se uma das rodas ficar presa numa fenda de terreno será automaticamente transmitido um sinal para a Terra e, por «controle» a distância, a tracção a essa roda será desligada, passando ela a girar livremente, enquanto as outras puxarão o veículo, livrando-o de dificuldades. Segundo o jornal, as rodas são constituídas por aros finos, revestidos de rede de

aramé em vez de pneumáticos.

O cientista Petrov declarou ainda que veículos de autopropulsão são indispensáveis para a exploração conveniente de uma área razoável da Lua.

Outro cientista, o professor Nikolai Barabashov, disse à Tass que a exploração da Lua será seguida por experiências semelhantes em Marte, onde um veículo de autopropulsão poderá deslocar-se facilmente.



PRISIONEIRO são conduzidos pelas tropas do Governo de Saigão durante operações militares na província de Kien Hoa, no delta do Mekong. As forças governamentais reocuparam Cho Thom, localidade considerada capital da região dominada pelos guerrilheiros

CAO KY: Retirada americana quase total até ao fim de 1971

LEAVENWORTH (Kansas), 19. — (A. N. I.) — O vice-presidente do Vietnã do Sul, Nguyen Cao Ky, afirmou ontem esperar que quase todas as tropas norte-americanas tenham

abandonado o seu país até ao fim de 1971.

Conversando com os jornalistas, acrescentou que, em sua opinião, o programa da vietnamização será coroado de êxito, tanto política como militarmente.

Ky respondeu que «estava bem» e era «aceitável» ao ser interrogado se concordava com a anúncio feito por Bangkok de que retiraria todas as tropas tailandesas do Vietnã do Sul até 1972.

Ky tenciona avistar-se com o presidente Nixon e com o antigo presidente Lyndon Johnson no fim da sua actual visita aos Estados Unidos.

NOVE MORTOS NUM ATENTADO

SAIGÃO, 19. — (R.) Guerrilheiros do Vietcong lançaram uma granada de mão para um grupo de pessoas que assistiam a um espectáculo de cinema ao ar livre ontem à noite, causando a morte de nove civis e mais 43 feridos.

O Comando Militar, ao anunciar hoje o ataque, disse que os guerrilheiros escaparam devido à confusão que se gerou após o atentado.

Este incidente, registado na aldeia de Cong Thanh, a 32 quilómetros de Saigão, foi o mais grave do género no Vietnã do Sul desde há vários meses.

Entretanto, no delta do Mekong uma unidade governamental abateu doze guerrilheiros e capturou armas e munições além de minas e equipamento de rádio.

«O Pasquim» reapareceu sem a colaboração dos redactores presos

RIO DE JANEIRO, 19 — (F. P. e R.) — O popular semanário político brasileiro «O Pasquim» apareceu ontem à venda nas ruas, mas sem a colaboração dos seus redactores, que se encontram em comunicação num aquartelamento militar.

Os jornalistas foram detidos recentemente durante uma grande rusga efectuada pela Polícia e as autoridades militares contra alegados «elementos subversivos». Cinco advogados, que tentaram vê-los, não puderam contactar com eles.

A colaboração deste número do semanário proveio de proeminentes artistas brasileiros, incluindo um escritor, um director cinematográfico e uma «estrela» da canção, pelo que a publicação se considerava como uma «corrente de solidariedade».

LIBERTADAS DUAS MILITANTES DA J.O.C.

Ontem, foram libertados dois dos cinco militantes da Juventude Operária Católica brasileira, que estavam presos desde Setembro no Rio de Janeiro.

Os restantes, assim como os quatro capelães da J.O.C., poderão ser libertados em breve, talvez ainda esta

semana — anunciou o seu advogado, dr. Heleno Fragoso.

As autoridades libertaram Maria Irony Bezerra Cardoso, que está grávida de oito meses, e Márcia de Assis Marques. Pouco antes de serem libertadas, o bispo auxiliar do Rio teve uma entrevista com o general Syseno Sarmiento, comandante da Primeira Região Militar.

«EL CORDOBÉS» QUER SER DEPUTADO

MADRID, 19 — (F. P.) — O matador de touros «El Cordobés» quer entrar na arena... política, candidatando-se como deputado às Cortes espanholas nas eleições legislativas de 1971.

Entrevistado pelo «Pueblo», Manuel Benítez anunciou os seus propósitos políticos: «O meu programa político será baseado na Bíblia. Quero que as pessoas vivam bem, que os pobres sejam menos pobres e os ricos menos ricos... à excepção de mim mesmo. Não me devem tirar nenhum dinheiro, que tanto me custa a ganhar».

«El Cordobés», que passou algum tempo em Inglaterra para aprender inglês, explicou que tinha voltado a Espanha porque «os jornalistas e os fotógrafos de Londres o perseguiram constantemente». Mas continuará a aprender inglês e, dentro de seis meses, já o falará «tão bem como quem o inventou».

O sueco Kallstrom vencedor do «Rallye» da Grã-Bretanha

LONDRES, 19. — (R.) — O Royal Automobile Club confirmou hoje todas as classificações provisórias do «Rallye» Automóvel da Grã-Bretanha, que terminou ontem em Londres. O primeiro lugar foi para o sueco Harry Kallstrom em «Lancia», o segundo para o seu compatriota Erikson em «Opel» e o terceiro para outro sueco Bror Nasenius, também em «Opel».

O quarto lugar foi ainda para um sueco, em «Opel», o quinto para o inglês Andrew Cowan em «Renault Alpine» e o sexto para o francês Larousse, em «Porsche».



Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ESTA CHAVE ← Northwest Holst ABRE A PORTA DUM FUTURO PRÓSPERO E FELIZ

Na Aldeia do Golf, ao lado do mais belo campo de golf do Algarve... Em Vilamoura *
É a chave para a porta da sua casa na Aldeia do Golf que, em breve, terá uma simpática piscina e acolhedor centro comercial.

Desse oito tipos de moradia em venda, estamos certos, é exactamente o que lhe convém, assegurando-lhe uma fonte de rendimento e prazer.

Pensando em si, obtivemos facilidades de crédito únicas.

Não perca a oportunidade de beneficiar de preços especiais, devolva hoje mesmo o coupon para:

Aldeia do Golf
Edifício do Hotel Eva
FARO — ALGARVE
Tel. 008-24050

ou Aldeia do Golf
Vilamoura
Boliquireme — ALGARVE
Tel. 008-65272

Queiram enviar-me imediatamente

- ☐ Literatura sobre uma moradia com ☐ quartos.
☐ Preços especiais válidos até 31 de Dezembro de 1970
☐ Condições para uma visita sem encargos para mim
☐ Informações sobre facilidades de pagamento.

Marque com X o que lhe interessar

Nome _____

Profissão: _____

Morada: _____

* Outras atracções de VILAMOURA incluem centro hipico, picadeiros, campos de ténis, instalações balneares, estalagem, restaurantes e bares.

ACORDO ECONÓMICO HISPANO-HÚNGARO

BUDAPESTE, 19 — (F. P.) — Um acordo económico a longo prazo entre a Hungria e a Espanha foi assinado ontem nesta cidade por Bela Szalai, ministro adjunto húngaro dos Negócios Estrangeiros, e Fernandez Cuesta, secretário adjunto espanhol do Comércio — anuncia a agência MTI.

Este é o primeiro acordo entre os dois países desde a segunda guerra mundial. Além do intercâmbio comercial de valor de 20 milhões de dólares, este acordo, válido por cinco anos, compreende cooperação económica, técnica e industrial.

Prevê-se ainda o estabelecimento de uma linha aérea entre Madrid e Buda-

dapeste, que será servida pelas companhias Malev (húngara) e Ibéria (espanhola).

«Este primeiro acordo com a Hungria constitui um ponto de partida para a aproximação entre a Espanha e os países socialistas», declarou Fernandez Cuesta.

WILLY BRANDT CONVIDADO A IR A VARSÓVIA

BONN, 19 — (F. P.) — Josef Cyrankiewicz, primeiro-ministro polaco, enviou uma carta ao chanceler Willy Brandt para o convidar a ir a Varsóvia por ocasião da assinatura do tratado germano-polaco — soube-se a noite passada de fonte autorizada alemã ocidental.

MADRID, 19 — (F. P.) — Um dos aspectos mais significativos das eleições municipais e para conselheiros locais do «Movimento Nacional», que se realizaram na terça-feira em toda a Espanha, foi a muito fraca participação registada nas regiões de agitação mais recente, como a Andaluzia e as Vascongadas.

Em Sevilha, a percentagem de votantes pouco excedeu os 15 por cento, enquanto na região de Bilbao as abstenções atingem os 80 por cento. Estes resultados suscitaram vivas críticas por parte da imprensa. O jornal monárquico «ABC», que comenta

particularmente os votos recolhidos em sete bairros de Madrid, conclui que as eleições foram um «fracasso».

«O grande protagonista das eleições municipais escreve o jornal, foi mais uma vez o abstencionismo» que atribui a reduzida propaganda eleitoral e às «regras» que impedem os candidatos de se distinguir uns dos outros.

Por seu lado, o jornal católico «Ya» declara não encontrar explicação para a pouca publicidade feita em torno destas eleições abertas a todos os cidadãos com mais de 18 anos. «Tem-se a impressão, disse, de que o «Movimento Nacional», que é

MINI-BOMBAS «H» PARA USO PACÍFICO

WASHINGTON, 19 — (A. N. I.). — A Comissão de Energia Atómica espera aperfeiçoar pequenas bombas «H», de dezoito centímetros para abrir reservas de gás natural até agora inacessíveis — comunicou um informador da comissão.

Estas reservas, que se encontram a centenas de metros de profundidade no

subsolo rochoso de cinco dos Estados ocidentais contêm bilhões de metros cúbicos de gás natural — combustível cujo índice de poluição da atmosfera é muito inferior ao do carvão e do petróleo.

Chegar a estas reservas de gás de forma segura e económica é dos objectivos do «Plowshare», programa da Comissão de Energia

Atómica para a utilização de explosivos nucleares em tempo de paz.

A ideia é abrir uma galeria a centenas de metros de profundidade através da qual o gás possa ser bombeado para a superfície. No entanto, duas experiências realizadas em 1967 no Novo México e em 1969 no Colorado revelaram existirem dois problemas — con-

taminação radioactiva do gás e o custo elevado da perfuração de buracos suficientemente grandes para acomodar grandes explosivos, com potência bastante para fazerem aquele trabalho.

A redução do tamanho das bombas aumenta o seu custo, mas reduz o custo da perfuração.

Fraca participação dos espanhóis nas eleições municipais

Os trabalhadores são mais populares do que os «tories»

LONDRES, 19 — (F. P.) — Pela primeira vez desde as eleições gerais, a popularidade dos trabalhadores bate a dos conservadores. Segundo um inquérito Gallup publicado pelo «Daily Tele-

graph» os trabalhadores têm sobre os «tories» um avanço de 4,5 por cento. Com efeito, 48 por cento dos interrogados disseram ser a favor dos trabalhadores contra 43,5 a favor dos conservadores.



Durante o curso promovido por J. J. Gonçalves, Sucrs. S. A. R. L.

J. J. GONÇALVES, SUCRS. S. A. R. L. AO SERVIÇO DA LAVOURA

Continuando a sua linha de evolução, a divisão agrícola de J. J. Gonçalves, Sucrs. Comércio e Indústria, S. A. R. L., realizou, durante a semana que decorreu, mais um seminário no Hotel Golf-Mar (Vimeiro), com a colaboração da fábrica David Brown Tractors, Ltd., sua representada.

O curso versou sobre tractores e demais equipamentos David Brown e teve por finalidade a actualização técnico-comercial do pessoal de J. J. G. S., divi-

são agrícola, e dos seus concessionários de Agência — actualmente 23, cobrindo todo o território do continente e arquipélago dos Açores.

Representando a fábrica David Brown Tractors, Ltd., estiveram presentes os srs. David Ruston, Export Sales Manager para a Península Ibérica e América Latina e J. P. Shaw, Export Service Representative e, por parte de J. J. G. S., além do administrador-delegado, eng.º C. F. Gonçalves, o director e director-adjun-

to, da divisão, respectivamente, engenheiros-agrónomos M. Galvão e C. Bobone; bem como os demais colaboradores directamente ligados às vendas de tractores David Brown.

Mais uma vez se teve oportunidade de verificar a homogeneidade do grupo de trabalho constituído por J. J. G. S., e seus concessionários de Agência, que com o maior entusiasmo continuam a contribuir, através da mecanização racional da lavoura, para a evolução da agricultura nacional.

DOIS MILHÕES DE VÍTIMAS NO PAQUISTÃO ORIENTAL

—segundo cálculos não oficiais

DACCA, 19 — (R.) — Estão a ser tirados cobertores aos presos para socorrer os sobreviventes em risco de morrerem à fome, frio e sede na região do Paquistão Oriental, assolada por um furacão e uma gigantesca vaga.

Nas ilhas devastadas, os funcionários dos serviços de socorros, cobertos de lama e destroços até aos tornozelos, começaram ontem a recolher cobertores nas cadeias, como medida de extrema urgência.

Cálculos não oficiais afirmam ser de cerca de dois milhões o número de vítimas do ciclone e da vaga de sexta-feira passada.

Esta medida desesperada de tirar os cobertores aos presos tem por fim manter os sobreviventes agasalhados, enquanto o auxílio não chega às zonas mais isoladas da foz do Ganges.

Em Dacca amontoam-se os artigos enviados do estrangeiro para as vítimas, mas existe apenas um único helicóptero no Paquistão Oriental para os enviar aos locais onde são necessários.

Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha já foram contactados pelo comissário das operações de socorro, Anisuzzaman, para enviar helicópteros, mas os funcionários de Dacca afirmam que eles não estarão disponíveis antes do fim da semana. A Grã-Bretanha envia também, de Singapura, treze barcas militares com capacidade para 15 pessoas além de

dois tripulantes. A comissão de socorros não teve notícias sobre o auxílio chinês, soviético e japonês, mas tem estado em contacto com os consulados dos respectivos países.

As notícias falam agora em números astronómicos de vítimas. Assim, o jornal de língua inglesa «Daily Dawn» prevê 1 500 000 mortos e o jornal bengali «Songgram» afirma que o número de mortos atinge os dois milhões, ou seja 90 por cento da população daquela região.

Um jornal bengali julga que este número está a ser propositadamente elevado com o fim de provocar o adiamento das eleições

marcadas para Dezembro. Em consequência da catástrofe a campanha eleitoral diminuiu substancialmente de intensidade mas não foi interrompida.

Oficialmente, o número de mortos está calculado e confirmado em 34 000.

Muitos dos mortos têm sido enterrados em enormes valas mas os sobreviventes, exaustos e enfraquecidos pela fome, não têm energia para continuar o macabro dever. Os corpos em decomposição constituem perigo de poluição da água potável e palha no ar o espectro de diversas epidemias, tais como a cólera e a febre tifóide.

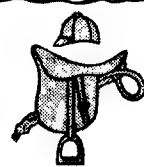
MANIFESTAÇÃO EM DACCA

DACCA, 19 — (F. P.) — A população da capital do Paquistão Oriental manifestou ontem a sua cólera perante a lentidão e a insuficiência das operações organizadas para tentar salvar os sobreviventes da catástrofe do Golfo de Bengala.

Um grupo, animado por elementos das esquerdas e por nacionalistas bengali, manifestou-se diante do edifício da estação emissora de rádio, que se tornou símbolo de todos os males que atingiram o país. Os manifestantes acusam, com efeito, a estação emissora de ter difundido informações imprecisas acerca do ciclone e de ter ocultado a população, no dia seguinte

ao da catástrofe, a amplitude do desastre.

Esta manifestação esteve quase a degenerar em desorde. Era principalmente dirigida, segundo parece, contra o ministro da Informação, Sherar, que aos olhos dos intelectuais do Paquistão Oriental, representa a dominação por parte da província ocidental do país. O desfile de um imenso grupo de jornalistas e de artistas de Dacca, pedindo que o dia 20 (amanhã) seja considerado como dia de luto nacional em memória das vítimas do ciclone considerado aqui como o «cataclismo» mais devastador deste século, precedia a manifestação.



Convide

Venha, de 19 a 25 de Novembro, à PERFUMARIA ROSA D'OURO, na Rua do Ouro, n.º 279. Espero-o todas as tardes, e ao sábado durante todo o dia. Nem você sabe quanto é importante o que tenho para lhe dizer. Venha... até ao dia 25 de Novembro.

Na PERFUMARIA ROSA D'OURO, há também uma prenda para si. Uma prenda que ENGLISH LEATHER lhe oferece.

Se não puder vir, peça-lhe... a ela, que venha.

Miss English Leather

na ~~Dardo~~ você GANHA PELA CERTA!

sem sorteios ~~sem sorteios~~ sem concursos ~~sem concursos~~

COMPLETAMENTE **GRÁTIS**



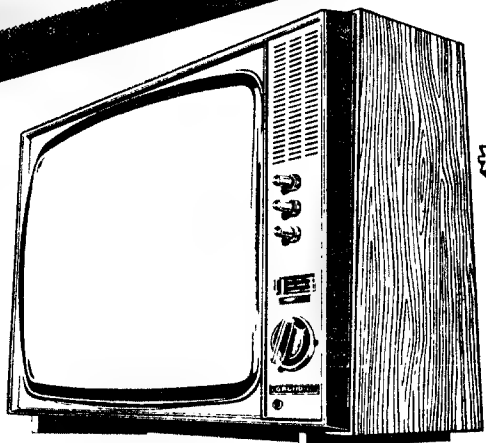
Receba GRÁTIS
um magnífico
rádio GRUNDIG
comprando na



um televisor
último modelo

GRUNDIG

2001 E



**SEM ENTRADA
E EM
3 ANOS**

LOJAS DARDO:

Av. da Liberdade, 131 ■ Rua S. Bento, 55 ■ Av. Almirante Reis, 124
P. de Londres, 7 ■ Rua D. Estefania, 193 ■ Rua 1.º de Maio, 146 - A

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Serviço de Aquisições

**VENDA DE SOBEJOS DE COMIDA
DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
PARA SEREM UTILIZADOS
NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES**

Recebem-se propostas até às 15,30 horas do dia 30 do corrente, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), em qualquer dia útil das 9 às 11,30 e das 14 às 16 horas e nos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 16 de Novembro de 1970.

O Chefe do Serviço:

a) ALEXANDRE PINHEIRO

MAIORES DE 17 ANOS AMBIENTE SELECIONADO

MÁRIO SIMÕES

E O SEU CONJUNTO
na «BOITE»

HIPOPÓTAMO

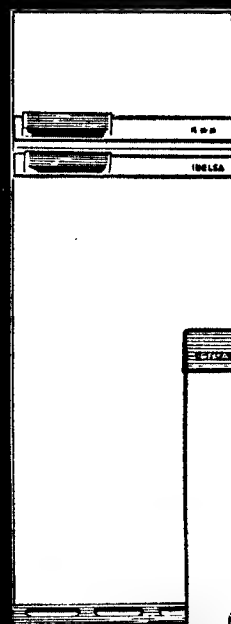
Serviço de Ceiás

MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 48384

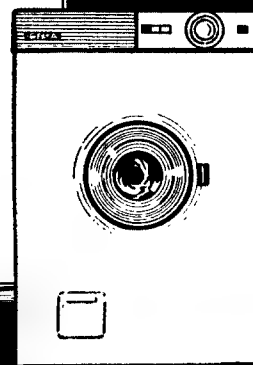
AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR N.º 3
ABERTO DAS 22 AS 5 H. (Encerrado aos domingos)

No FUNDÃO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim Inácio da Silva

Electrodomésticos **IBELSA**



*** Qualidade
sinónimo
de garantia



detergente
recomendado

DISTRIBUIDORES GERAIS

MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.

(DIVISÃO ELÉCTRICA) TELFS. 83 8170 - 42 495

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

EM CASCAIS LOTES PARA MORADIAS OU BUNGALOWS

Nas mais progressivas zonas de Cascais
Preços desde 70 contos

Proprietário: **J. BARAONA**

«Edifício Cascais»

Av. Valbom, 28 - 1.º — Telef. 282345
CASCAIS

ALGARVE/OUTONO

PASSE O PRÓXIMO FIM DE SEMANA EM ALBUFEIRA
INSTALE-SE NO

HOTEL BALTUM

- Situado no centro da vila
- Todos os quartos com banho, aquecimento e telefone
- Administração e direcção portuguesas
- Modicidade de preços. Casal (Pensão completa 27,50 + taxas)
- Faça as suas reservas pelos telef. 306-307 - Albufeira - Apartado 22

BOMBARRAL



DR. ALBERTO MARTINS

Agradecimento e missa de 7.º dia

Sua família na impossibilidade de agradecer por outro meio, tantas provas de amizade e conforto que receberam pelo grande desgosto sofrido, a todos vem testemunhar a sua maior gratidão, e participar que será rezada missa por sua alma, 6.ª-feira, dia 20, pelas 12 horas, na Igreja de S. Salvador, no Bombarral, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

POR K. O. AO 2.º ASSALTO

Frazier venceu Foster

• Clay tem adversário

O campeão mundial de boxe de todas as categorias, o americano Joe Frazier, teve uma vitória fácil no combate disputado ontem em Detroit, contra o seu compatriota Bob Foster e mantém o título.

A hipótese (remota) de vitória de Foster não se verificou e, assim, Cassius Clay terá a oportunidade ansiosamente aguardada em todo o mundo, de disputar ao seu sucessor na lista dos campeões, um título que perdeu, sem nunca ter perdido...

O combate Frazier-Foster apenas presenciado por alguns milhares de espectadores — número desanimador — foi de espectacular superioridade do campeão que, embora tenha surgido mais pesado que nunca (94.800 kg) se mostrou rapidíssimo e versátil, «mimoseando» o adversário com golpes para todos os gostos.

Foster, um longilíneo e menos possante que Frazier (não esqueçamos que se trata de um meio-pesado) embora mais alto, viu-se assoberbado, desde o início da peleja, por constantes e demolidores ataques do campeão, parecendo esgotado quando recolheu ao seu «canto» no final do primeiro assalto.

Pareceu e estava, pois não resistiu muito mais.

Iniciado o segundo assalto, Frazier lançou-se ao ataque, atingindo o pretendente com uma saraivada de socos, culminada com uma esquerda que o levou «á lona». Contagem de oito, obrigatória Foster levanta-se, mas nova série de golpes coroada com uma esquerda «desde o joelho», o lançou ao tapete, para a conta final.

Foi aos 49 segundos do se-



FRAZIER

gundo assalto. Só três minutos depois Foster recuperaria os sentidos...

Assim, Joe Frazier manteve o seu título. Para sua glória e proveito. Cassius Clay tem adversário...

Fulminante vitória por «K. O.» de Aníbal Silva (Sporting)

Apesar de todos os contratempos a sessão de ontem acabou por ser um bom espectáculo, que se não teve primos de técnica teve emoção e entusiasmo.

Os combates decorreram como segue:

Torneio iniciação

«Ligeiros»: Alberto Brito (Rio de Janeiro) venceu por abandono ao 2.º assalto, Luis Franco (Baixa da Banheira). Foi clara a superioridade do pugilista do Rio de Janeiro, que se apresentou com 900 gramas a mais. Esse desnível do pugilista e do seu treinador representa uma derrota, pois a lei é bem clara: «Se um pugilista exceder o peso em mais de 500 gramas, o combate efectua-se se o adversário quiser, mas o resultado é sempre derrota para o pugilista, que excedeu o peso da categoria».

«Plumas»: Francisco Soares (Sporting) mais consciente e com muito melhor técnica venceu por pontos José Costa (Alvalade), a quem derrubou no 3.º assalto.

«Ligeiros»: Virgílio Cabral (Bairro da Boavista) foi declarado vencedor aos pontos de António Nogueira (Sporting). Decisão errada dos juizes, que se mudaram com a destemperada agressividade de Virgílio Cabral.

«Meio-médio ligeiro»: José Broa (Bairro da Boavista), valente, decidido e duro, aplicou umas valentes «broas» em Francisco Baltasar (União Banheirense), que se viu forçado a abandonar no terceiro assalto. Deviam, porém, ter sido desclassificados ambos, tal a sua imperícia pugilística.

«Meio-médio ligeiro»: Carlos Martins (Alvalade) e Martinho Queimado (União Banheirense) liam pela mesma cartilha dos antecedentes, mas nem sequer se batiam. Martins venceu por desclassificação de Queimado, que voltava às costas constantemente. Se têm medo será melhor irem jogar às damas...

Torneio consagrados

Para esta prova jogaram em «Galos»: Aníbal Silva (Sporting) contra José Duarte (Estefânia). O experiente Aníbal Silva foi dominando o adversário com o seu jogo de pernas e quando o viu no ponto ideal, «disparou» um potente directo de direita, que derrubou José Duarte, para a conta fatal.

«Meio-médio ligeiro»: Manuel Reitor (Sporting) e Carlos Santos, do mesmo clube, anteciparam o combate que têm de fazer por serem os finalistas da categoria. O combate foi o mais brilhante da sessão, tecnicamente falando. Foi equilibrado, espectacular e limpo. O júri deu a decisão a Carlos Santos, mas se fosse ao contrário também se aceitava.

O publico acorreu em bom numero e com entusiasmo, tornando-se merecedor de maior respeito por parte dos dirigentes dos clubes.

PATRÍCIO ALVARES

Os castigos da F.P.F.

Malta da Silva e Estêvão três jogos de suspensão

Pejo mesmo motivo («injúrias ao árbitro»), Malta da Silva (Benfica) e Estêvão (Belenenses), ambos expulsos no passado domingo acabam de sofrer três jogos de suspensão.

Estes foram os únicos jogadores primodivisionários a contarem com a disciplina federativa e seria ocoso referir a falta que quer um quer outro fazem às suas equipas — já porque se trata de titulares, já porque quer o Benfica quer o Belenenses não estão no momento, a atravessar uma fase que possa considerar-se boa.

«NACIONAL» DE HÓQUEI EM PATINS

Decisão para hoje?

• Porto e Benfica voltam a encontrar-se

A equipa de hóquei em patins do Benfica, bem situada na classificação do «Nacional» que está a decorrer no Porto, terá hoje uma excelente oportunidade de reforçar as suas possibilidades quanto ao título — isto, é claro, se lograr vencer o F. C. Porto, também candidato. A jornada desta noite é a primeira da segunda volta. No encontro da volta anterior, o triunfo pendeu para os lisboetas.

As equipas mais empenhadas na disputa do título são as metropolitanas; mas, por aquilo que vimos, parece-nos que o Benfica reúne as melhores condições para chegar ao final em vencedor: é o conjunto de maior valia técnica e aquele que, nos momentos decisivos, sabe pôr em prática o que convém e arrancar para um desfecho final favorável. Além do mais, conta com uma defesa extremamente fechada e isso obriga o adversário a empregar-se profundamente.

O F. C. Porto, por sua vez, é também uma equipa de valor, mas os seus elementos não estão tão amadurecidos como os lisboetas. No entanto, o factor público pode contribuir imenso para os empurrar no sentido de uma vitória frente à equipa do Benfica — e, se tal acontecer, teremos uma finalíssima (com data já prevista) no domingo, à noite. Das equipas ultramarinas, a Académica de Moçambique é

sem dúvida, a que reúne mais probabilidades de ficar na terceira posição, pois os seus elementos já se adaptaram perfeitamente ao rinque de madeira e estão aptos a desenvolver o seu hóquei, que, não sendo de grande técnica, é, no entanto, bastante intencional.

A simpática turma de Angola, que conta no plantel atletas bastante jovens, ainda não atingiu o seu melhor. Estamos certos, no entanto, que dentro de algum tempo e quando se deixarem de remeter demasiado a defensiva, podem constituir um «cinco» perigoso e capaz de enfrentar as melhores equipas.

Confirmada a vitória de Domingos Santos no Rallye de S. Martinho

Domingos Santos foi o vencedor do «Rallye» de São Martinho, primeira prova (Zona Sul) do Campeonato Nacional de Iniciados, cujas classificações foram ontem à noite afixadas no Clube Arte e Sport.

A classificação geral ficou estabelecida do seguinte modo:

1.º Domingos Santos (Austin Cooper S); 2.º António Jorge Alves (Austin Cooper); 3.º Mário Rodrigues da Silva (Morris Cooper); 4.º Carlos Eduardo Garcia (Morris Cooper); 5.º Feliciano Branco (Austin 1000); 6.º João Carlos Zilhão (Austin Cooper S); 7.º Ventura Marques (Austin Cooper S); 8.º António Marques da Cruz (Austin Cooper S); 9.º Rui Ferreira (Austin Cooper S); 10.º Fernando Carlos Rocha (Austin Cooper S).

Senhoras — 1.ª Elizabeth Castilho (Austin Cooper S)

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 11 da 10.ª época

— 11X 221 2X2 12X2; Diário de Coimbra — 212 12X 11X 211X; Diário de Manhã — 211 XX2 111 121; Diário do Minho — 11X 12X 211 121X; Ecos de Cacia — 211 2X2 211 111; Emissora Oficial da Guiné Portuguesa — 211 2X2 2X1 21X2; Folha do Domingo — 211 1X2 211 111X; Dos Fracos Não Reza a História — 112 1XX 112 1X2; Ideal Rádio — 211 121 111 1X12; Jornal das Aves — 21X 2X1 21X 111X; Jornal da Beira — 21X 11X 11X 11X; Litoral — 111 1XX 111 11X1; Moçambique do Totobola — 21X 122 111 1X1; Mosaico — 211 121 111 111; Notícias de Chaves — 211 222 111 211X; Notícias do Dourado — 11X 12X 11X 11X1; Notícias d'Évora — 211 11X 11X 211; Notícias de Guimarães — 11X 122 21X 21X2; A Ordem — 211 22X 11X 21X2; Passatempo — 211 121 111 21X1; Povo Algarvio — 211 12X 211 1212; Prog. Electro Mecânico — 21X 12X 111 111; A Rabeca — 211 2X2 111 21X2; Rádio Atitude — 211 12X 111 111.

Boletim Desportivo T. A. — 21X 2X1 211 11X2; Comércio de Leixões — 211 1X1 11X 211; Correio do Douro — 211 122 111 111X; Jornal Notícias — 111 1XX 211 11X2; A Liberdade do Menino Quim — 111 1X1 111 211X; Miscelânea Musical — 21X 121 11X 211X; Montra do Exito — 211 112 1X1 211; Música e Desporto — 212 2X2 111 11X2; O Noroeste Desportivo — 111 121 11X 121X; Penalti — 211 121 211 21XX; O Porto — 11X 122 111 11X1; Primeiro de Janeiro — 112 121 11X 21X1; Prog. da Manhã — 211 1X1 11X 111; Prog. Sem Nome — 111 1X1 1X1 111; Rádio

11X 111; A Voz de Palmeira — 21X 111 11X 11X; A Voz dos Ridoles — 21X 121 11X 21X; A Voz do Casa Pia — 21X 12X 111 11X.

Diário do Sul — 211 11X 111; Diário (Luanda) — 21X 1XX 211 XXXX; A Nossa Chave — 11X 1X2 111 11X; Comércio — 111 121 11X 11X2; Apostolado — 111 2X2 1XX 21X; Panorâmica — 111 121 11X 21X; Vida e Música — 212 121 211 212; Café da Noite — 212 12X 21X 212; Notícias do Totobola — 21X 12X 111 212; Bondiazinho — 222 2X1 212 2X2X; Brado Africano — 211 121 2X1 212; Cidade 70 — 22X 2X2 21X 2X22; Diário de Moçambique — 212 122 11X 11X2; Domingo Alegre — 211 2X1 11X 11X; Jornal Desportivo 211 1X2 11X 2XX; Notícias (L. Marques) — 21X 11X 22X 11X2; Notícias de Beira — 212 2X2 211 11X2; Passatempo — 22X 12X 11X 2X2; Roteiro Sonoro — 21X 2X1 2X1 111; Terceiro Programa — 111 121 11X 2X2; Vamos Jogar no Totobola — 222 2X2 122 211.

CONCURSO N.º 11

10.ª ÉPOCA

	RESUMO			BOLAS		
	1	2	3	1	2	3
1. Guimarães-Sporting	12	28	65	1	3	8
2. Porto-Cuf	118	3	4	10	1	1
3. Belenenses-Académica	63	41	21	6	4	2
4. Tirsense-Varzim	97	21	7	9	2	1
5. Barreirense-Setúbal	8	39	84	1	3	8
6. Gouveia-Braga	58	34	33	6	3	3
7. Penafiel-U. Leiria	46	43	36	5	4	3
8. B. Mar-Sanjoanense	108	11	6	10	1	1
9. Portimonense-Sesimbra	82	31	12	8	3	1
10. Oitavense-Peniche	53	35	37	6	3	3
11. Seixal-Tramagal	73	31	21	7	3	2
12. U. Tomar-Atlético	99	18	8	9	2	1
13. Luso-Montijo	36	38	51	3	1	6

E a chave lógica será: 211 121 111 112

(a) Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Expropriação sistemática para resolver a falta de terrenos destinados à urbanização

A expropriação sistemática, com apropriação definitiva dos solos pela administração, é a medida que melhor serve para resolver os problemas da disponibilidade dos terrenos destinados à urbanização — segundo o preâmbulo de um decreto-lei apresentado pelo ministro das Obras Públicas e aprovado no último Conselho de Ministros.

Como acentua o mesmo documento, «é evidente, porém, que não se trata de uma apropriação geral de todos os solos, integrada numa concepção socialista do Estado, mas de apropriação limitada a certos terrenos, por se considerar essa a forma mais adequada

de resolver os problemas de disponibilidade do solo destinado à urbanização, em face das graves males sociais que produzem». Assim, não se pretende afastar ou prejudicar a actividade privada — «que se deseja até cada vez mais operante e frutuosa» — mas impedir apenas que ela se aproveite das especiais condições do mercado de terrenos, nas zonas de desenvolvimento urbano.

A nova legislação admite mesmo certas formas de associação da Administração com os proprietários dos terrenos e prevê o pagamento em prestações e em espécie das indemnizações devidas pela expropriação por utilidade pública. Além disso, impõe-se à Administração que não aufera lucros na cedência de terrenos necessários às instalações de interesse público e aos empreendimentos relativos às habitações económicas.

Com o referido decreto-lei, pretende-se definir uma nova política dos solos tendente a diminuir o custo dos terrenos para construção nas áreas de expansão dos aglomerados urbanos em desenvolvimento.

Entre outras providências a adoptar para resolver o problema, contam-se ainda: a atribuição ao Fundo de Fomento da Habitação de recursos destinados a financiar o estudo e as operações de urbanização; o estabelecimento, para certos Municípios, de um regime de consignação de receitas com vista à realização daquelas operações e empreendimentos de habitação económica; a facultade do Governo restringir, onde tal se justifique, a demolição de edifícios destinados a habitação.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA EDITAL N.º 213/70

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à «EMPRESA DE RECONSTRUÇÃO DO MURO DE SUPORTE SITO NO JARDIM DA ESTRELA, SEPARANDO ESTE DAS INSTALAÇÕES DO HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL», com a base de licitação de 191.208\$40. (Processo n.º 137/70/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 4.780\$30 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do artigo 6.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no «Diário Municipal» n.º 10.722 de 14/11/1970.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos no Gremio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas.

A abertura das propostas realiza-se às 10 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Praça do Concelho de Lisboa, em 14 de Novembro de 1970.

O Presidente, FERNANDO AUGUSTO SANTOS E CASTRO

Necrologia

FALECIMENTOS

Eng.º Américo Homem de Gouveia

Na sua residência, em Lisboa, faleceu, com 79 anos o sr. eng.º Américo Homem de Gouveia, natural do Porto Moniz, filho da Madeira que pertencia a uma das mais antigas famílias madeirenses e era licenciado em Matemática e engenheiro civil. Foi alferes miliciano, tendo sido, nesta qualidade, combatente voluntário na guerra de 1914-1918. Trabalhou durante 25 anos em Angola. No âmbito da engenharia civil foi, ali, realizador e autor de inúmeras obras. Vivendo com grande intensidade os problemas daquela província foi nomeado, vogal do Conselho do Governo, presidente da Junta de Exportação de Angola e presidente da Associação Comercial de Luanda.

Na Madeira, foi presidente da Câmara Municipal do Porto Moniz, onde nasceu em 1891. Era casado com a sr.ª D. Maria Estela Homem de Gouveia, pai do eng.º Alexandre Homem de Gouveia, casado com a sr.ª D. Maria Fernanda Matos Dinis Henriques Homem de Gouveia, da assistente social sr.ª D. Olga Manuela Homem de Gouveia, educadora de infância sr.ª D. Maria Amélia Homem de Gouveia, do eng.º Heróclano Homem de Gouveia, casado com a sr.ª D. Maria Madalena da Câmara Homem de Gouveia, e da sr.ª dr.ª D. Stella Augusta Homem de Gouveia Barros, casada com o sr. dr. António Sebastião Martins de Barros. Era genro da sr.ª D. Elisa dos Reis Rodrigues de Gouveia e irmão da sr.ª D. Dulce Cândida Homem de Gouveia Favila Vieira, casada com o sr. dr. Fernão Pestreiro Favila Vieira, da sr.ª D. Estela Homem de Gouveia Figueira de Freitas, casada com o sr. João Figueira de Freitas, e cunhada do sr. dr. Vasco Augusto França.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 9 e 30, saindo da residência, Rua das Amoreiras, 161, 2.º, esquerdo, para jazigo no cemitério dos Prazeres, onde, às 10 horas, será rezada missa de corpo presente. Os serviços funerais

ENGENHEIRO AMÉRICO HOMEM DE GOUVEIA FALECEU

Maria Estela Homem de Gouveia, Alexandre Homem de Gouveia e sua mulher (ausentes), Olga Manuela Homem de Gouveia, Maria Amélia Homem de Gouveia, Heróclano Homem de Gouveia e sua mulher, Stella Augusta Homem de Gouveia de Barros e seu marido, Elisa dos Reis Rodrigues de Gouveia, Dulce Homem de Gouveia Favila Vieira e seu marido (ausentes), Estela Homem de Gouveia Figueira de Freitas e seu marido (ausentes), Vasco Augusto França (ausente) e mais família, cumprem o doloroso dever de participar, que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença, o seu muito querido marido, pai, sogro, genro, irmão, cunhado e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 20, pelas 9.30 horas, saindo da sua residência, na Rua das Amoreiras, n.º 161-2.º, Esq.º, para jazigo no cemitério dos Prazeres, onde às 10 horas, será rezada Missa de corpo presente.

AGENCIA BARATA

estão a cargo da Agência Barata.

FUNERAIS

D. Maria do Pilar de Tavares Rosado

Do Hospital do Ultramar para jazigo de família, no cemitério de Neles, saiu esta manhã o funeral da sr.ª D. Maria do Pilar de Tavares Rosado do Sacramento Monteiro, de 78 anos, viúva, natural de Santa Marinha (Vila Nova de Gaia) mãe dos srs. capitão-de-fragata Leão Maria de Tavares Rosado do Sacramento Monteiro, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, casado com a sr.ª D. Elsa Maria José de Senna Fernandes do Sacramento Monteiro, Joaquim Homem de Tavares Rosado do Sacramento Monteiro, casado com a sr.ª D. Maria José Louisa Viana do Sacramento Monteiro e D. Ma-

ria Isabel do Sacramento Monteiro Vila de Freitas, casada com o sr. eng.º Fernando Vila de Freitas.

António dos Reis Perianes

Da igreja do Santo Condestável, para jazigo no cemitério dos Prazeres, saiu hoje o funeral do sr. António dos Reis Perianes, de 71 anos, empregado bancário, natural de Faro, casado com a sr.ª D. Maria Joana Franchi Perianes. O serviço funebre esteve a cargo da Agência Barata.

SUFRAGIOS

José António Primo de Rivera

Reza-se amanhã, às 12 e 30, na igreja de São José, no Largo da Anunciada, missa de sufrágio por alma de José António Primo de Rivera, no 34.º aniversário da sua morte, e pela de todos os mortos da guerra de Espanha.

Comunicado do S.I.P.

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram, em combate na província de Moçambique, os seguintes militares: 1.º cabo 19050/69, José Marques Melo, natural de Praia de Mira, concelho de Mira, filho de José Augusto de Melo e de Maria Marques Lourenço; o 1.º cabo 010599/69, José Cândido Santos Costa, natural de Moreira do Rei, concelho de Fafe, filho de Abílio da Costa e de Libânia Gonçalves Santos, o 1.º cabo n.º 023481/69, Manuel do Rosário Rosa, natural de Chouto, concelho da Chamusca, filho de Ameliano Augusto da Rosa e de Amália Mira do Rosário; e o 1.º cabo n.º 029630/69, Manuel Teixeira de Sousa, natural de Paredes, concelho de Barcelos, filho de Felismino Lopes de Sousa e de Maria de Lurdes Gomes Teixeira.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda	Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	500\$	Buz	73\$	72\$	73\$
Consolidado 3%	—	—	502\$	Cabinda	192\$	186\$	195\$
Consolidado 3 1/2%	—	—	67\$	Diamantes Angola	2.200\$	2.190\$	2.200\$
Centenários 4%	—	—	440\$	H e Revue	—	800\$	900\$
Obriga. Tesouro 5%	—	—	000\$	Ilha do Príncipe	—	172\$	182\$
Ext. 1.ª Série	—	540\$	—	Mogambique	—	400\$	—
Ext. 2.ª Série	—	540\$	570\$	Sonete n	415\$	415\$	420\$
Ext. 3.ª Série	—	—	720\$	Sonete p	78\$	—	77\$
Ext. 3.ª Série c	—	—	750\$	Zambézia	—	—	—
Cautelas 3.ª Série	—	—	—				
OBRIGAÇÕES				Diversas			
Águas Lisboa 5%	—	—	—	Cidra	—	6.800\$	—
A P T 5% 58	—	—	—	Cim Leiria	—	—	4.400\$
A P T 5% 58	—	—	—	Cim Tejo	—	—	8.000\$
C P 4 1/2% 65	—	780\$	800\$	Co. Navegação	1.430\$	1.430\$	1.435\$
C P 5 1/2% 67	—	900\$	—	C U F	—	—	—
C U F 6%	—	895\$	—	Inc. Alentejo	—	—	3.700\$
C U F 6% 68	—	895\$	842\$	Nac. Navegação	1.670\$	1.650\$	1.700\$
Gás Elect 4% 48	—	—	—	Petroquímica	1.300\$	2.300\$	1.320\$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	790\$	—	Port. e Colónias	4.080\$	4.050\$	4.100\$
Gás Elect 5% 52	—	810\$	—	Port. Caxinas	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	780\$	—	Port. Pesca	690\$	690\$	695\$
Gás Elect 5% 59	—	780\$	—	Port. Tabacos	3.750\$	3.740\$	3.800\$
Gás Elect 5% 62	—	950\$	—	Sacar	3.750\$	3.740\$	3.800\$
Gás Elect 5% 63	—	—	—	Siderurgia Nac	3.200\$	3.150\$	3.210\$
Gás Elect 5% 65	—	—	905\$	Sore	1.600\$	1.580\$	1.610\$
Gás Elect 5% 67	—	930\$	—	Tabacos de Portugal	6.350\$	6.300\$	6.400\$
H E A Alentejo 5%	—	750\$	—	Tabaqueira	730\$	720\$	740\$
H E Cávado 5%	—	—	950\$	U - Azota	—	—	—
H E Cávado 6%	—	—	750\$				
H E Douro 5%	—	—	—	Água Elect e Gás			
H E Douro 6%	950\$	940\$	950\$	Águas Lisboa p	—	400\$	—
H E Norte Port. 5%	—	860\$	—	Águas Lisboa 34	—	390\$	400\$
H E S Estrela 6%	—	915\$	930\$	Águas Lisboa 36	1.157\$	1.155\$	1.158\$
H E Zêzere 5% 55	760\$	760\$	—	C P Electricidade	1.155\$	1.153\$	1.160\$
H E Zêzere 5% 57	—	—	—	C P Electricidade nom.	—	—	—
Lisboa 6%	—	920\$	—	C P Electricidade 1969	1.620\$	1.610\$	1.630\$
Metropolitano 4%	—	880\$	900\$	Eléct. Beiras	407\$	407\$	408\$
Metropolitano 5 3/4%	—	910\$	—	Gás Elect	170\$	170\$	170\$
Moçambique 5%	—	—	—	H E Auto Alentejo	245\$	240\$	255\$
Nac. Elect 5%	—	—	770\$	H E Norte Portugal	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	—	H E S Estrela	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	855\$	—	Nac. Electricidade	185\$	180\$	186\$
Petroquímica 5%	—	950\$	—	U E P	—	—	—
Port. Celul 5%	930\$	910\$	930\$				
Sacar 5% 54	—	—	830\$	FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—	F I Atlântico	—	193\$7	199\$5
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—	F I D E S	—	121\$	124\$8
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	750\$				
Sonete 5%	—	815\$	—				
T A P 4%	—	—	—				
U E P 3 3/4%	—	84\$	—				
U E P 4%	—	87\$	—				
U E P 4 1/2%	—	90\$	—				
U E P 5% 60	—	69\$	69\$				
U E P 5% 60	—	750\$	—				
U E P 5% 63	—	820\$	850\$				

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7
Teleg.: ALMEIRO — Telex.: 1471, ALAPI P

ACCÕES	Bancos	Seguros	Ultramarinas
Agricultura	2.225\$	2.225\$	2.229\$
Alentejo	1.120\$	1.120\$	1.122\$
Angola	3.500\$	3.500\$	3.510\$
Burnay	—	8.600\$	8.700\$
Créd. Predial	—	22.400\$	22.900\$
E. Santo	—	18.000\$	20.200\$
Fonseca S. p.	2.500\$	2.500\$	—
Fomento	—	6.750\$	—
L & Agores p.	—	—	—
L & Agores n.	6.050\$	6.050\$	6.100\$
P. Atlântico p.	—	2.800\$	3.150\$
Portugal n.	3.900\$	3.900\$	3.950\$
Portugal p.	—	5.900\$	6.000\$
Toma Akanga	3.220\$	3.220\$	3.260\$
Ultramarino n.	3.630\$	3.600\$	3.670\$
Ultramarino p.	—	—	—
Alentejo	147\$	146\$	148\$
Douro	990\$	985\$	1.000\$
Mundial	—	1.800\$	2.000\$
Sogres	—	57.000\$	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—
África de Angola	781\$	780\$	785\$
Ag. Casseque	—	1.700\$	1.900\$
Ag. Incomat	—	—	430\$
Ag. Neves	—	260\$	270\$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	140\$	170\$
Boror	—	—	—

INDICE BORGES & IRMÃO	12/11/70	18/11/70	19/11/70
GERAL	145,7	143,1	143,5
METROPOL	139,9	138,1	137,8
ULTRAM.	188,1	179,5	185,3

PAISES	COMPRAS	VENDAS
África do Sul — Rands	34\$50	37\$00
Alemanha — Marco	7\$75	8\$05
América	—	—
— Dólares, de 1 e 2	28\$20	28\$70
— Dólares de 5 a 1000	28\$50	28\$90
Argentina — Peso Novo	5\$50	7\$00
Austria — Schilling	1\$10	1\$16
Bélgica — Franco	5\$56	5\$59
Brasil — Cruzeiro	4\$50	5\$80
Canadá — Dólar	27\$70	28\$20
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$00
Espanha — Peseta	4\$40	4\$15
Frância — Franco	5\$00	5\$30
Holanda — Florim	7\$80	8\$10
Inglaterra — Libra	67\$50	68\$50
Itália — Lira	504,4	504,7
Marrocos — Dirhan	5\$00	5\$60
Noruega — Coroa	3\$85	4\$15
Suécia — Coroa	5\$35	5\$65
Suiza — Franco	6\$58	6\$76
Ouro:		
Inglaterra — Libra, Isabela	290\$00	310\$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290\$00	310\$00
Ouro fino — Barra	36\$00	38\$00

J. BURNAY, L. DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 231273

Vai deixar Lisboa o director local da Associated Press

O director-geral da Informação, dr. Geraldes Cardoso, ofereceu um almoço de despedida ao director da Associated Press, em Lisboa, P.º de Garzaroli, que brevemente vai deixar Portugal. Estavam presentes a correspondente do «Times», José Sheroliff, os directores da ANSA, Madalena Reneda, da France Presse, Félix Naggar, e da Reuter, Horace Castel, bem como o director dos Serviços de Informação, dr. Feytor Pinto, e o chefe dos serviços de Relações Públicas da SEIT, dr. Alvaro de Sousa.

NOVO ARRASTÃO

No gabinete do presidente da Junta Nacional de Fomento das Pescas, foi assinado contrato para a construção dos Estaleiros Navais do Mondego, de um novo arrastão destinado à pesca costeira e encomendado pela Empresa Arrastões Reunidos Lda.

A cerimónia assistiram, além do almirante Henrique Tenreiro, o comodoro Alberto Alves Lopes, vice-presidente da Junta Nacional de Fomento das Pescas, representantes do estaleiro e da empresa armadora.

Firmaram aquele documento, por parte da entidade construtora, os seus administradores srs. L. Viegas Nascimento e José de Lemos, e pela Empresa Arrastões Reunidos, Lda, os seus sócios srs. Manuel Gomes de Matos, Artur José Regateiro e Alvaro Pinho da Costa.

Falaram o almirante Henrique Tenreiro e os srs. Artur José Regateiro e José de Lemos.

ANTÓNIO DOS REIS PERIANES FALECEU

Maria Joana Franchi Perianes e mais família, participam o falecimento do seu muito querido marido e que o funeral se realizou hoje, da Igreja do Santo Condestável, para Jazigo no Cemitério dos Prazeres.

AGENCIA BARATA

CARTAZ DOS CINEMAS



SÃO JORGE

(M 17 anos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
CHAMAM-ME MISTER TIBBS
Um filme de garra com Sidney Poitier — Martin Landau

Das 13 às 14.30 (M. 12 anos):
Preço único: 5\$00
MÚSICA E CINEMA
Diariamente um programa diferente
Serviço especial de bar na hora do almoço a baixo preço

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
A obra-prima de Sidney Poitier

OS CAVALOS TAMBÉM SE ABATEM
com JANE FONDA

ESTÚDIO

(Adultos)
As 15.30, 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
CINEMA NOVO
CINEMA VERDADE
O CERCO

de Antonio da Cunha Felles com Maria Cebal, Rui de Carvalho e Miguel Franco

LIDO

(M 17 anos) Tel. 937593
As 21.30 horas
Uma comédia espectacular e atrevida!

MADemoiselle DE MAUPIN
com Catherine Spaak

LUMIAR

(Adultos) Tel. 795296
As 21 horas
PISTOLEIRO
PROFISSIONAL
A NOIVA ESTAVA DE LUTO

CHIADO TERRASSE

As 15 e 21 h (M 17 anos)
UM BEATLE NO PARAISO
SOU EU, A NATÁLIA

CASINO ESTORIL

As 17 e 21.30 (M. 17 anos)
A MORTE É MULHER
com Patsy Ann Noble

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme de Alex Zarkhi com Tatiana Semirnova e Vasil Lanovoi
ANNA KARENINE
Este filme passa neste cinema na sua versão em língua original e no Alvalade a mesma versão em língua francesa

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
A imortal obra de Tolstói em língua francesa
ANNA KARENINE

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A divertida história de um médico que trata as senhoras com... AMOR!

O MEU TIO BENJAMIM
com Jacques Breil
Realiz. E. Molinaro
Eastmancolor

No programa: «Ano Universitário» — colóquio

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326305
As 15.15 (p. r.) e às 21.30
2.ª SEMANA TRIUNFAL
Um filme que revela muita verdade escondida

MAL D'AFRICA
Um novo mundo em toda a sua realidade convulsiva
Realização de Stans Neve
Technicolor — Techniscope

HOJE, AS 18.30 — Sessão Clássica com a obra-prima de Hitchcock: «MARNIE» (Adultos)

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933
As 21.30
A MALUQUINHA DE ARROIOS

O LADRAO DE QUEM SE FALA

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
Um homem marcado...

Um amor impossível...
O HOMEM PERDIDO
com Sidney Poitier

TIVOLI

(M 17 anos) Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
3.ª SEMANA
SOPHIA LOREN
MARCELLO MASTROIANNI
na película de Vittorio de Sica
filmada na Rússia
O ULTIMO ADEUS

BERNA

(A Av. Marquês de Iomar)
(Adultos) Tel. 76098
As 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA DE EXITO
Alain Delon e Jean Paul Belmondo no extraordinário filme em Technicolor de Jacques Deres
BORSALINO
A história de dois homens à conquista do Mundo!

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
2.ª SEMANA DE ENCHENTES!
As 15.15, 18.30 e 21.45
Richard Burton e Genevieve Bujold num filme de apaixonante interesse

RAINHA POR MIL DIAS
(Panavision Technicolor)

VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Michel Duchaussoy, Caroline Deller e Jean Yvane
Um dos mais extraordinários e emocionantes filmes do ano!

REQUIEM PARA UM DESCONHECIDO
Obra-prima em eastmancolor de Claude Chabrol
Technicolor

(A Av. Frei Miguel Contreiras)

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
5.ª SEMANA
As 15.15 e 21.30
Panavision Color
Richard Harris e Sir Alec Guinness

em
CROMWELL

A vida de um homem que alterou a face da história e da liberdade.

ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 86545
As 21 horas
DOIS CONTRA O TEXAS
BEAU GESTE

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
ESTREIA HOJE às 21.45
Francis Blanche e Barry Cowl em
ESTES SIMPATICOS CAVALHEIROS DO GATILHO

As 15.15 e 18.30 — Últimas exhibições (M. 12 anos): «OS BOTENIKS»

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
ORSON WELLS realizador
O PROCESSO
de Frank Kafka
com Anthony Perkins, Jeanne Moreau e Romy Schneider

«O Processo» também está em cena no Teatro Villaret
«O Processo» encontra-se publicado em Portugal pela editora Livros do Brasil

CONDES

(M 17 anos) Tel. 822523
Tel. 322523
As 15.15, 18.30 e 21.45
Richard Burton e Genevieve Borge
A intimidade dos amores de um rei, como nunca o cinema revelou

RAINHA POR MIL DIAS

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
Um filme ousado e actual em versão portuguesa
MAL D'AFRICA
Technicolor Techniscope
NO PROGRAMA: «POSTAL DE LUANDA»
Prod. Telecinema África

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
UM HOMEM DE QUEM EU GOSTO
A GRANDE AVENTURA DE ANÍBAL

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 426283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
UMA EXCEPCIONAL COMÉDIA QUE ENTUSIASMA com Conchita Velasco e Manolo Escobar
QUE CANTA ESPANHA? MARAVILHOSO FESTIVAL DE CANÇÕES

Grandiosa realização de José Luiz Saenz de Heredia

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555121
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Uma obra-prima da moderna cinematografia
DOIS VULTOS NA PAISAGEM
com Robert Shaw

QUINZENA DE TERROR
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
AS DIABÓLICAS
de H. G. Clouzot

com Paul Meurisse e Simogne Signoret
Próx. Quinzena: Crime USA

* outros espectáculos

LISBOA

TEATROS
A B C — As 20 e 45 e às 23: «Alto lá com elas» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45: «A casa dos sonhos» (17 anos).
VILLARET — As 21 e 45: «O Processo» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «Lara» (17 anos).
LAURA ALVES — As 21 e 45: «O Preço» (17 anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «Pimenta na língua» (17 anos).

CINEMAS

MOSCAVIDE — As 21: «As viúvas» (17 anos).
IDEAL — As 21: «Com a corda na garganta» (17 anos).
JARDIM — As 21: «Os nomes de Las Vegas» (17 anos).
PARIS — As 21: «Balada para um homem só» (17 anos).
CINEARTE — As 21: «Santinhos conjugais» (17 anos).
SALAO LISBOA — As 19: «7 contra todos» (12 anos).
OLIMPIA — As 9: «Chego, vejo e desapo» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «O 7.º de cavalaria» (12 anos).
ARCO IRIS — As 21: «Hércules e o rainha» (12 anos).

Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «My Fair Lady» (12 anos).
OIRAS — OIRAS-CINE — As

21: «Tempo de massacre» e «Mundo Mulher» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «Sucesso sem escrúpulos» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — As 17 e às 21 e 30: «A Morte é Mulher» (17 anos).
PALACIO — As 21 e 30: «Como comigo querdes» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «O Pequeno Banhistas» (12 anos).

Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O Destino marca a honra» (12 anos).

LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — As 21 e 30: «Por quem os sinos dobram» (12 anos).

Linha de Sintra
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «A ira de Aquiles» (12 anos).

AMADOR — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «O Destino marca a honra» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Os irmãos Siolianos» e «Quanto para dois» (17 anos).

MEM MARTINS — CINE CHABY — As 21 e 30: «Boncos de carne» (17 anos).

PORTO
SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 45: «O Vison Voador» (17 anos).
ANTÓNIO PEDRO — As 22: «Fim de Festa» (17 anos).

CINEMA

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «A vida de uma mulher» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Quando o fogo e o amor» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Perseguida na escuridão» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «John e Mary» (17 anos).
ESTÚDIO — As 21 e 30: «O Cerco» (17 anos).

BATALHA — As 21 e 30: «Christine — O Senhor do Oeste» (12 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «Doutor... Agora é que são elas!» (17 anos).

AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «A Maluquinha de Arroios» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — As 21: «A Chave» e «O Forte Selvagem» (17 anos).

JULIO DINIS — As 21 e 30: «O Diabo Enamorado» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Rifir em Amsterdão» (17 anos).

CINE-GAIA — As 21 e 30: «O Dia da Vergonha» (12 anos).
ODEON — As 21 e 30: «Justa vingança» (12 anos).

COIMBRA
GIL VICENTE — As 21 e 30: «O abominoso amarelo» (12 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «Borsalino» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «A minha montanha» (12 anos).
SOUSA BASTOS — As 21 e 30: «Um estranho na minha vida» (17 anos).

VIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIA

LISBOA

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 17 (Tel. 633288) • Boa Hora, Rua dos Quarteis, 25-27 (Tel. 637777)

ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 8-A (Tel. 712070) • Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Tel. 710465) • Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803) • Paris, R. Renaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Água (710331)).

ALCANTARA — Lisboa-nense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020)

ANJOS — Colonial, Rua Formo do Tijolo, 40 (Tel. 841122) • São José, R. dos Anjos, 4 (Tel. 50730)

ALTO DO PINA — Nabel, R. Actor Vale, 53 (84252).

AREIRO — Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (Tel. 724941) • Onilida, Avenida João XXI, 13-A (Tel. 726848).

ARROIOS — Oriental de Lisboa — Rua de Arroios, 215 (Tel. 45079)

CAMPO DE OURIQUE — Portinho, R. Franc. Metrass, 59 (663349) • Ivone, Lda, R. Silva Carvalha, 232-C (Tel. 650760)

CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (Tel. 680304).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 43-35 (Tel. 78081)

CONDE DE REDONDO —

Salazar, R. C. Redonda, 9-A (Tel. 533411)

ESTRELA E LAPA — Pelvas & Parente, R. de Santa António da Estrela, 96-98 (Tel. 665196) • S. A. E. Silva, Filhos, Rua de S. João da Mata, 74 (Tel. 661010)

GRACA — Amell, R. das Escolas Geras, 83-A (Tel. 863940)

LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 261-B (790942) • S. Tamé, Est. do Desvio, lote 2-C (Tel. 790704)

MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (Tel. 381621)

AVENIDAS NOVAS — Milranda, C. Pequeno, 36-B (770776) • Sagres Av. Luís Bivar 69-71 (47233) • Cardo, Av. Duque de Avila, 32-C (43495) • Cosmos, Av. João Cansostomo, 44-C (40592) • Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (Tel. 44581)

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, Praça das Casas Novas Lote 66 (Tel. 310172).

BAIRRO MADRE DE DEUS — Romana, Rua B-7, 6 Rua Marquês de Olhão, (383800)

BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. Antão, 88 (321211) • Unifra, R. da Vitória, 21 (Tel. 323793)

BELEM — Ocidental, JPM. 3

D. Jeronimo Osorio, JPM. 3

(Tel. 610256)

BENFICA — Benfita, Est. de Benfita, 678-E (702532) • Sousa, Est. Benfita, 429-43 (Tel. 780027)

CAMPO GRANDE — Neoterpia Campo Grande 38 (Tel. 774682)

MOURARIA — Taveres, R. da Palma, 94 (863350)

OLIVAIS (Sul) — Higien — Rua Cidade Vila Capra (ex-Rua B. 4) (Lote 43 zona poente (30026)) • São Paulo — Rua 2 Lote 823 (à Estrada de Mosca-vida) (Tel. 310711)

PENHA DE FRANÇA — Zonal, R. Morais Soares, 56-C (847708)

PICHELEIRA — Mariz, Calç. da Picheleira, 40-B (720703) e 728395)

REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (Tel. 773728)

RESTELO — Tanera — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo — próximo dos Mainhos) (Tel. 61184)

S. BENTO — S. Mamede, R. da Esc. Politécnica 82-B (660280) • São Bento, 73 (Tel. 679673)

DE SANTA APOLÓNIA — AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) • Martins, Lda., R. Fernão de Magalhães, 33 (849448)

MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide, 44 (Tel. 2518520)

Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nito — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 22070)

CAXIAS — Nova, Rua Bernardino Ribeiro 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS — Godinho, R. Cândida dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PAREDE — Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 247054)

ESTORIL — S. João, 2 João do Estoril (Tel. 26186)

MONTE ESTORIL — Lopes, R. Hangar, 3 (Tel. 260008)

CASCAIS — Misencórdia R. Regimento 9, n.º 4 (Tel. 280141) • Cascais, R. Conde de Monte Real, 8 Carxas (Tel. 282407)

Linha de Sintra
AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (tel. 934589) • Campos, R. Elias Garcia, 185 (tel. 930072) • Clavel — R. António Sardinha, 23-D (tel. 938551).

DAMAIA — Confiança, Estrada Militar Lote D (Tel. 9710231).

QUELUZ — André, Av. Av. Elias Garcia, 5 (Tel. 950043) • Queluz, Av. Miguel Bombarda, 23-A (Tel. 95841)

CACÉM — Central, Rua Elias Garcia, 55 (2940034)

MEM MARTINS — Quilma, Est. Mem Martins, 283 (Tel. 2900121)

PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).

SINTRA — Marras, L. Antonio Albuquerque (Tel. 980058)

COLARES — Colares, Abreja (Tel. 299088).

Outra Banda
ALCOCHETE — Gamela, António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS — Guzmão — Rua Cândida dos Reis, 30 (224020)

ALMADA — Castro Rodrigues, Rua Capitão Leal, 21-A (Tel. 270078).

BAIXA DA SANHEIRA — Aliança, Estrada Nacional, 14 (Tel. 224302)

BARREIRO — Normal, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273035).

COVA DA PIEDADE — Carqueja Afonso — P. 5 de Outubro, 8 (Tel. 270254).

MOITA — União Molen- se — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTEJO — Montepio — R. Almirante R. e s. 93 (Tel. 30035)

SESIMBRA — Lopes, R. Cândida dos Reis, 67 (Tel. 229028).

SETUBAL — Soromenho, Machado Santos (Tel. 22691)

22691) • Alice, P. do Que- beco (Tel. 23743)

SEIXAL — Godinho — L. do Igreja, 51 (Tel. 2218560).

PORTO
Alberto Ferreira, R. do Estação, 00 (Tel. 5302)

• Antunes, R. do Bonifim, 485 (Tel. 27986

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal



O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL: AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco a moderado de Noroeste; chovia ou caía chuvisco em alguns locais — su do Tejo.

TEMPERATURAS E EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE: ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máx. má: Távora, 20,8; mínima: Penhas da Saudade, 2,5.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 13; Penhas Douradas, 5; Coimbra, 3; Portalegre, 1; Lisboa, 5; Faro, 7; e Funchal, 8.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 16,5; na água do mar: 16,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu muito nublado; vento fraco a moderado de Noroeste; agravamento das condições meteorológicas durante a madrugada e manhã com céu muito nublado ou encoberto, vento moderado de Sudoeste e períodos de chuva.



Amãhã
Nasce às 8 e 24
Oscia às 18 e 21



Dia 21 Dia 28 Dia 5 Dia 12

MARÉS:

PREIA-MAR: Hoje — 8 e 20 (3,5); 21 (3,2 m); Dia 20 — 9 e 19 (3,4 m); 21 e 53 (3,1 m); Dia 21 — 10 e 8 (3,3 m); 23 (3,1 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 4 e 20 (1,7 m); 4 e 09 (1,7 m); Dia 20 — 2 e 15 (1,8 m); 15 e 20 (1,8 m); Dia 21 — 3 e 25 (2,0 m); 16 e 30 (1,8 m).

Operações de Bolsa

A TRADIÇÃO DA OURIYESARIA NACIONAL É DE PROBIIDADE E DE COMPETÊNCIA

Ouriyesaria da GUIA



EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Lisandra ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.

NÃO SOMOS A MELHOR CASA, MAS PROCURAMOS SER DAS MELHORES.

Pomos ao dispor dos nossos Ex.^{mos} Clientes os 25 anos de experiência dos sócios gerentes JOÃO LOURENÇO e JOÃO PEIXOTO.

SELECIONAMOS qualidade e continuidade.

RUA ANDRADE, 55 (Junto ao cinema Lás)

«Progrediu-se no entendimento»

— afirmação do ministro dos Negócios Estrangeiros à chegada da sua viagem aos E.U.A.

Regressou esta tarde a Lisboa o ministro dos Negócios Estrangeiros, que a convite do seu colega norte-americano visitou os Estados Unidos durante alguns dias.

No aeroporto era aguardado pelo ministro das Corporações e da Saúde, Secretário de Estado do Comércio, Subsecretário de Estado, do Orçamento e representantes dos ministros da Marinha e das Obras Públicas e do Secretário de Estado da Indústria. Presentes, também, o governador civil de Lisboa e o embaixador dos Estados Unidos.

Numa comunicação feita aos órgãos de Informação, o dr. Rui Patrício começou por se referir ao comunicado con-

junto luso-americano, dizendo que, por ele se pode avaliar a importância e a extensão dos contactos e das conversações realizadas, cabendo-lhe apenas acrescentar que foram abordados e tratados todos os problemas de relevante interesse para Portugal, no desenvolvimento das relações entre os dois países nos planos político e económico.

— Direi em conclusão — acrescentou — que se progrediu bastante em entendimento recíproco e em vontade de cooperação. Referindo-me ainda ao comunicado, julgo dever chamar a atenção para o facto de as conversações agora iniciadas poderem prosseguir nos planos diplomáticos e técnico tendo como objectivo, designadamente, explorar outras possibilidades de assistência a Portugal.

O ministro referiu-se depois, à maneira como foi recebido em Washington e sublinhou:

— Tive oportunidade de me encontrar com o Presidente e o Secretário-Geral da Assembleia e outros dirigentes da O. N. U., com quem conversei sobre os fundamentos da nossa política ultramarina e a quem indiquei os principais elementos do desenvolvimento económico, do progresso social em curso nas províncias Ultramarinas.

Mais adiante, o dr. Rui Patrício afirmou:

— Frisei o desejo de cooperação e convivência pacífica com os outros países africanos e a nossa convicção de ser essa a única via aceitá-

vel para a solução dos problemas em África. A maioria dos países membros da O.N.U. continua certamente a não ter em conta o seu documento fundamental — a Carta — e a ignorar os princípios essenciais do Direito Internacional, cujo acaimento Portugal continua a considerar dever constituir a base da estrutura da Comunidade das Nações.

Mais importante que as atitudes de uma maioria formada na Assembleia Geral da Organização, em redor de interesses que seguramente não são do Ocidente, é, sem dúvida a posição das nações mais conscientes. A votação efectuada hoje de mais uma resolução antiportuguesa, completamente alheia às realidades não teve o apoio daquelas nações. Votaram contra, além de Portugal, os Estados Unidos, Inglaterra, Brasil, Espanha, Colômbia e República da África do Sul. Abs. tiveram-se, em numero considerável, delegações de outros países do mundo livre.

Finalmente referiu os seus contactos com os meios financeiros e económicos novaiorquinos e ainda as visitas que efectuou aos núcleos portugueses instalados naquele país.

BAIXA DE PREÇOS DOS ADUBOS

A baixa de preço dos adubos, medida tomada pelo Governo para corresponder a

De vez em quando

Bravo. Parabéns Santarém pela bela lição. O juízo ponderado de uma decisão camarária e a expressão desse juízo, democraticamente reflectida no conjunto de opiniões dos cidadãos, recolhidas em listas-inquérito, transcendendo a «paz podre» em que se têm processado as relações município-municípios. A notícia que ontem se publicou neste jornal, registando a discordância dos escalabitanos em relação à sua Câmara, por certo causou admiração em muitos dos nossos leitores, enquanto outros considerarão o facto como simples acidente sem interesse. Não esqueçamos, porém, que nunca haverá longa jornada sem primeiros passos. E talvez seja este o primeiro passo do caminho que nos leve a todos a fazer de cada cidade uma Santarém.

V. D.

ARTÉRIA VEDADA

Por motivo de reparação de esgotos, passeios e pavimento, foi vedada ao trânsito, a partir de hoje, a Rua dos Combatentes da Grande Guerra, em Queluz. As obras em curso, a cargo da Câmara Municipal de Sintra, im-

portarão em 196 573\$60.

Por motivo de ter festejado hoje na maior intimidade, a passagem do seu 76.º aniversário natalício, o sr. Américo Thomaz recebeu numerosas mensagens de felicitações.

PASSEIO MISTÉRIO DOS PUBLICITÁRIOS

O Clube Português dos Publicitários promove, no próximo dia 22 do corrente, um passeio com características inéditas, a que não faltará originalidade e muitas surpresas.

Por isso mesmo, o passeio leva a denominação de *Passeio Mistério*, devendo os participantes receber um so-

prescrito com indicações o qual só poderá ser aberto no momento da partida, no dia 22, às 9 e 30, tendo como local de concentração o Terreiro do Paço. O destino do passeio é o Parque de Campismo do Guincho (Arelas).

Os organizadores instalaram, no Clube dos Publicitários, um serviço informativo que prestará aos interessados, todos os esclarecimentos, referentes a inscrições, preços etc., e que funciona das 18 e 30 às 21 e 30. O «Passeio Mistério» prevê almoço em Arelas e distribuição de inúmeros prémios a todos os participantes.

Inauguração no Porto do Instituto da Conferência da Ordem dos Advogados

PORTO, 19 — Celebra-se hoje, às 21 e 30, a cerimónia da inauguração do Instituto da Conferência da Ordem dos Advogados. Será orador o juiz Gaston Fedou, presidente do Tribunal de Menores e do Tribunal de Família de Paris, e ainda presidente da Associação Internacional de Juizes de Menores. Desenvolverá o tema: «Tribunais de Família».

Foram convidados o presidente do Tribunal da Relação e procurador da República, junto do mesmo tribunal e homens do foro.

A sessão decorrerá no salão de conferências do Palácio da Justiça.

SAIU HOJE motor

NESTE NÚMERO:

- CAMPEONATO DE INICIADOS (Reportagem de Adriano Cerqueira e Avelãs Coelho)
- O AUTÓDROMO DO ESTORIL E A MARCHA
- KARLSTROM GANHOU O RALLYE DO R. A. C.
- VITÓRIA FERRARI EM KYALAMI (Diniz Rosas, enviado especial)
- A 15.ª VOLTA À CÔRSEGA (Philippe Toussaint)
- NOVIDADES: O ÓPEL MANTA
- SEGURANÇA NO TRÁNSITO (Eng.º Farinas de Almeida)
- MOTONÁUTICA: FINAL DO TORNEIO DAS BARRAGENS (Maria do Céu)
- PÁGINA DE AVIAÇÃO (Alves Saraiva)
- NOTICIÁRIO E AS HABITUAIS SECÇÕES

EM «MOTOR-ENSAIO»

TRIUMPH 2500 PI Mk II

POR BANDEIRA DE LIMA

28 PÁGINAS

PREÇO: 2\$50



DO REI AFONSO III & DA FEIJOCA & DO PAÍS & DO MAIS

Entrevista com Ernesto Leal

«NASCI na ilha da Madeira em 1913. Vim para Lisboa muito cedo, para ser educado no Colégio Militar. Segui a carreira militar durante uns anos e depois abandonei. Tive vários outros trabalhos, outros empregos. Estive em Macau sete anos; estive um ano em Goa e depois o resto da vida tenho-o passado aqui».

Quem assim fala é Ernesto Leal, cujo 3.º e último livro (a peça «Afonso III») acaba de ser publicado; onze anos depois de «A Velha e o Barco». Ouço-o (e o gravador, implacável, regista) na sua casa da Rinchoa. Tenho algumas coisas a conversar com um dos mais ignorados escritores portugueses do momento.

V. S. T. — Como é que aparece o 1.º livro? Tinha havido, anteriormente, quaisquer experiências literárias?

E. L. — Havia um Texas Jack, que se lia muito quando eu era menino. No liceu, pus-me a escrever umas aventuras do género: cozia várias folhas com com linha e agulha e distribuía (um exemplar só) pelos companheiros. O meu professor de português não gostava de mim: deu-me sempre más notas. Uma vez fiz um trabalho que me parecia engraçado e ele disse-me: «Isso não foi feito por ti». Nem me deixou protestar.

V. S. T. — Depois dos Texas Jacks como é que passou para os contos de «A Velha e o Barco»?

E. L. — Eu gostava de escrever. A tal coisa que não se sabe porquê. Um dia escrevi uns versos e fui à Ática, onde estava a Helena Cidade Moura; pedi-lhe para os ler e ela disse-me assim: «Você não é poeta. Escreva contos». E eu fui para casa e escrevi os contos de «A Velha e o Barco». Comecei então a pensar num segundo livro, que fui escrevendo lentamente porque trabalho muito, farto-me de trabalhar todo o dia, chego a casa cansado. Seis anos depois saíra «O Homem que Comia Névoa».

V. S. T. — E o «Afonso III»?

E. L. — ...Uma história pensada há muitos anos. O



problema era difícil: escrever aquilo duma maneira acessível ao maior número possível de portugueses, uma maneira suficientemente poética, suficientemente teatral. Não sei se o

samos estudar e aprender. Diz-se (não sou eu que digo, são os historiadores conhecidos de toda a gente, ou melhor, sobretudo dos doutores da nossa terra) que no tempo de Afonso III havia uma larga massa da população que estava comprometida, empenhada na governação, na vida pública. Eu suponho que o homem da rua não sabe isto. Eis, precisamente, uma das razões que me levaram a escrever a peça. Um outro ponto que está na origem da peça é este: um homem de chapéu de coco e de colarinhos de goma, o sr. Alexandre Herculanu, disse que entre nós e os bárbaros da Lusitânia não há nada em comum.



Ernesto Leal: «Devo tudo aos outros»

consegui. Vivo sempre da opinião dos outros, devo tudo aos outros, que sabem muito mais do que eu, que são muito mais valorosos: o camponês, o meu barbeiro, sr. Manuel Costa — uma pessoa de grande inteligência, a quem dediquei o primeiro exemplar de «Afonso III». Não estou a dizer isto para a Imprensa. A atitude não foi estudada.

V. S. T. — Porque escolheu o rei Afonso III?

E. L. — No meu ver Afonso III é uma agulha importante, uma linha férrea na nossa vida nacional. As coisas que se passaram no tempo dele são de muita utilidade para que nós pos-

Mas eu li Estrabão (não sou um erudito, mas aconteceu ler a Geografia) e o homem, civilizadoíssimo (podemos admitir) pareceu-me esbugalhado a olhar para a Lusitânia e disse claramente: «nós não podemos chamar bárbaros aos Lusitanos». Duas opiniões completamente opostas, disparates: a do nosso homem do chapéu de coco e a do Estrabão, grego, de 40 ou 50 anos antes de Cristo. Este ponto é de interesse para todos nós.

V. S. T. — Dizia portanto o grego que os Lusitanos não eram bárbaros. E porquê? Porque amavam a natureza, pertenciam-lhe. Mas no tempo do super-mercado,

do, do pronto-a-vestir, dos alimentos em conserva, pode o «bom selvagem» continuar a ser um modelo ou um símbolo de civilização? A pergunta liga-se ao «elogio da feijoca» patente no «Afonso III». De modo que: esse regresso à natureza, esse elogio da feijoca não é da sua parte como que um aviso (ou uma meditação) contra a civilização tecnocrática?

E. L. — Com certeza. Nós, mais e mais, temos que ouvir o homem que vive junto à terra. Eu tenho um respeito muito grande pelos homens que plantam feijões porque não poderia existir (trabalho sentado a uma secretária) se não houvesse alimentos que chegassem até mim. Portanto, tenho que olhar esses homens com grande respeito: são eles que me dão que comer.

V. S. T. — A feijoca não pode ser entendida, também, como uma arma voltada contra a embolia cultural?

E. L. — Em parte, sim. Um apelo para a humildade. Dos homens que podem orgulhar-se da cultura que adquiriram mas que às vezes estão mais apegados ao palavreado, à palavra bonita, ao termo difícil que às coisas mezinhas do mundo.

V. S. T. — No conto «Noção da Pátria», inserto no «O Homem que Comia Névoa», V. apresenta um alferes que para explicar a tropa o que é isso da Pátria recorre a uma visão simplista, do tipo cartaz turístico. E lá vem a feijoca — que adquire uma evidente intenção crítica. Em contrapartida, na peça «Afonso III» a feijoca toma um valor quase elegíaco...

E. L. — Quando escrevi esse conto, pensava na inutilidade das ordens para que os homens estimem a Pátria. O homem é patriota simplesmente quando se sente bem, tem que comer, etc. Quando se vela por ele. Dizer a um homem que seja patriota quando a Pátria não lhe dá nada não tem resultado positivo.

V. S. T. — Acredita que no momento em que o rei Afonso III governou Portugal, o homem lusitano era patriota, tinha sequer disso a consciência?

E. L. — Suponho que Afonso III lançou as bases daquilo que viria a ser o Portugal que lutou em Aljubarrota contra os espanhóis. Uma das obras importantes de Afonso III pa-

ra criar o apego ao torrão natal foi precisamente a protecção à agricultura. Toda a gente fala da agricultura do Portugal medieval, uma agricultura prós-

rica. Até pôde falar de poesia, pôde ser poeta...

V. S. T. — Da agricultura, passemos para a emissão e distribuição da moeda. Na peça, V. aprova (está lá patente) a inflação monetária proposta por Afonso III. Diz-se logo no Prólogo. Se é verdade que a peça pode constituir também um aviso, uma lição para os tempos de hoje, há que perguntar se realmente concorda (para além do apoio a dar-se à política agrícola) com a inflação monetária.

E. L. — O ano passado fui em viagem à Holanda — e a Holanda tinha desvalorizado o florim uns meses antes. Fiquei alegre

Cont. na pág. 2

Vitor Silva Tavares

Afonso III

(...) Esta é a história do rei Afonso sem história. Tudo o que ele fez não foi ele, foram os outros, os pequenos, os zés-ninguéns. Os outros reuniram-se, argumentaram, decidiram, moveram-se, plantaram, cantaram. De modo que os zés-ninguéns, de tanto decidirem e de tanto cantarem, fizeram-se homens decididos e tornaram-se poetas.

O Rei disse uma ou duas coisas sérias. Um dia disse que a Terra era de todos, cristãos, mouros e judeus. Nesse dia só disse isto. Mais tarde falou que o dinheiro também era de todos. Encantado com esta sua própria ideia, mandou fazer dinheiro, contar dinheiro, aumentar dinheiro, descer dinheiro, alargar dinheiro, gastar dinheiro, de maneira que ele mesmo e toda a gente perderam o amor pelo dinheiro, tocavam o dinheiro sem respeito. Em contrapartida, todos ganharam amor pelo amor, pela amizade, pela cantiga pelo feijão, pelas peras (...).

(...) Uma das razões mais fortes para contar a saga do rei Afonso é a existência da feijoca branca de Souto, concelho de Tondela, distrito de Viseu. A falta de prova histórica, presumo que esta feijoca tivesse sido criada no reinado deste Afonso, visto que se sabe de fonte certa que a poesia tomou então grande incremento, que digo eu, tomou uma forma alta, perfeitamente civilizada, e pois o feijão — o feijão, também, terá tomado, nessa altura, a forma definitiva, perfeitamente civilizada, de todo requintada, que é a feijoca branca de Souto, concelho de Tondela, distrito de Viseu. Não, não creio que haja no mundo um feijão com tamanhos pergamínhos, com seiva tão azul — eensem, pensem os senhores, na alegria enorme que tem sido, através das gerações, criar e mastigar com arte tal feijoca (...).

ERNESTO LEAL
(Do «Prólogo»)

Ernesto Leal

Cont. da pág. 1

por ver um povo feliz. Há uns livros de Economia (que eu leio apenas como autodidacta) que apresentam remédios para as crises económicas e medidas para que não hajam crises económicas nos regimes capitalistas. Uma dessas medidas é a de desvalorização da moeda. Há nações que depois da última guerra até aos nossos dias, já desvalorizaram a moeda duas ou três vezes como medida necessária e com lógica, com critério. Pois até o nosso homem do chapéu de coco, depois de chamar fraudulento a Afonso III, acaba por dizer: «não há dúvida, a agricultura está próspera, a população cresce.»

V. S. T. — Num outro conto de O Homem que Comia Névoa V. apresenta um homem (por certo, um ex-camponês) que tem que lidar com parafusos, não tendo jeito nenhum para essa tarefa. Por outro lado, a peça «Afonso III» surge, de certo modo, como um elogio do homem rural. V.

não acredita na aptidão do homem português para o trabalho industrial? Pensa portanto que a solução (política, económica) para o nosso país é de tipo agrícola?

E. L. — Tudo tem que começar na agricultura. Os agricultores são os homens que dão que comer aos operários que trabalham nas fábricas. A primeira coisa a afilar, a coordenar, é a agricultura. Depois, pode então pensar-se nos parafusos. Nos nossos dias, temos que forçosamente pensar nos parafusos, na electrónica...

V. S. T. — Mas acha que não tem jeito para lidar com isso?

E. L. — Temos jeito, sim senhor, simplesmente, o que não há aqui são as estruturas de base, ao nível da escola. Em Portugal, há ainda professores que ensinam aos pequenos os nomes das estações todas que existem entre Lisboa e Porto. Seria realmente espantoso se na Rússia se tivesse que decorar as estações



todas que existem entre Moscovo e Vladivostok. Os fulanos seriam velhos antes que tirassem a instrução primária... Nesse conto dos parafusos, retratei um homem que não foi treinado, um homem mal escolhido para realizar aquela função

V. S. T. — Em onze anos, o Ernesto Leal publicou três livros. É um autor muito pouco divulgado, muito pouco conhecido. Atendendo às características das suas obras, à linguagem fortemente popular, ao humor patente nos textos, o facto é estranho. Tem alguma interpretação para ele?

E. L. — Eu acho que os senhores doutores da nossa terra estão habituados a coisas complicadas: têm um pendão para apreciar as coisas apresentadas de uma maneira erudita. O povo para quem eu estava tentando escrever não tem acesso ao livro ou, quando o tem, acha que a minha obra não diz muito. Realmente não diz muito. E eu suponho que o povo também está à espera de coisas complicadas como prova de erudição. Não há uma terminologia corrente e eu pensava que poderia talvez estabelecer uma ponte entre os senhores doutores e os sapateiros. Acabo por não escrever nem para os senhores doutores nem para os sapateiros. Nenhum deles me entende

V. S. T. — O facto de dar à narrativa de Afonso III uma forma teatral é uma tentativa para quebrar esse impasse?

E. L. — Exactamente.

V. S. T. — Uma última pergunta: acha que a sua

peça, como já dela disse um crítico, é uma peça satírica?

E. L. — Não. A minha posição é de inteira aceitação da personalidade de Afonso III. Um amigo disse-me uma vez: «o homem que fizesse de Afonso III deveria vir aqui a tua casa e viver contigo uns dias para ver como tu, na vida corrente, és um pouco o Afonso III». Portanto, eu aceito o Afonso III, sublinho, tento até dar ênfase a posições que o rei tomou na sociedade portuguesa. Satírico?, não percebo.

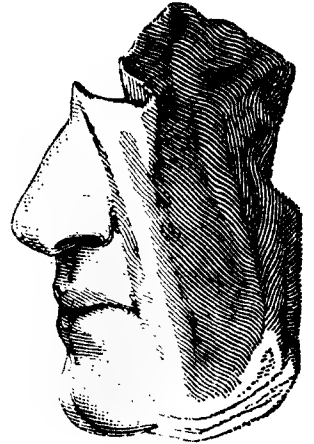
O que o gravador não pode registar é o tom ingénuo, a simplicidade de flor da pele, a candura de um homem que aos 57 anos mantém a sinceridade de um adolescente. Mais próximo dos felizes que das teorias, mais apegado à sua casa da Rinchoa que ao bulício artificial das reuniões literárias, Ernesto Leal recebeu a entrevista. Eu próprio me senti mal ao ter que a fazer. Espero que ele me desculpe e agradeça-lhe o ter conhecido um homem vertical. Literatos preparem as tesouras! Há matéria.

V. S. T.

POESIA & NÃO

PIRES IGREJA
AS CRUZEIRAS

Tradições Épicas Portuguesas
Edição do Autor — 1970



AS VEZES a gente nem quer acreditar... Pôr-se um fulano a continuar Os Lusíadas até à nossa época! Eu ouvira contar, em tempos; creio que sorri e pensei numa falada Antologia dos Doidos Literários e de como lá ficaria bem a inclusão de uma tal aventura. Digo bem: aventura. E heróica. E épica, não é?

Mas agora a verdade caiu-me em cima. A verdade sempre em cima — dizia um moralista meu conhecido. Conheço muitos, como toda a gente. Farejam tudo, até nos apanharem desprevenidos. Depois lá vem a palmada nas costas e o conselho «amigo». Mas a gente é que se arriscou, a gente é que foi para a frente. Eles só ficaram à espera para ver o que é que dava. São assim, os

moralistas. Necessários como a peste...

Mas o livro caiu-me mesmo em cima, estava eu a contar. Quer dizer: eu estava muito sossegado a pensar, a pensar, a pensar, e ele meteu-se-me à frente. Tive mesmo de o ler. É para isso que estou aqui, a cumprir esta função em prol da «cultura», desta nossa amada culturazinha lusitana — de que o Saralva agora tanto fala.

Começa assim:

I

As asas dos barões assinalados
Que nasceram na praia lusitana
Para darem aos povos conjurados
A de imortais façanhas, uma humana;
E de heróis que elevaram isolados
O pendão qual trombeta bem ufana;
Espalharam as glórias, que alcançaram
Cantando como outrora alguns cantaram

II

Calem-se desse russo e americano
Novos futuros feitos que terão;
Foi calado do grego e do romano
Memorável troféu com invasão;
Calem-se 'inda do povo de ariano
As utópicas guerras de visão;
Pois p'los concretos factos, Portugal
Se levanta por eco de imortal.

A gente tem logo vontade de ir até ao fim sem respirar. Eu, é claro, suspendi logo o pensamento. Estava ali um épico, quer dizer, alguém que eu não via há muito tempo. Alguém que estava a contar a nossa história maravilhosa.

Eu estava mesmo diante de um novo Camões. Perante isto, á fava o pensamento — disse logo. Para que é que isso serve?

Para complicar, é claro, para a gente andar á nora.

Agora isto, caramba, isto é um facto. Portugal está contente. Portugal está mais rico. Nasceu um novo épico — será também zarolho? E o lugar para a estátua? — temos de pensar.

Palavra que li tudo. Li tudo até ao fim. E gostei. Vejam só como termina:

E onde prevalecer no negro mundo
Portuguesa bandeira soberana,
Que sem crença nem cor pelo difundo
Racismo americano se consana.
Tudo por um ideal sem profundo
Lutará pela paz sem ser mundana,
Pra ignoto terrorismo se findar
E outras mais altas coisas começar.

N. M.

Junte-se ao CLUBE EXPRESSO

...e poupe tempo na escolha e dinheiro na compra dos seus livros.

Criámos uma forma nova, mais cómoda e económica de escolher a sua biblioteca. Aceitamos como membros do Clube Expresso um número restrito de accionistas, titulares das nossas acções especiais e verdadeiramente interessados em investir na sua formação literária e cultural.



ESCOLHA! Oferecemos-lhe a produção de editoras altamente credenciadas — Estúdios Cor — Presença — Horizonte — Prelo — Delfos — Estampa — Seara Nova. Vantagens especiais na aquisição das revistas «Seara Nova», «Vértice» e «O Tempo e o Modo».

APROVEITE! Enviamos-lhe semestralmente um catálogo completo que inclui obras de todos os tipos, da Literatura à Sociologia, da Política à Arte. Enviamos-lhe também um suplemento mensal informativo dos novos títulos acabados de sair e a publicar no próximo mês.

Damos-lhe assim, a vantagem de escolher comodamente em sua casa os livros que preferir e de os receber pelo correio através de pedido por um simples postal RSF.

APROVEITE AINDA os preços especiais, exclusivos para os membros do Clube Expresso: passe os olhos pelo catálogo e compare...

INSCREVA-SE! É fácil. Basta adquirir uma acção especial, nominativa, apenas por 100\$00. Passará automaticamente a poupar sempre tempo na escolha e dinheiro na compra dos seus livros.



Apartado 21.100

Lisboa

É favor enviar-me, sem compromisso, o vosso catálogo semestral e informações para inscrição como membro do CLUBE EXPRESSO

Nome

Morada

«ANAGRAMÁTICO»

considerações necessárias

por Ana Hatherly

AS BREVES NOTAS que a seguir apresento foram-me sugeridas pela dificuldade de interpretação e de classificação que o meu livro ANAGRAMÁTICO aparentemente levanta. Ao publicá-las, não é minha intenção sobrepor-me aos juízos de valor que esse meu trabalho possa suscitar mas sim propor alguns elementos que, eventualmente, permitam mais ajustada consideração dessa obra, sobretudo naqueles casos em que faltem aos leitores ou aos comentadores as condições que consintam uma sua leitura adequada.

Tal é particularmente pertinente em virtude de esse livro ter, em primeiro lugar, um carácter antológico — por um lado, reúne textos compostos em épocas diferentes e em estilos diferentes; por outro, é bastante um repertório crítico de certas concepções estéticas —, e depois por nele se traduzir claramente o sincretismo cultural da época em que vivemos, na qual um autor é já um ser sincrético: a história da cultura é a sua história. E se eu não posso senão ser — e jamais poderia deixar de ser — produto de uma civilização e de uma cultura, produto e utente de uma herança cultural em que estou incluída, o meu contributo não pode senão ser exactamente o seu reflexo, mesmo que eu me insurja contra algumas das suas facetas.

Se toda a arte se baseia num formulário, e cada autor usa um formulário, residindo o seu «talento criador», o seu «génio», no modo como ele actuar em relação a esses processos (como os manipular, alterar, transformar, desfigurar, recriar), actualmente interessa-me sobretudo o momento em que um autor, utilizando um formulário, pela sua intervenção criadora o inutiliza. Sei que a vigência dos métodos, dos processos, das convicções consiste essencialmente na sucessão deles; depende da sucessão deles; historicamente a sua substituição dá-se paralelamente à evolução dos graus de consciência.

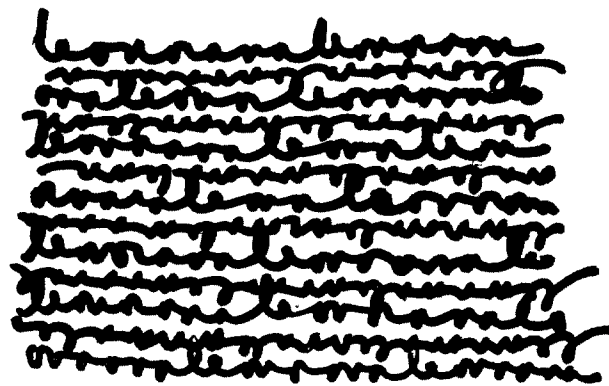
Um autor é sempre um gerador de formas. A história dos actos criadores é a história da evolução das formas. Tal como a entendemos ainda, não há criação artística onde não há forma. Por isso é que todas as artes, nos seus melhores momentos, traduziram e concretizaram uma inovação formal, assim como a «clénica» (até especulativa) dos processos, uma consciencialização deles. Desde que há memória e notícia acerca dos autores de todos os tempos, sa-

bemos que trabalharam o seu «material» como verdadeiros artífices, de signação que ninguém consideraria injuriosa, porque os autores, como «profissionais», assim se entendiam. E depois, o objecto produzido não será realmente um «artefacto»? E não terá, cada «arte» sido uma forma particular da ARTE que é uma forma de artificio, mesmo de fogo de artifício? E não serão as obras poéticas, como outras obras, verdadeiras construções, obras de «engenharia» onde o «espírito» e a «matéria» se encontram fundidos, soldados na sua própria assunção de forma, na sua natureza de forma, a qual é só a qual lhe pode consentir vida e autonomia — vigência? Nunca houve arte inconsequente — nenhum autor desejou que as suas obras fossem inconsequentes, assim como nunca a arte foi inconsequente gorgo — e nem nas aves ele é inconsequente —. Quanto à poesia, nunca ela foi uma simples arte de traduzir o sentimento, a não ser nos seus momentos mais pobres. Só o principiante ou o autor de pouco alcance exprimirá apenas o que sente: o artifice «ciente» exprime pelo ar-

tefacto sobretudo a arte dele; exprime o conhecimento do mundo pela sabedoria das formas: pratica a expressão pela transposição: exprime.

Creio na eficácia do rigor e nas limitações (relativas) de princípio que o autor determina para cada obra que realiza. Sempre assim se tem procedido, de resto: sempre o autor nos surge como o laborioso construtor do equilíbrio das dificuldades (que lhe são impostas pelas leis do «ofício») e sempre só momentaneamente vitorioso delas. O momento artístico privilegiado será esse em que um autor, superando as dificuldades de uma arte que é a todo o momento um desafio, se ultrapassa a si próprio.

Escolhi para este meu livro o título de ANA-



Varição XX: Ininteligibilidade parcial

GRAMÁTICO porque nele é dado um lugar importante ao processo do anagrama. O leitor inteligente poderá observar nas «31 Variações» sobre um Vilancete de Camões», incluídas neste volume, a importância dada a esse processo, e que de certo modo caracteriza esse trabalho. Mas não é apenas processo que aí está em questão: nele se observa, analisa, recria, desfigura, recompõe um considerável número de formas, algumas clássicas — como o ana-

grama, o hai-kai, a cantiga de amigo, passando pela tão vilipendiada poesia barroca e pelo poema concreto — mas todas elas reinterpretadas, servindo o tema. As «31 Variações» não são, todavia, apenas exercícios de estilo: são textos autónomos, com forma própria, original.

Quanto ao anagrama, devo dizer que conheço os trabalhos que Saussure realizou e o conhecimento dessa investigação, foi para mim especialmente útil, como é natural. Não foi ele, porém, o motivo para eu realizar as «31 Variações».

Quanto ao tema: ao escolher o célebre vilancete da Leonor para essa série que intitulei LEO-NORANA (palavra que simultaneamente exprime uma certa extensão dada ao tema — como

se diz CAMONEANA, VICTORIANA, etc. — e uma referência ao anagrama; mas na verdade as «31 Variações» podem bem ser consideradas na sua totalidade como um anagrama excepcionalmente extenso), sei que escolhi um dos temas mais populares da poesia portuguesa. Foi precisamente por isso que o preferi, por ele ser um dos mais conhecidos, divulgados, vulgarizados, portanto e aparentemente, aquele que ofereceria em princípio menos possibi-



Varição XVIII: Semantização visual

lidades de reinterpretação, ou seja, mais dificuldades. Escolhi esse tema, porque quis escolher um tema, circunscrever-me a um tema dado, mas escolhi um que me impusesse responsabilidade, praticando um certo tipo de rigor, mesmo de violência contra mim própria, por crer que é dentro de uma certa disciplina que um autor se prova. E se é certo que as «31 Variações» parecem uma obra debruçada sobre si própria, concentrada na meditação sobre si própria, não é menos certo que sendo uma obra autónoma — dependendo do tema apenas como referência — apresenta-se como um todo orgânico que «funciona»: levanta problemas, inquirir e incomoda.

Quanto aos outros capítulos de ANAGRAMÁTICO — o livro contém quatro capítulos — neles se prossegue um trabalho de investigação, a nível diferente, mas tão explícito que me parece aqui de necessária qualquer explicação. Nesses três diferentes capítulos ainda e mais uma vez e constantemente inquirio, questiono, ponho em questão formas, concepções, processos; mas sobretudo neles reitero também o que até agora sempre disse de diversas maneiras: procuro conhecer os meus limites assim como os limites da matéria com que trabalho. Sei que estou empenhada numa espécie de corrida de obstáculos mas sei também que ser autor é uma forma de se ser atleta; e que nunca se consegue ir longe de mais: diante de nós está o infinito, o infinito das possibilidades: o improvável.

Ação na sociedade:

A. H.

todos os autores são, e sempre foram, intervenientes. Uma das características básicas do autor é mesmo a sua necessidade de agir, de interferir, «modificar o mundo», como dantes se dizia. E é um facto — e alguns autores (ou o conjunto de todos os autores?) o conseguiram: historicamente contribuíram para a mudança, agindo sobre as consciências. Todas as artes pertencem (entre outras) ao domínio da psicologia. Toda a arte milita: por algo clama, sobre algo age. Os poetas sempre têm sido os que gritam não só melhor como mais alto. E sempre dentro do fanatismo das suas convicções, inclusive as estéticas.

A não ser que a importância da actividade individual seja sempre relativa, parcial e minúscula.

Tudo isto talvez por vivermos ainda no medo supersticioso da história.

N. B. — Quanto a mim, o aspecto mais importante deste texto reside na sua necessidade de ser escrito e publicado, pois que tal significa que em dado momento da história um autor suficientemente caracterizado teve de lutar contra a estreiteza e o reacçãoarismo dos seus contemporâneos e para ser ouvido teve de fazê-lo com as próprias armas deles: bom senso, comedimento, conformismo, a que precisamente se opunha; pois muitos dos que têm tribuna e se arvoram (a que título?) em juízes e policiais do trabalho dos outros recusam-se ao esforço da análise e da constante reactualização dos seus conhecimentos. A meu ver, o artigo publicado na semana passada nestas páginas como crítica do meu livro aqui referido só pode ser compreendido nessa perspectiva.

«Vértice»: o que é o n. 321

FOI PUBLICADO há poucos dias o número 321 da revista de cultura e arte «Vértice». Detenhamo-nos sobre o que nela parece merecer uma especial atenção.

João Medina, em «O século XVIII, nosso contemporâneo», demonstra como «O sec. XVIII não morreu mesmo e parece cada vez mais vivo, mais actuante, mais presente no horizonte das preocupações ideológicas (e práticas) dos homens do nosso século». Servem-lhe de ponto de partida os livros «La lutte de classes sous la Première République - 1793-1797» de Daniel Guérin e «História das Ideias Políticas» de Jean Touchard. A Revolução em análise. Subtilmente, procura projectar no entre-

choque das diversas facções revolucionárias a analogia com conflitos mais próximos dos nossos dias. Procura também os filões profundos onde, sob a revolução burguesa, outras forças latejavam já: «Se tomarmos em consideração o «partido» Jacobino, vemos que este é ao mesmo tempo pequeno-burguês na sua chefia e popular, «sans culotte», na sua base. A pequena burguesia desempenha então o papel de intermediário entre os trabalhadores que vão alimentar as fileiras da sans-culotterie e o mundo burguês ao qual todo o processo revolucionário está estreitamente ligado nos seus fundamentos teóricos e práticos».

Portugal é um país onde a emigração se apresenta como um facto social de significativa importância.

A nota de abertura do Panorama, transcrita de «Economie et Politique», dá imagem da natureza do interesse, dum país para onde se emigra, na mão-de-obra estrangeira que recebe: «A imigração, pela sua amplitude e características, desempenha um papel importante na exploração capitalista do capitalismo Monopolista de Estado. «E sobre a situação dos que para nós são emigrantes: «Compreende-se agora perfeitamente o sentido das campanhas xenófobas: aliadas às ameaças e intimidadores contra os trabalhadores imigrados, elas visam perpetuar um sistema de super-exploração desta mão-de-obra procurando dividir a classe operária face ao capital».

Na secção de Cinema, o novo cinema alemão é o

assunto principal. José Gomes Bandeira comenta «A semana do novo cinema alemão» realizada no Cineclube do Porto, seguindo-se «A batalha do novo cinema e o contexto político» (montagem de extractos de Premier Plan e Jeune Cinéma Allemand) e «Biofilmografia de alguns «jovens cineastas alemães».

Na abertura da secção de Educação Rui Numo, num comentário sobre o sentido possível das reformas do ensino, chama a atenção para a necessidade de completa autonomia e liberdade sindical, quer para os estudantes, quer para os professores, como condição mínima da sua participação nos trabalhos de reforma. Depois, José Luís Pío Abreu critica o aspecto competitivo do sis-



tema escolar cotejando-o com a feição cooperativa que deverá ter.

Na secção de Literatura ressaltam especialmente o que o escritor inglês Felix Cramel disse ao seu entrevistado sobre «A escolha do público e o trabalho do escritor»: «nos países capitalistas só lê quem tem poder de compra; pois bem, esses ou são uma mi-

noria esclarecida, tão pequena que não vale a pena editar livros só para ela, ou são a classe dominante, com mais ou menos contradições, mas a quem os livros pouco afectam porque não trava a sua marcha».

Na secção de Teatro destacam-se afirmações do antigo encenador do Grupo Cénico da A.A.F.D.L., Adolfo Gutkin sobre o teatro universitário: «Em Portugal observa-se um fenómeno singular. Os teatros universitários produzem habitualmente os melhores espectáculos». (...) «Pode-se falar hoje, com justiça de um movimento de teatro universitário, Lisboa, Porto, Coimbra, apresentam anualmente experiências aguardadas pelo público interessado com alguma expectativa».

PESARO 70

(conclusão)

por João César Monteiro

HISTÓRIAS QUADRADINHAS

por Alexandre O'Neil

O pobre corre atrás da galinha. A galinha, coçando-se, foga-se sobre os dois garfos, sobre as duas baquetas em rajada de baterista. «Vale a pena, vale todas as penas!», silva bronziticamente o pobre. A galinha derrapa, quilha de rojo. O pobre atira-lhe para cima o maxi-farrapo da jaqueta. Falha. A galinha reencorpora-se sobre os garfatos, sacode o pó com a asa. Do bico sai-lhe um «balão» que diz, em trapalhona letra manuscrita: QUANDO O POBRE COME GALINHA...

— Isso é um provérbio chinês, indigna-se o pobre de queixos no pó.

E a charlotada termina — quadradinho que se segue — com a galinha, já toda coqueta, afastando-se e concluindo, sempre em garrafal, no «balão» que parece, ao pobre, uma insuportável fumaça de vaidade e ironia: ...UM DOS DOIS ESTÁ DOENTE.

★

O anjo-mergulhador que encima estas crónicas achou uma graça maluca na história quadradinha da galinha e, quando veio comer à minha mão a sua ração semanal de letirilha miúda, desafiou-me:

— Diz lá! Não eras capaz de fazer o mesmo comigo, pois não?

— Eu devia era condenar-te a rodapé e de braços para cima!

Riu-se e, voando ao invés, voltou para o cabeçalho donde me espreita os truques vai para três anos...

★

Mas a história mais quadradinha de todas, teve-me como forçado protagonista vinte anos atrás.

Éramos um punhado de desenquadrados na mesma sala. Para ocupar o tempo, jogávamos às damas, nos tabuleiros traçados a lápis nas tampas das caixas de madeira onde se guardava desde a roupa a quadradinho de marmelada. A quadra (o tempo que decorria lá fora) era a do Natal. Tão entretidos acabámos por andar com o jogo, que nem dávamos por ela! Mas um dia recebemos uma torta — grande como um travesseiro! Alguém se lembrara de nós. Corta aqui, corta acolá, tira daqui as mãos, olha o guloso, enfim, basta, e a torta, com fronha e tudo, desapareceu. Quando chegou a hora de deitar, estávamos a olhar uns para os outros como amarelos eléctricos sem calhas. Foi nesse enjoo colectivo que ouvimos, pela primeira vez, o engarrafado som: nas quadrículas de ferro que nos defendiam do mau mundo exterior e dos seus natais, um bastão de ferro passou e repassou, tirando das quadrículas o som que algum menino tiraria, com a gancheta da sua roida, das grades de um jardim. Compreendi, nesse momento, o que Cesário Verde — ele do lado de fora! — queria dizer: Toca-se as grades, nas cadeias. Som Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!

A ACTIVIDADE DE GARREL, como cineasta, só é possível porque se socorre dessa antiquíssima forma de servidão intelectual que se chama mecenato. Também eu me apartarei de vós (deles primeiros que delas) porque aonde eu for vós não podereis seguir-me. Pondo isto (que é acintoso e inexpugnável) passemos ao assunto.

Opondo-se radicalmente («Sou absolutamente contra a cultura») aos modos de pensar do establishment, aos modos de pensar do espectador. Garrel, contra eles, instala-se na lógica do fantasma. Esta posição pode considerar-se duplamente idealista. No seu fundamento e na relação que pretende estabelecer com o espectador: uma relação feita de pura fascinação, de silêncio imposto à reflexão: «No cinema, através do filme, adormece-se o espectador por um certo período de tempo, obrigando-o a referir-se à sua própria vida e, à saída, a redifinir-se».

De que nos fala *Marie pour mémoire*, ou *Le Révélateur*, *Le Concentration*, *Le Lit de la Vierge*? Trata-se de variações sobre o mesmo acto de acusação dirigida contra todas as formas de ordem, de repressão, de autoridade, qualquer que seja o rosto de todas estas formas de domínio, hoje, na nossa sociedade e no nosso presente, ou ainda no curso da história, representado por figuras, intermutáveis até ao infinito, da lei, do pai, da família, das regras sociais, da escola, da educação, da psicanálise e.

por fim, da religião, do cristianismo e do verbo divino.

Esta denúncia inscreve-se nos filmes de maneira obsessiva: angústias, masoquismo ou sexualidade vergonhosa,

nevroses, ideias fixas, animam e atormentam as personagens que neles se movem. Mas seria um mal-entendido operar sobre o autor a transferência dos fantasmas que as suas personagens trans-

portam. O inconsciente informa, sem dúvida, a estrutura e a linguagem do filme, mas formalizando e alterando estas fantasias que, antes de serem simples «coisas ditas», constituem a escrita severa dos filmes, numa tessitura de gritos, silêncios, repetições até ao intolerável.

Marie pour mémoire («Um rapaz empreende por causa de uma rapariga, o salto que o separava da loucura. O filme narra as desventuras de um psicopata numa sociedade de alienados»), estabelece já o campo dos processos garrelianos: planos longuíssimos, no limite do suportável, que atingem, uma vez superado esse limite, uma violência provocatória. Os planos são fixos, insistentes, receptáculos e reveladores de comportamentos: acordam as suas bruscas mudanças com gestos brutais, explosões inesperadas, submetidas a alternâncias de tensões e distensões.

Depois da identificação obsessiva de *Marie pour mémoire*, filme impregnado pela pergunta que o abre («E tu, quem és?»), e no qual os interrogatórios se alternam, da auto-

Philippe Garrel



Nasceu em Outubro de 1948; é filho do actor Maurice Garrel.

Colaborou na transmissão ORTF «Seize millions de jeunes» de Alain Sédouy e Richard Harris.

Em 1966 rodou as suas primeiras curtas-metagens todas em 35 mm, com a ajuda do Service de la Recherche da ORTF.

— Les enfants désaccordés

— Droit de Visite. Int.: Maurice Garrel, Francoise Remberg

— Le meurtre du père. Real.: Jaime Semprun. Int.: Maurice Garrel, Philippe Garrel.

1967 — ANÉMONE, 16 mm cor F 42 Kodak. Real. e arg.: Philippe Garrel. Fot.: Francis Espresate. Som: Daniel Mostard. Mús.: Michèle Boissard. Int.: Anne-Aymone Bourguignon, Maurice Garrel, Pascal Lapeyrouz. Dur.: 60 min.

1968 — MARIE POUR MÉMOIRE, 35 mm, preto e branco. Real. e arg.: Philippe Garrel. Fot.: Michel Fournier. Som: Jacques Dumas. Mús.: Philippe Garrel. Int.: Zouzou, Didier Léon, Nicole Laguigné, Thierry Garrel, Maurice Garrel, etc. Prod.: Philippe Garrel, com a ajuda do Service de la Recherche da O.R.T.F. e de Claude Berri. Dur.: 80 min.

GRANDE PRÉMIO no Festival de Hyères 68. 1968 — ACTUALITÉS REVOLUTIONNAIRES N. 1 (com Patrick Deval).

1968 — LE RÉVÉLATEUR, 35 mm, preto e branco, mudo. Arg. e real.: Philippe Garrel. Fot.: Michel Fournier. Int.: Laurent Terzieff, Bernard Laffont, Stanislas Robiolles. Apresentado na Quinzena dos Realizadores, Cannes 70. Primeiro título: «Moïse ou les forces de l'ordre». Prod.: Philippe Garrel, com a ajuda de Claude Nédar. Dur.: 68 min.

1968 — LA CONCENTRATION, 35 mm, cor. Arg. e real.: Philippe Garrel. Fot.: Michel Fournier. Cenógraf.: Philippe Garrel. Som: Philippe Best. Jean-Pierre Ruh. Int.: Jean-Pierre Léaud, Zouzou. Prod.: Sylvina Boissonnas. Dur.: 94 min. Apresentado na semana dos «Cahiers du Cinéma» 68. Primeiro título: «Cercle sous vide».

1969 — LE LIT DE LA VIERGE, 35 mm, francópe, preto e branco. Arg. e real.: Philippe Garrel. Fot.: Michel Fournier. Som: Claude Jauvert. Mús.: Philippe Garrel, Jean-Pierre Kalfon, Didier Léon, Frédéric Pardo, Nico (e «The Velvet Underground»). Int.: Pierre Clementi, Zouzou, Margareth Clementi, Tina Aumont, Pierre-Richard Bré, Jean-Pierre Kalfon, Philippe Garrel, etc. Prod.: Zanzibar productions (Sylvina Boissonnas). Ext.: Breianha, Marrocos, Itália. Dur.: 90 min.

1970 — LA CICATRICE INTÉRIEURE, 35 mm, scope, cor. Real. e arg.: Philippe Garrel. Fot.: Michel Fournier. Som: René Levert, Antoine Bonfant. Int.: Pierre Clementi, Nico, Daniel Pommercule, Jean-Pierre Kalfon, Philippe Garrel. Prod.: Sylvina Boissonnas. Prod.: Zanzibar, e Open Films. Filmagens: Novo México, Egipto, Itália, Islândia e (previsto) Nepal.

As longas-metragens de Garrel, à excepção de *Anémone*, nunca foram distribuídas e exibidas comercialmente em França. *Marie pour mémoire* foi exibido em Lisboa e no Porto, durante a Semana do Cinema Novo francês.



«Le Révélateur»: ao alto: Pierre Clementi e Zouzou em «Le Lit de la Vierge»

definição à autoproclicação. *Le Révélateur*, («Um homem, a mulher e a criança»).

A revelação onírica, a cristalização da memória como forma possível de objectivação da realidade freudiana. Uma criança cataliza as suas realizações edípicas com um alucinogénio químico que para o imaginário tem a equivalência do revelador para a película, e que com isso lança uma luz nova sobre a formação fantasmática de todas as produções mentais) exclui a palavra para seguir percursos topográficos tortuosos e circulares. Uma família fundamen-

NOVIDADES LITERÁRIAS

Dois novos lançamentos da Coleção Autores Portugueses

VIDA PERIGOSA

2.ª edição

URBANO TAVARES RODRIGUES

Uma obra que introduziu na literatura portuguesa dos anos 50 a perspectiva crítica e atormentada de uma consciência livre

40\$00

BOLOR

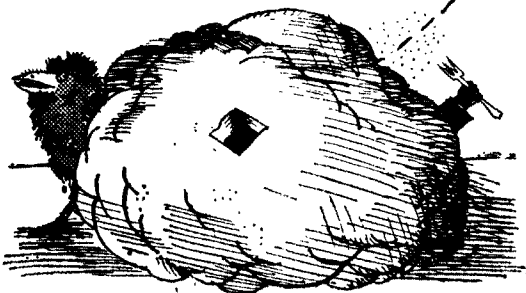
2.ª edição

AUGUSTO ABELAIRA

Um escritor de primeiro plano da moderna literatura portuguesa

40\$00

LIVRARIA
BERTRAND





«Marie pour mémoire»: desventuras de um psicopata...

tal, primária — matriz e motora de todas as relações psicológicas e sociais, de todas as formas de censura e de repressão (o filme intitulava-se originalmente *Moise ou les forces de l'ordre*), evolui através das «cenas patológicas do sonho», pântanos, buracos, blockhaus, crateras dos cataclismos passados ou recentes.

Os travellings extremamente longos, complexos, sinuosos ou rectilíneos, compõem o obsessivo desfile pelos lugares desolados que assistem à fuga da família. Talvez não seja muito a despropósito mencionar um fenómeno de judaicidade, como presença absoluta em toda a obra de Garrel. Somos, talvez, os espectadores de uma guerra, mas em que

lugar ocorre exactamente, de que maneira, contra que adversários?

La Concentration simplifica ainda este carácter obsessivo e claustrofóbico, concentra-o, precisamente até ao extremo da essencialidade: as formas repressivas não estão, nem sequer supostamente, presentes, mas encontram-se num espaço-off, fora do filme, onde devem suceder coisas ainda mais horríveis que as que sucedem no filme. O filho torna-se a ausência em torno da qual se movem e processam as relações entre Zouzou e Léaud, que são sobretudo sexos, filhos e genitores, simultaneamente. Por causa de esta redução à escala originária, segundo módulos primitivos, produz-se

uma multiplicação de sentidos, uma abundância de símbolos. É a partir dos signos elementares, reduzidos aos mínimos termos, de um cinema bruto (e brutal), que se libertam todas as associações.

Dois actores, uma cena única (de construção teatral) sujeita a diversas transformações: uma grande cama branca, mais ou menos quadrada, a cujos pés encontramos uma espécie de balcão ou a ribalta de um proscénio (que uma cortina de plástico pode esconder). De um e de outro lado desta cama, dois compartimentos: um à esquerda do «écran», espécie de casa de banho (ou hospital ou morgue) revestida de azulejos brancos, onde o único utensílio é uma torneira donde corre um líquido cor de sangue (sangue?) e o outro, à direita, espécie de forno crematório com paredes de tijolo vermelho, onde arde uma chama.

Neste espaço, a câmara funciona como um «vaso comunicante» que estabelece a ligação entre ambas as zonas, a «quente» e a «fria».

Entre o décor e as duas personagens cria-se um movimento de vaivém — entre o espaço comprimido e o espaço mais amplo, indeterminado e supradeterminado, entre a linguagem e a sua recusa. O décor é não só morgue, inferno, hospital psiquiátrico, laboratório, mas também décor pré-fabricado: é possível dizer que «a cena se desenrola num filme». A dependência aos meios do cinema é continuamente assinalada: os fios dos microfones tornam-se cordões umbilicais, a película uma lâmina que corta as velas, os carris e o charriot servem para que Zouzou se arraste sobre eles ou para transportar o seu cadáver.

Ao mesmo tempo, o décor condiciona o filme, torna-se o filme, e o filme esgota-lhe todas as possibilidades, habita-o até ao inabitável. A mecânica de saturação nasce da abolição da transição entre a física e a metafísica.

Nesta direcção, *Le Lit de la Vierge* consegue mesmo pôr directamente em questão as origens do cristianismo, a religião, o verbo divino. Este último filme constitui, si-

Cont. na pág. 7

prontuário das letras

Soljenitsine em 35 milímetros

«O primeiro círculo», romance de Alexandre Soljenitsine que a Editorial Ibis traduziu entre nós, vai ser transformado numa longa-metragem. Fala-se em Fred Zinnemann («O comboio apitou três vezes») para dirigir o filme, cujas rodagens estão previstas em solo inglês.

Soljenitsine, 52 anos, tem à sua espera na capital sueca qualquer coisa como 2230 contos (salvo erro é este o montante do Nobel da Literatura). Quanto ao filme, ser-lhe-ia atribuído provavelmente um pouco mais: 100 mil dólares (2860 contos).

Robbe-Grillet e Nova York

Chama-se «Projet pour une révolution à New York» (inútil traduzir) o novo romance de Alain Robbe-Grillet, 214 páginas com a chancela das Éditions de Minuit. Grande discussão à volta do livro, já acusado de comercial.

Outras novidades da beira-rio (Sena) são o romance do pintor e cineasta Robert Lapoujade, «L'inadmissible», na Denoël; um testemunho americano de Edgar Morin, «Le journal de Californie», nas Éditions du Seuil; uma nova tradução de Malcolm Lowry, «Sombre comme la tombe où repose mon ami», também na Denoël (e nos planos da Europa-América, como já referimos); e «Imaginaires», de Jacques Prévert, que a Skira incluiu na sua luxuosa colecção «Les Sentiers de la Création».

Refira-se ainda a inauguração (Galerie Marthe Nochy, Rue de Seine, 93, em Saint-Germain-des-Prés) de uma exposição de pintura de Lawrence Durrell, na esteira do seu amigo Henry Miller. Durrell um destes dias aproveitou para levar os admiradores à galeria, onde autografava muito oportunamente exemplares de versão francesa de «Nunquam».

As editoras

As Iniciativas Editoriais preparam mais um lançamento de poesia: «(Este) rosto», de Fiama Hasse Pais Brandão, previsto para os primeiros dias de Dezembro. Fiama, participante do grupo de «Poesia 61», tem-se afirmado principalmente como dramaturga (à espera de encenador), mas o seu volume «Barcas novas» (col. Poesia & Ensaio, Ulisseia) veio entretanto dizer que a tentativa poética de anos antes não fora inconsequente.



Fiama: (Este) rosto

No sector da prosa registou-se um novo romance de Natália Nunes, «A nuvem», com capa do conhecido Júlio Gil. A edição é da S.E.C. Traduções, uma que nos lembra: «Oblovov o magnifico preguioso», de Ivan Gontcharov, nos Clássicos Civilização).

Uma Feira no Porto

Esta a decorrer no Porto a IX Feira Universitária do Livro, organizada pela Cooperativa Unicepe. Objectivo: dar, sobretudo aos estudantes, neste começo de época, oportunidade de adquirir livros técnicos estrangeiros — que chegam ao nosso País demasiado caros.

A Feira encerra-se a 16 de Dezembro.



Picasso visto por Alberti

O livro do mês em Espanha intitula-se «Los ocho nombres de Picasso». Autor: Rafael Alberti, o poeta de «A la pintura». Recordar-se para quem já o esqueceu que Alberti e Picasso são velhos amigos e mútuos admiradores.

Eis como o escritor malagueño enumera os elementos da pintura do grande catalão:

«Arriates, macetas, alhelios, / banco, peces, caminos, surtidores, / niños, laureles, pinos, mirtos, / evónibus, cipreses, / cedros, lirios, castaños, / rosales, césped, cielo, / nubes, ventanas, tejas, / chimeneas, sol, pájaros, / azules cromo, verdes conocidos, / sombras moradas ya sabidas, / agrios / amarillos, vulgares / repetidos colores...» (pág. 104).

Pitum elucida

O humor de Pitum (Keil do Amaral) foi à Galeria Quadrante, pendurou-se por toda a parte e mostrou aquilo de que é capaz um «cartoonista» a partir de uma obra dita séria — mas no fundo com o seu quê de ridículo. Sucedeu que em 1917 a Junta-Geral do Distrito do Funchal, assinalando o 5.º centenário do descobrimento da Madeira, resolveu publicar o «Elucidário madeirense» da autoria de... (Pitum explica no prefácio do seu volume). Cinquenta anos depois desaba entre o Savoy e a Sr.ª do Monte um jovem arquitecto cheio de verve. Descobre a Madeira. Descobre o «Elucidário». Empréstimo o seu traço aos ridículos da ilha. Nasce, assim, os «Subsídios para o conhecimento da ilha da Madeira», que aconselhamos vivamente aos portugueses vivos, i. e., aqueles que sabem rir. De outra forma também Pitum elucida — mas não será essa a marca do humor autêntico?



DE RAPINA

De rapina sem aves o meu dia
garras acesas ou um riso triste
de quem fendida a China ou a muralha
ainda solitária não resiste

De rotina sem chaves o silêncio
repartido por todos tão partido
que na manhã da letra colorida
quase a palavra branca faz sentido

De feina sem claves quem diria
osso distorce cotovelo roto
roda raiva rodízio ou rotação
do amor eficaz de um rei remoto?

De ravina sem traves oh tão livre
que sobejasse o ar quando o respiro
como se o respirá-lo fosse o lento
sono lento meu dia morto a tiro

MARIA ALBERTA MENÉRES (n. 1930), autora, entre outros, dos livros de poesia Intervalo (1952), Águia-Memória (1960), A Pegada do Yeti (1962) e co-organizadora da Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa.

De notar, no poema inédito que hoje publicamos, que alguma da sua agressividade resulta da repetida utilização do fonema /r/ no início de palavras como rapina, riso, resiste, rotina, repartido, roto, roda, raiva, rodízio, rotação, rei, remoto, ravina, respiro, etc., de que aliás, os dois últimos versos da terceira estrofe são um exemplo significativo:

roda, raiva, rodízio ou rotação
do amor eficaz de um rei remoto?

Estamos perante um processo de trabalho comum a esta autora e detectável, por exemplo, no poema facilmente fustiga a foice a face, incluído no livro: Os Mosquitos de Suburna (1967).

É um processo de investigação linguística que tende a realçar os traços expressivos dos elementos significantes e a acentuar enfaticamente diferentes partes do enunciado, de modo a sugerir as atitudes emocionais do enunciador.

As relações sintagmáticas, sob a presença da tritativa /r/, tendem também a anular ou a esconder um tipo de lirismo que nunca deixou de estar presente na poesia desta autora.

na **IMPÉRIO**
o seu seguro automóvel
é também um seguro à sua medida.
Talhado para o proteger
em todas as curvas,
em todas as circunstâncias.

Porquê?

Porque o Seguro Império é feito para si,
para o seu caso particular. A sua medida.
E é feito para o proteger. A si e à sua família.
Como condutor e chefe de família,
a medida da sua responsabilidade aumenta
em cada dia, em cada hora,
em cada curva da estrada...
Em cada curva da vida.
A Império deseja, com este novo Seguro,
aumentar a sua protecção
e a segurança que Você representa para os seus.

**seguro do condutor ✿
chefe de família**



IAO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
à sua seguradora

Rua Garrett, 62 - Lisboa
Rua Sá da Bandeira, 720, r/c. - Porto
Rua da Sofia, 92, 1.º - Coimbra

Queiram informar-me acerca da melhor maneira não só de SEGUIR O MEU
AUTOMÓVEL, MAS TAMBÉM A MINHA FAMÍLIA E EU PRÓPRIO,
COM O SEGURO DO CONDUTOR - CHEFE DE FAMÍLIA.

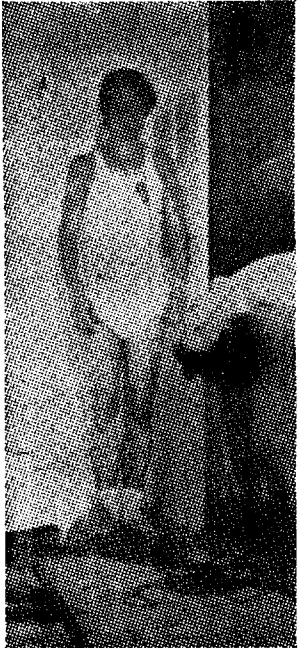
Nome _____ Rua _____ Local _____
Já é Segurado em Automóvel da Império? ☐ SIM ☐ NÃO
Telef. _____
Rua Garrett, 62 - Lisboa

PESARO 70 (conclusão)

Cont. da pág. 5

multaneamente uma síntese provisória e um regresso às fontes, o resultado das buscas dos filmes precedentes e uma abertura para a dimensão «épica».

Não é tanto a inserção ideológica dos filmes que nos surpreende, mas o modo como Garrel progressivamente a teoriza em termos de filme; e a consequência e a coerência



«La Concentration»

cia do discurso, fenómeno de cultura, se não cultural, toca intuitivamente um certo número de problemas das crises do cinema.

O cinema não é um simples e fiel reflexo do mundo, de uma situação histórica, de uma sociedade precisa da qual estivesse condenado a dar uma imagem ou uma reprodução. É antes um efeito e um produto da realidade. Os filmes de Garrel destroem esta concepção errada, não permitindo o conforto de uma tradução literal, que é apanágio das imagens (e sons) estereotipadas do cinema para burguês ver. Não basta psicanalisar ou interpretar os filmes de Garrel como uma simples criação psíquica de um «doente da tola», mais ou menos empenhado em perturbar a nossa (a nossa?) pacatez de pequenos espectadores. De cinema, como da vida, se me permitem a ousadia.

Os filmes de Garrel são, antes, um testemunho sobre a condição espiritual de uma geração em revolta, emanação, manifestação, representação empenhada nessa geração, que é a dele e, talvez, já não seja a vossa, a dos que sempre foram velhos, mesmo quando tinham 20 anos, nem a minha, apesar de tudo.

O exemplo da banalíssima interpelação do público, prova dos nove do Cinema Novíssimo, indica como Garrel pode fazer jogar a seu favor pressupostos altamente duvidosos. Tornou-se uso corrente tentar quebrar o «efeito de realidade» sobre o espectador com um

processo que, grosso modo, diz que se deve inserir o trabalho do filme na própria ficção, denunciar a mentira que o filme re-presenta: mostra-se a câmara num determinado ponto do filme, fala-se com o público (pode ser o realizador, ou um substituto, ou quem de direito) para o obrigar a tomar consciência, ou insultar, ou pedir esmola, etc. É evidente que este processo não chega para que um filme tenha um carácter materialista de pers. Acontece até que, em Garrel, em vez de quebrar a fascinação do filme vem, pelo contrário, reforçá-la e confirmá-la, individualizando, através do seu carácter alucinado e alucinatório, o campo do filme: cfr. *La Concentration* ou esta réplica de Didier Léon em *Marie pour mémoire*:

«Fecha! a projecção se me enganar; o que me inspira é a minha intuição que precede a razão. Regresso para vos comunicar que, neste instante, o tempo e o espaço já não me oprimem. Por isso, a minha alma é um céu aberto! O homem fez Deus à imagem da sua própria cura; a sua conduta repressiva agrava o seu estado de privação. Para libertar-se, reencontrar a memória, embrenhar-se em todas as metáforas que entretêm, entre elas, relações de perturbação. Uma última palavra: o estado em que precipito a argúcia do homem inconsciente que me habita chama-se... loucura».

A provocação que, como no terrífico «Mon enfant!» de *Marie pour mémoire*, ou na estridentíssima banda sonora de

La Concentration, não é simples agressão fisiológica: a negação violenta e total não participa de uma intenção de descontinuidade, mas de uma visão sintética. A própria escrita do filme tem um carácter físico e é no espaço do filme que se desenvolve: não um espaço pré-existente que o filme tivesse que descobrir submetendo-se às suas leis, mas um espaço, uma palavra, gestos, que a escrita determina e organiza, no mesmo momento em que se determina e organiza a si próprio. Assim sendo, o filme não faz mais do que afirmar permanentemente a função perigosa do cinema e, a partir do momento em que aparece, o seu estatuto patológico: o cinema como modo malsão de assumir as relações sociais. Mas isto, longe de ser o



projecto pré-existente ao filme é o que, justamente, o trabalho do filme ilumina, clarifica.

«O filme é a criança que não faço. É por isso que acho que o cinema tem qualquer coisa de monstruoso», dizia Garrel e eu, que não ato nem desato, fico a pensar pela cabeça do outro que «aquele que salta no vazio, não tem contas a dar a ninguém»...

JOÃO CÉSAR MONTEIRO

Em 6 meses, fizemos de "La Recherche" a primeira revista científica francesa. Podemos agora apresentá-la em Portugal.

Música sem guarda

Cont. da pág. 8

Interessa-me também a participação do público, porque sem isso o espectáculo não resulta. É claro que de um modo geral essa participação é passiva, e isso quando o trabalho não exige a participação activa desse público mas o compositor pode incluir esse tipo de participação e nessa altura ela será já uma componente do próprio trabalho, e far-se-á de uma maneira directa, como que vibrando por ressonância: um desdobramento sem limites.

III — DESVIO EM RELAÇÃO AS FÓRMULAS DE COMPOSIÇÃO

Não existe nenhuma integração em qualquer corrente ou tendência da música contemporânea. Para mim a base principal da música é o ritmo, a própria vida da música. Aliado ao ritmo vai então nascer a melodia, e, portanto, esta nunca será livre se o ritmo não o for. Esse ritmo, por sua vez nascerá espontaneamente, numa primeira fase, a que logo se seguirá a segunda mais elaborada e desenvolvida. A estrutura do quarteto é um exemplo. Mas

não (nunca) há uma regra para esse trabalho, dependendo sempre das características da própria peça. Se o ritmo é uma força que transborda dos limites métricos a melodia será também uma organização do espaço sonoro feita sem régua de cálculo.

Por outro lado, a liberdade de movimentos expressa na linha de contraponto de cada voz



é posta como um convite ao próprio fluxo do intérprete. A estrutura seria uma improvisação cristalizada com grande ambiguidade de soluções dentro de um sistema de regras para todo o serviço. Como que o elemento lúdico introduzido na evolução histórica musical, caracterizado pela livre utilização das fórmulas.

JOSE PAULO BRANDÃO

A informação científica era, até há pouco, um monopólio anglo-saxónico. Conseguimos modificar esse facto.

Para um especialista, um universitário ou um engenheiro, por exemplo, a informação é fundamental.

É para isso que trabalhamos.

Para fornecer uma documentação válida sobre as inovações científicas e tecnológicas ao mesmo tempo que estas se verificam.

Para abordar todos os aspectos da pesquisa científica no Mundo.

Para destrinçar, em cada matéria, o essencial do sensacionalista.

É ao cabo desse laborioso trabalho que mensalmente fornecemos uma síntese completa da actualidade internacional no campo científico.

E foi assim que criámos a primeira revista científica francesa: «LA RECHERCHE».

Encontramo-nos agora em condições de a apresentar também em Portugal.

Falamos afinal a mesma linguagem, embora o nosso idioma seja o Francês.

Sumário do número 5:

- As fronteiras da biologia, por Jacques Monod.
- As constantes físicas fundamentais, por B. M. Taylor, D. N. Langenberg e W. H. Parker
- As membranas, por B. A. Pethica e M. Cambiar
- A guerra química, por N. D. Tam
- Informática: um passo difícil
- Materiais novos para as naves espaciais
- As escolhas nucleares e a reestruturação industrial
- Como miniaturizar os lasers de grande potência etc...



Desejo beneficiar de uma assinatura de 1 ano (11 números) de «LA RECHERCHE» ao preço especial de lançamento de apenas 370\$00 em vez de 470\$00.

NOME:

PROFISSÃO:

FUNÇÕES OU ESPECIALIDADE:

ENDEREÇO:

Envie este talão, acompanhado da respectiva importância em cheque para: «LA RECHERCHE» — 4, Place de l'Odeon — Paris 6°

Oferta válida até 1 de Dezembro de 1970 e reservada aos leitores ainda não assinantes de «LA RECHERCHE».

«GOIVOS, LIRIOS E AIS»

Livro póstumo, de poemas de Ernesto Augusto da Silva Pereira (Essépé). A sair brevemente.

UNIVAS

MÚSICA SEM GUARDA

TEATRO «PRIMEIRO ACTO». Algés. Amanhã (20) e 22, ir-se-á fazendo uma sessão de música sem guarda, nem avante, nem atrás, nem dos lados. Serão executadas duas obras: o «QUARTETO PARA CORDAS», de JOSÉ BRANDÃO, e «O VIOLINO INDIGESTO», para violino, violoncelo, dois sopranos, um contralto, trompa, trompete, piano, dois alti-falantes e um recitante, de JOSÉ ALBERTO GIL. E é com muito prazer que estes senhores se apresentam pela primeira vez ao nosso querido público. Seguem dois depoimentos acerca de uma problemática desviada cá para o sítio:

Depoimento de José Alberto Gil

I — ACERCA DO DESVIO EM RELAÇÃO AOS CIRCUITOS DE PROMOÇÃO

Trata-se de uma realização à margem, feita por indivíduos marginais nestas coisas-de-arte-por-aí, e num local também desviado e por isso não sujeito à vigilância passiva dos circuitos artísticos estabelecidos. Tem as vantagens de desempacotar o indígena, que vive, normalmente, fazendo as suas coisas nos locais que lhe foram (por quem?) marcados. Tal como os músicos ambulantes, que por isso não são «cégulhos» de todo, a música surge (d)onde não se espera, autopromovida e sem carimbo.

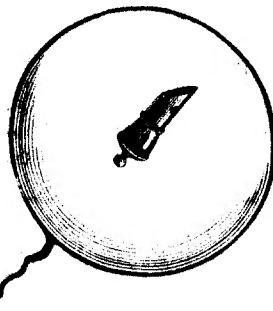
II — DESVIO EM RELAÇÃO AS NECESSIDADES DE CONSUMO DO PÚBLICO DAQUI

O público está habituado a ficar de fora, perante (qualquer) obra musical, que só através de cliques e certos prismas deformantes lhe diz qual-quer coisa. A esta impossibilidade de compreensão há que juntar uma certa inocência e o princípio do menor esforço. Tanto mais que a música é uma linguagem bastante fluida, que transborda dos tradicionais modelos e métodos de leitura e apreciação. Logo, trata-se de saber que sistema de valores se lhe há-de sobrepor. O resultado vulgar é o tal espectáculo de «efeitos», que no extremo descamba no virtuosismo, ou seja, o espectáculo entendido e feito como sucessão de

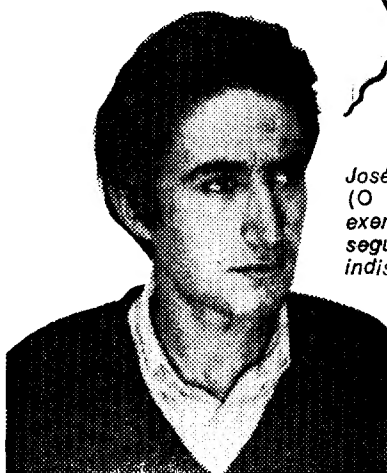
momentos brilhantes, bem feitos e trabalhando os instrumentos com eficiência, nisso se assemelhando ao funcionamento de qualquer torradeira eléctrica. Porque a minha «obra» é um exercício e não uma obra, é imprópria para consumo.

Além disso, é muito do agrado de quem se aproveita das situações que certos indivíduos carimbados de vanguardistas

do mais destilado conceito de música experimental, em que a experiência é simultânea da vivência. Isso implica uma reflexão-refracção a



José Alberto Gil
(O Violino Indigesto):
exercício de evacuação
segundo uma linguagem
indisposta



façam as tais coisas esquisitas para satisfação de quem gosta de andar «à la page». Ora, as 3 soluções que se apresentam para quem quer «dizer» algo, são: ou não o diz, por vontade própria ou alheia, ou di-lo, e é de burpado, incompreendido, e sofre as consequências, ou entra no figurino, e é absorvido, quantificado e vendido. Tudo depende, portanto, da situação do público perante a obra e da evidência desta, que é a melhor maneira de não ser distorcida. A minha obra foi feita com fins esperequiosos, concebida e dedicada a Ana Bousquet, perfeito modelo do desvio quotidiano, sem órbita marcada, impossível de medir e avaliar, há muito a escorrendo por entre as mãos de quem pretenda apanhá-la. O público perante a obra funciona como um condutor eléctrico, e faz parte integrante da obra, devido à ordenação ou reclassificação que sofrerá a sua situação na sala. Isto é: pretende-se transpor para a situação-ordenação do público a mesma ideia-estrutura que preside à organização do som. Claro que interessa que o público participe, mas não do género: Ora-agora-tocas - tu-que-depois - eu-participo-e-digo-uns-versos-que-eu-cá-sei.

III — DESVIO EM RELAÇÃO A DITA VANGUARDA

Por isso tudo, e pelo facto de a obra ser apenas de uma e a estrutura sonora propicia a um desleste das características prévias, quer sejam sonoras, quer se trate de um lugar na história ou na evolução. E na busca

a ordem ou prévia colocação das coisas (e pessoas) nos seus (?) devidos lugares, e ela é a base de todos os sistemas, de qualquer feitio. Daqui a necessidade de uma oscilação constante entre o papel duma «voz instrumental» no discurso e no conjunto, e o seu desvio em busca duma maior ambiguidade e abertura na comunicação.

V — DESVIO EM RELAÇÃO AS FUNÇÕES NA LINGUAGEM

Função: fórmula que permite estabelecer relações e distâncias entre uma dimensão ou termo de comparação e uma posição abrangida por eles.

Ora portanto as funções aparecem como características prévias que determinam certas posições em relação a um sistema de dimensões. Temporalmente a posição implica uma disposição, um comportamento.

Ora agora pode-se «definir» o «Violino Indigesto» como: exercícios de evacuação segundo uma linguagem in-disposta. Digo evacuação em todos os sentidos que a palavra pode ter: deslocação, e mesmo a fisiológica.

Para além deste espírito reactivo tornado evidente nos constantes desvios em relação às posições numa estrutura sonora, há que manter uma continuidade horizontal antes e depois dos desvios: a individualidade da «voz instrumental», isto é, de cada componente do discurso. Esta individualidade, por meio de processos aleatórios, é tornada a individualidade

do instrumentista. E um violinista é mais que um tangedor de violino. Há que tornar o instrumento num instrumento.

VI — DESVIO EM RELAÇÃO AO TIPO NORMAL DE ESPECTÁCULO MUSICAL

Entre as dimensões que condicionam uma obra e vice-versa estão também as características do envolvimento. Não só acústicas, mas também as distâncias, as marcações e um possível movimento. Num espectáculo (de «spectare», olhar) existe um espaço em que se situa o intérprete-criador tanto como se situa num espaço sonoro (invisível e in visível). E acho que o método-modelo de operar nos dois tipos de espaço é o das disposições-indisposições atrás referidas.

Como se disse também atrás, o público faz parte integrante da obra. Público como público, isto é, a sua situação, visto que a um nível de ideias ou significados já está vacinado com os diversos mecanismos de defesa adquiridos com o hábito, tanto mais em relação à música linguagem equívoca. E para um compositor que o não é por ofício, sem carteira profissional e com o bilhete de identidade caducado, uma situação frontal com o público é inadmissível, visto que está fora das leis de oferta e procura, mas na busca duma posição (ou indisposição) comum.

Processos de indisposição cénica: os músicos estão já algures, em resultado de uma descen-



tralização cénica, uma reversibilidade na sala, e uma separação palpável dos lugares prévios. O palco é considerado como um lugar vazio, e os movimentos são obscuros e ocultos. A assistência dispõe-se segundo uma classificação, estúpida como todas as classificações, de modo a desintegrar os grupos e fazer ouvir a obra individualmente.

Por fim, estando os músicos «amarrados» à sua função de linguagem, no conjunto, a possibilidade de comunicação será nas interferências provocadas por intervenções paralelas, de certa maneira lembrando John Cage. Perante um afluxo sonoro circundante, em que as relações se devem à sua simultaneidade, a percepção faz-se visceralmente. As correlações assim obtidas traduzem-se em actos teatrais, que, por serem evidentes representam o que são estruturalmente.

«E assim se fazem as cousas» — Gil Vicente.

Depoimento de José Paulo Brandão

I — DESVIO EM RELAÇÃO AOS CIRCUITOS DE PROMOÇÃO

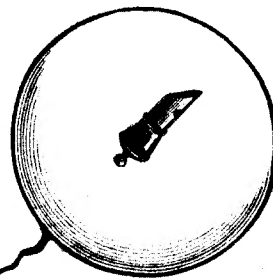
NÃO ACHO necessário, nem esteticamente compensador, realizar concertos integrados nas instituições oficiais, na medida em que essa integração vem pôr certas limitações ao compositor. Ele deve sim procurar nunca integrar-se para maior liberdade de acção e um não apego a certas ideologias que não são mais que remendos. A autopromoção, dá-nos a vantagem de compor em função de formações livres, em, portanto maior domínio nas formas de linguagem.

II — DESVIO EM RELAÇÃO AS NECESSIDADES DO PÚBLICO

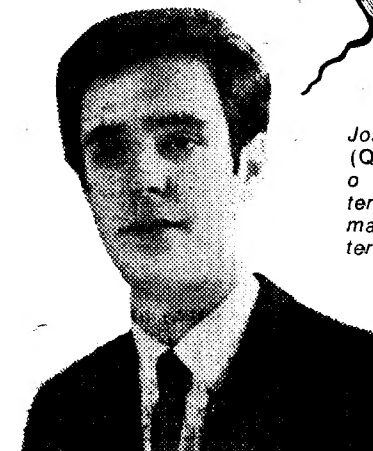
As relações compositor-público estarão de fora das necessidades de consumo na medida em que houver um entendimento da obra. Evidentemente que todo o trabalho para fazer entender uma peça, composta tradicionalmente mesmo com inovações de linguagem, depende da informação exterior à obra e da capacidade do público de fazer uma «leitura» desempostrada. No entanto as relações com

o público levantam outros atriolos:

Será possível de enquadrar num sistema social, dentro de uma profissão, o acto de compor segundo uma linguagem livre de



José Paulo Brandão
(Quarteto para cordas):
o acto da composição
terá que ser livre,
mas o compositor
terá de subsistir



sistemas? Acho que o acto da composição terá de ser livre, mas o compositor terá também de substituir pelo maior ou menor valor que possam ter as suas obras. Portanto, o ideal, a meu ver, seria uma profissionalização do compositor, mas muito especial, na medida em que os seus deveres (da profissão), se é que os tivesse, teriam de ser confectionados a esse tipo de profissão, profissão que só existi-

ria numa sociedade sem barreiras de comunicação. Mas como eu vivo agora tenho de optar por uma profissão sem ofício, isto é, sem padrão. O público é um elemento muito importante na obra de um artista, porque seria ele que o julgaria (quando o público fosse conhecedor da linguagem, claro) do seu valor não utilitário, isto é, que não serve para adotar o ouvido.

Cont. na pág. 7

ULTIMOS LANÇAMENTOS **PRELO**

AUTORES A LEBRE
DE ALVARO GUERRA
— DISSECANDO, TALENTOSAMENTE, A COMPLEXA REALIDADE DA SOCIEDADE BURGUESA CONTEMPORÂNEA.

CHIQUINHO
(3.ª Edição)
DE BALTASAR LOPES
— A OBRA MAIOR DA LITERATURA CABO-VERDIANA.

BIBLIOTECA DE ECONOMIA
A DESVALORIZAÇÃO DA MOEDA
DE A. H. LEAL DOS SANTOS
— UMA ANÁLISE OPORTUNA

PEEP N.º 5
CADERNOS DE POLÍTICA ECONÓMICA E ECONOMIA POLÍTICA
PREÇO 15\$00

PRELO EDITORA, S.A.
RUA DA MISÉRICÓRDIA 67 2.º TEL. 370691